



VALDEMIR CUNHA

Brasil
Natural



LEI DE INCENTIVO À CULTURA

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL

BRASIL

PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

bancofator 

ISBN 978-85-64444-00-3



VALDEMIR CUNHA

Brasil
Natural



VALDEMIR CUNHA

Brasil *Natural*



VALDEMIR CUNHA

Brasil *Natural*



ISBN 978-85-64444-00-3



9 788564 444003

bancofator 





















FOTOGRAFIA
VALDEMIR CUNHA

TEXTO
XAVIER BARTABURU

Brasil

Natural





MINISTÉRIO DA CULTURA APRESENTA

Patrocínio

bancofator 

Realização



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cunha, Valdemir
Brasil natural / fotografia Valdemir Cunha ;
texto Xavier Bartaburu. -- São Paulo : Editora
Origem, 2011.

ISBN 978-85-64444-00-3

1. Fotografias - Brasil I. Bartaburu, Xavier.
II. Título.

11-03584

CDD-779.9981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Fotografias 779.9981
2. Fotografias : Brasil 779.9981

Brasil

Natural



Carta do patrocinador



Brasil é uma fascinante celebração à diversidade. São diferentes etnias, culturas, religiões, climas e paisagens que interagem e que nos definem como nação.

Pela dimensão continental de seu território, o Brasil possui uma extensa fonte de belas imagens, quase impossíveis de serem descritas. O trabalho do fotógrafo Valdemir Cunha, como pode ser visto neste livro, apresenta o registro sensível da pluralidade geográfica brasileira. Através de suas lentes, capturando imagens em suas viagens e descobertas pelo país, Valdemir nos apresenta paisagens intensas e grandiosas.

Para este livro, foram selecionadas imagens de sete regiões brasileiras: Monte Roraima, Lençóis Maranhenses, Fernando de Noronha, Chapada Diamantina, Pantanal, Foz do Iguaçu e Cânions do Sul. Nesses lugares, a preservação dos recursos naturais e a sabedoria do homem para conviver em harmonia são questões imprescindíveis para que futuras gerações também possam conhecê-los.

Compartilhar com as pessoas um pouco desses paraísos naturais é o intuito deste trabalho. Ao longo de sua trajetória, o Banco Fator sempre apoiou iniciativas artísticas e culturais, e é com satisfação que patrocinamos o projeto **Brasil Natural**.

Você está convidado para conhecer o nosso país em cores vivas e vibrantes.

Letter from the Sponsor

Brazil is a fascinating celebration of diversity. There is an interaction between different ethnicities, cultures, religions and landscapes that defines us as a nation.


Due to the continental dimensions of its territory, Brazil possesses a vast wellspring of beautiful images, almost impossible to describe in words. The work of photographer Valdemir Cunha, as seen in this book, presents a comprehensive record of Brazil's geographic plurality. Through his lens and the images captured on his many travels and discoveries throughout the country, Valdemir provides us with intense and grandiose landscapes.

For this book, images from seven regions of Brazil were selected: Mount Roraima, Lençóis Maranhenses, Fernando de Noronha, Chapada Diamantina, the Pantanal, the Iguazu Falls and the Canyons of the South. In these places, the preservation of natural resources and human wisdom in coexisting harmoniously with nature are conditions that are essential for future generations to be able to also experience them.

The intention of this book is to share a little of these natural paradises with readers. Throughout its history, Banco Fator has always supported artistic and cultural initiatives and so it is with great satisfaction that we have sponsored the project **Brasil Natural**.

This is your invitation to get to know our country in vivid and vibrant colors.

Carta do Editor

 ano era o de 1988, mês de maio. Numa sala de aula da faculdade de jornalismo, vi numa revista imagens de um lugar no Brasil que me espantaram tamanha beleza. Com o título “O deserto das águas”, a reportagem falava de um lugar repleto de dunas e lagoas verde-esmeralda habitadas por pequenas comunidades nômades que sobreviviam da pesca e da criação de cabras.

Nada tinha me chamado tanto a atenção quanto aquelas fotos. Não imaginava que poderia existir um lugar tão exótico e tão perto (ou quase). Naquele dia decidi que iria viajar para o tal dos Lençóis Maranhenses e comecei a pesquisar. A curiosidade me fez descobrir outras regiões tão impressionantes e desconhecidas (na época) como a daquelas fotografias da revista. E quanto mais eu pesquisava, mais surpreso ficava com a beleza e variedade de nosso país.

Em **Brasil Natural**, reuni os sete lugares da minha primeira lista de destinos que queria conhecer aos 20 e poucos anos. O número sete me pareceu bom porque cobria todas as regiões. Porém, no final dos anos 1980, minha lista parecia tão improvável como uma viagem para Timbuktu, no Mali.

Passados mais de 20 anos do meu primeiro encontro fotográfico com os Lençóis Maranhenses, apresento neste livro as melhores imagens que trouxe na bagagem nesses tempos de andanças pelos Cânions do Sul, Chapada Diamantina, Fernando de Noronha, Foz do Iguaçu, Lençóis Maranhenses, Monte Roraima e Pantanal.

Na época da elaboração da lista, os lugares foram escolhidos pela grandiosidade e diferenças entre si. Agora com **Brasil Natural** concluído, posso afirmar com certeza de que qualquer viajante interessado em conhecer o Brasil obrigatoriamente deve visitar os destinos apresentados aqui.

Espero que, ao passar pelas imagens deste livro, você sinta o mesmo que eu ao ver pela primeira vez as fotografias de “O desertos das águas”. E também veja o Brasil como um dos lugares mais belos do mundo.

Valdemir Cunha
EDITOR

Letter from the Editor

The year was 1988, during the month of May. Inside a classroom, at the University of Journalism, I was awe-struck by the sheer beauty of the images from a magazine, depicting a place in Brazil. With the headline “O deserto das águas” (The Desert of Water), the article spoke of a place full of dunes and emerald-green lakes, inhabited by small nomad groups that lived off fishing and goat herding.

Nothing had yet caught my eyes as much those images had. I could have never fathomed that such an exotic place could be so near, (or almost). On that day, I made up my mind to go to the Lençóis Maranhenses and started my research. Curiosity led me to discover still other regions, as impressive and unknown – at the time – as that from the magazine. And the more I looked into it, the more surprised I would be by the natural beauty and variety of our country.

In **Brasil Natural**, I gathered the seven places from the first destination list I set out to see in my early twenties. The number seven sounded good to me because it would allow me to cover all the regions. Nevertheless, in the late 80s, my list seemed about as feasible as a trip to Timbuktu, in Mali.

Twenty years after my first photographic encounter with the Lençóis Maranhenses, I present this book with the best images that I captured during my wanderings throughout the canyons in the south, Chapada Diamantina, Fernando de Noronha, Foz do Iguaçu, Lençóis Maranhenses, Monte Roraima and Pantanal.

When the list was composed, these places were chosen for their magnitude and the contrast between one another. Seeing **Brasil Natural** realized, I can readily assert to any traveler interested in truly getting to know Brazil that seeing the places portrayed here is essential.

I hope that, as you go through the images in this book, you will feel the same way I did when I first laid eyes on the pictures of “the desert of waters”. And that, then, you may also see Brazil as one of the most beautiful countries in the world.

Valdemir Cunha
EDITOR

Brasil *Natural*

*N*ão faz tanto tempo assim. Coisa de uns 20 anos. Àquela época, por mais incrível que isso pareça hoje, boa parte das maravilhas geográficas deste imenso e generoso Brasil era uma incógnita. Não havia literatura consistente ou fotografias variadas de nossos confins selvagens, nossos parques nacionais, nossos refúgios de beleza natural e biodiversidade. Falava-se da Chapada Diamantina, no sertão da Bahia, como um destino decadente de garimpeiros, polvilhado de cachoeiras gigantes, vales secretos e poços azuis. Pairava sobre Fernando de Noronha a sombra de um presídio e do duro isolamento no meio do Atlântico. O Monte Roraima era um mistério no norte da Amazônia, muito além da floresta e da realidade – dinossauros habitavam aquele mundo perdido. Ouviam-se relatos vagos a respeito de um deserto improvável, de areias brancas e lagoas verdes no litoral do Maranhão. O Pantanal virou uma telenovela e, justamente por isso, parecia cenário de ficção.

Ninguém ia normalmente para esses lugares. Eles não eram espaços de entretenimento, contemplação, aventura. Mas a natureza virou moda com a Eco 92, no Rio de Janeiro. Nasceu o chamado ecoturismo. Foram idealizados projetos para a preservação de animais ameaçados ou de lugares de grande importância biológica. E para amalgamar todas essas novas e valiosas tendências, surgiu a revista *Os Caminhos da Terra*. Se o país mudou muito desde então, se até mesmo parece menor, cheio de atalhos e de conforto para os viajantes, muito se deve – para o bem ou para o mal – ao trabalho desses pioneiros do turismo, da conservação e do jornalismo.

Se eu pudesse dedicar este livro, seria para todos aqueles que, como eu e o Valdemir, tiveram a sorte de trabalhar na *Terra*, essa revista tão carismática, tão jovial e tão plena de sentido nos idos dos anos 1990, quando, para nossa sorte, tantos horizontes existiam para ser explorados e documentados Brasil afora. Foi um tempo bom. Ah, como foi.

De coração aberto e espírito livre, nós pegamos a estrada. Que foi longa e bela, como se verá a seguir.

Ronaldo Ribeiro

EDITOR SÊNIOR DA REVISTA NATIONAL GEOGRAPHIC

It wasn't that long ago. Just 20 years or so. At that time, as incredible as it may seem today, a large part of the geographical wonders of this immense and generous nation known as Brazil were yet to be discovered. There was no consistent literature or diverse photography that dealt with the country's wild frontiers, national parks and wildlife reserves with their natural beauty and biodiversity. People used to talk about Chapada Diamantina, in the backlands of Bahia, as a declining destination for prospectors, scattered with gigantic waterfalls, secret valleys and blue oases. The shadow of its prison and harsh isolation in middle of the Atlantic Ocean hung over Fernando de Noronha. Mount Roraima was a mystery in the northern Amazon, well beyond the forest and beyond reality; it was a lost world inhabited by dinosaurs. You would hear vague accounts of an improbable desert, made of white sand and green lagoons on the coast of Maranhão. The Pantanal became the setting for a telenovela and, precisely because of this, seemed like a work of fiction.

*No one went to these places normally. They weren't locales for entertainment, contemplation or adventure. But then came the Earth Summit in 1992 and nature was suddenly in fashion. What we now know as ecotourism was born. Projects were developed for the preservation of endangered species and places of great biological importance. And, in order to synthesize all of these new and valuable trends, the magazine *Os Caminhos da Terra* ["The Paths of the Earth"] emerged. If Brazil has changed a lot since then, if it even seems like a smaller country, filled with shortcuts and comfort for travelers, a lot is owed – for better or for worse – to the work of these pioneers in tourism, conservation and journalism.*

*If I could dedicate this book, it would be to all those who, like Valdemir and myself, were fortunate enough to work at *Terra*, a magazine that was so charismatic, so jovial and with such a sense of meaning in the mid-1990s when, luckily for us, there were so many horizons to be explored and documented in Brazil and abroad.*

With open hearts and free spirits, we hit the road. A road that was long and beautiful, as you will soon see.

Ronaldo Ribeiro

SENIOR EDITOR OF NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE

Brasil

Natural

28 ENSAIO

96 Cânions do Sul

114 Chapada Diamantina

130 Fernando de Noronha

146 Foz do Iguaçu

162 Lençóis Maranhenses

178 Monte Roraima

194 Pantanal





ENSAIO
Brasil Natural
Nature Brazil





















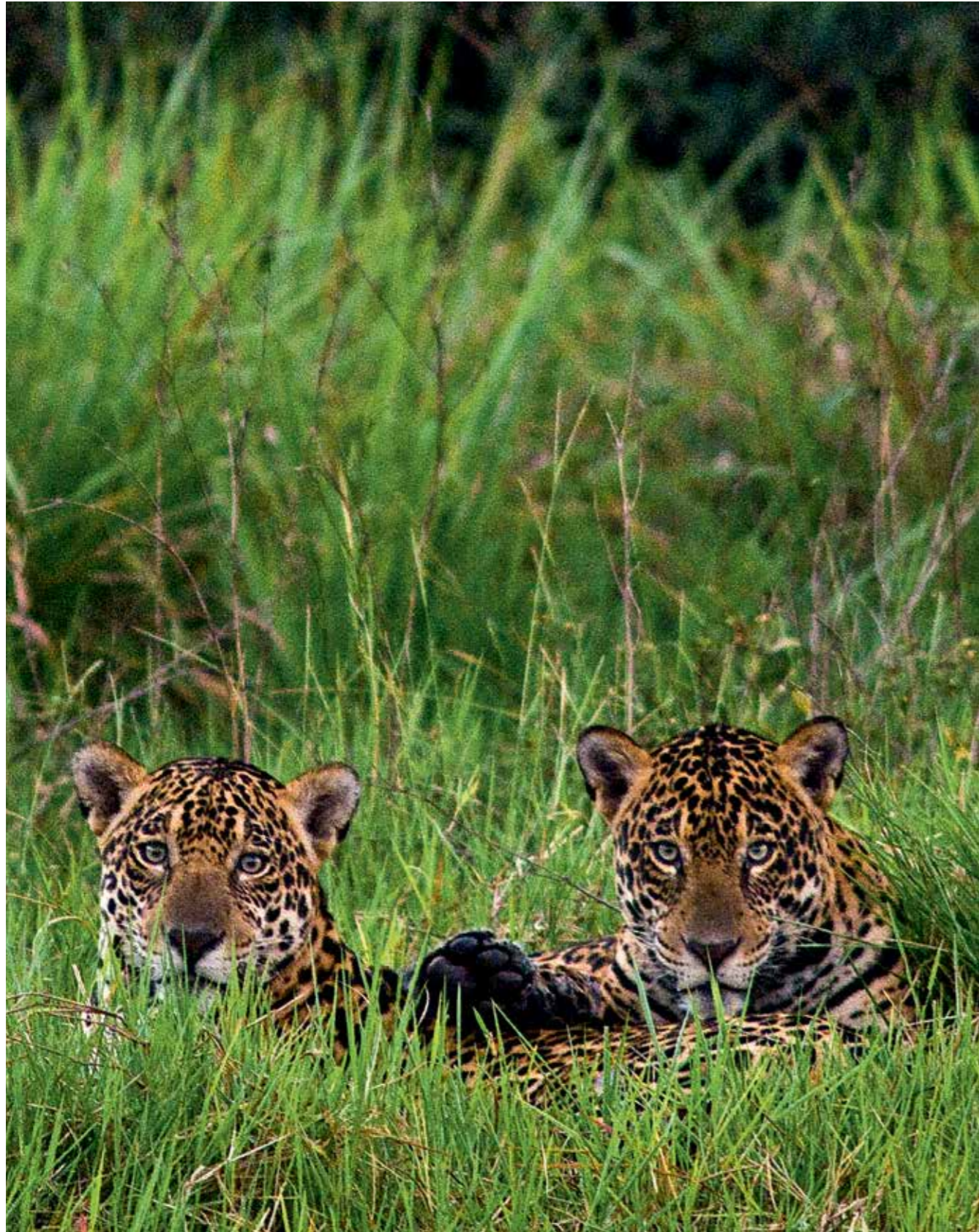














62 Monte Roraima



Chapada Diamantina 63

















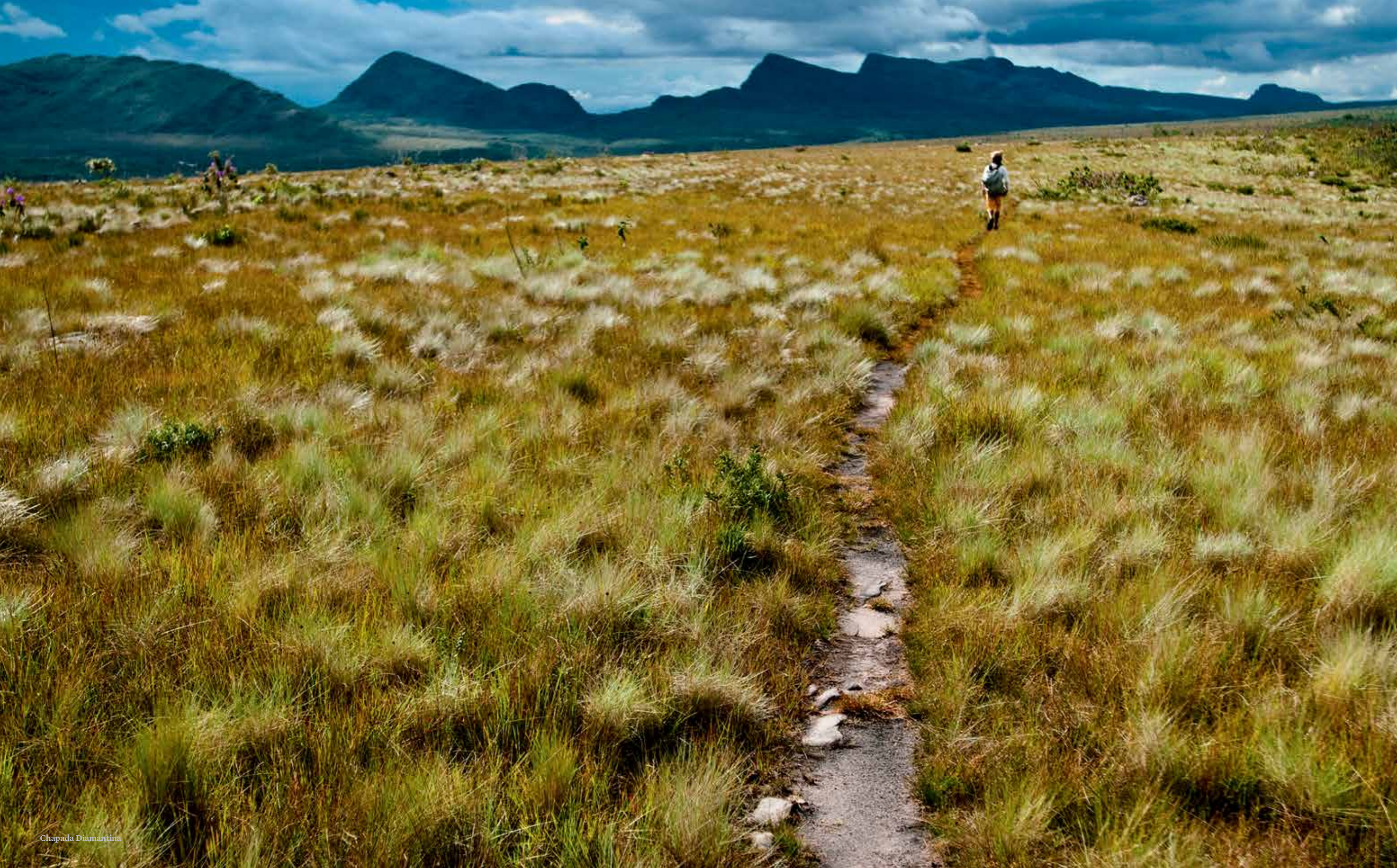


















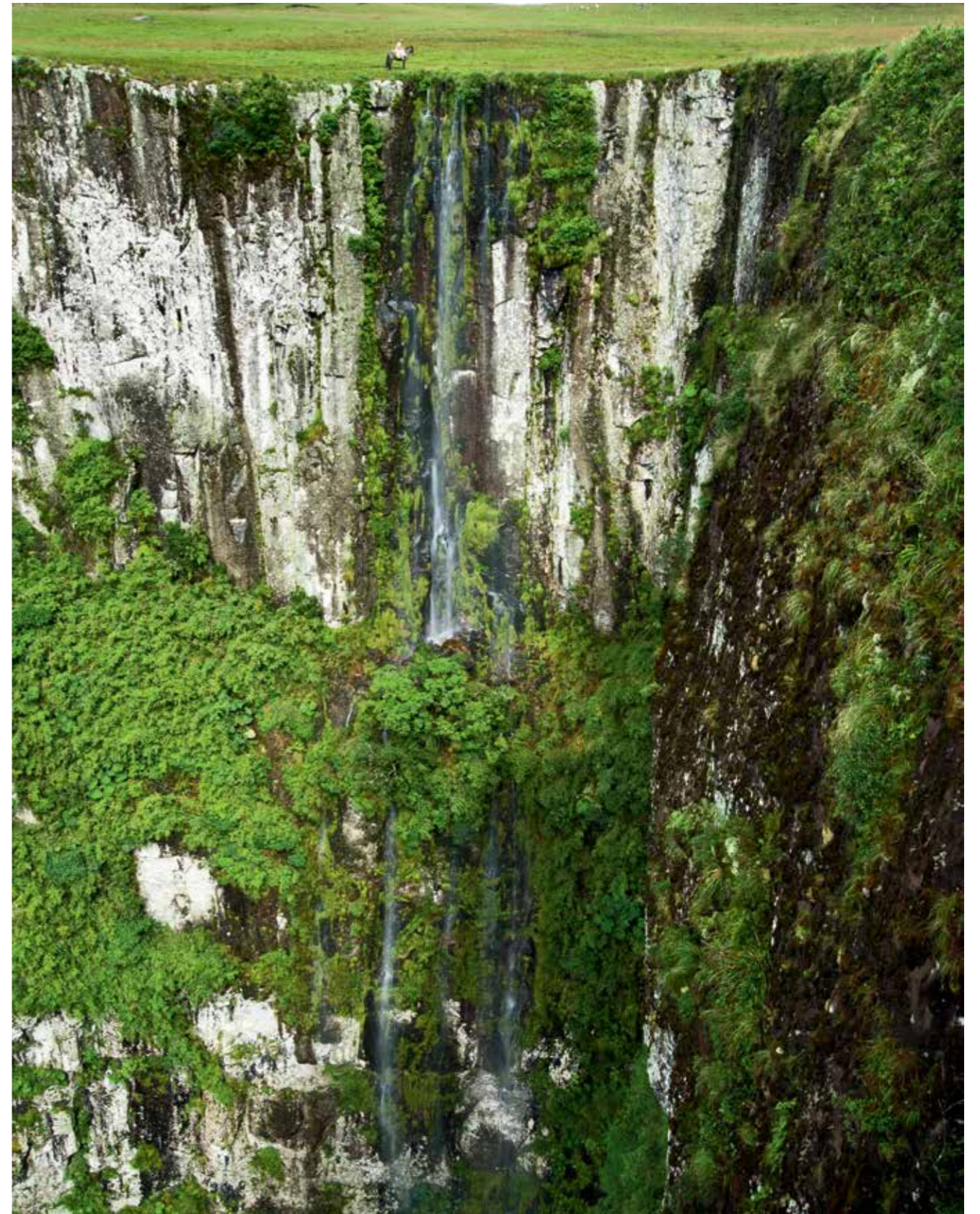
CÂNIONS DO SUL

Adoráveis precipícios
Loving cliffs

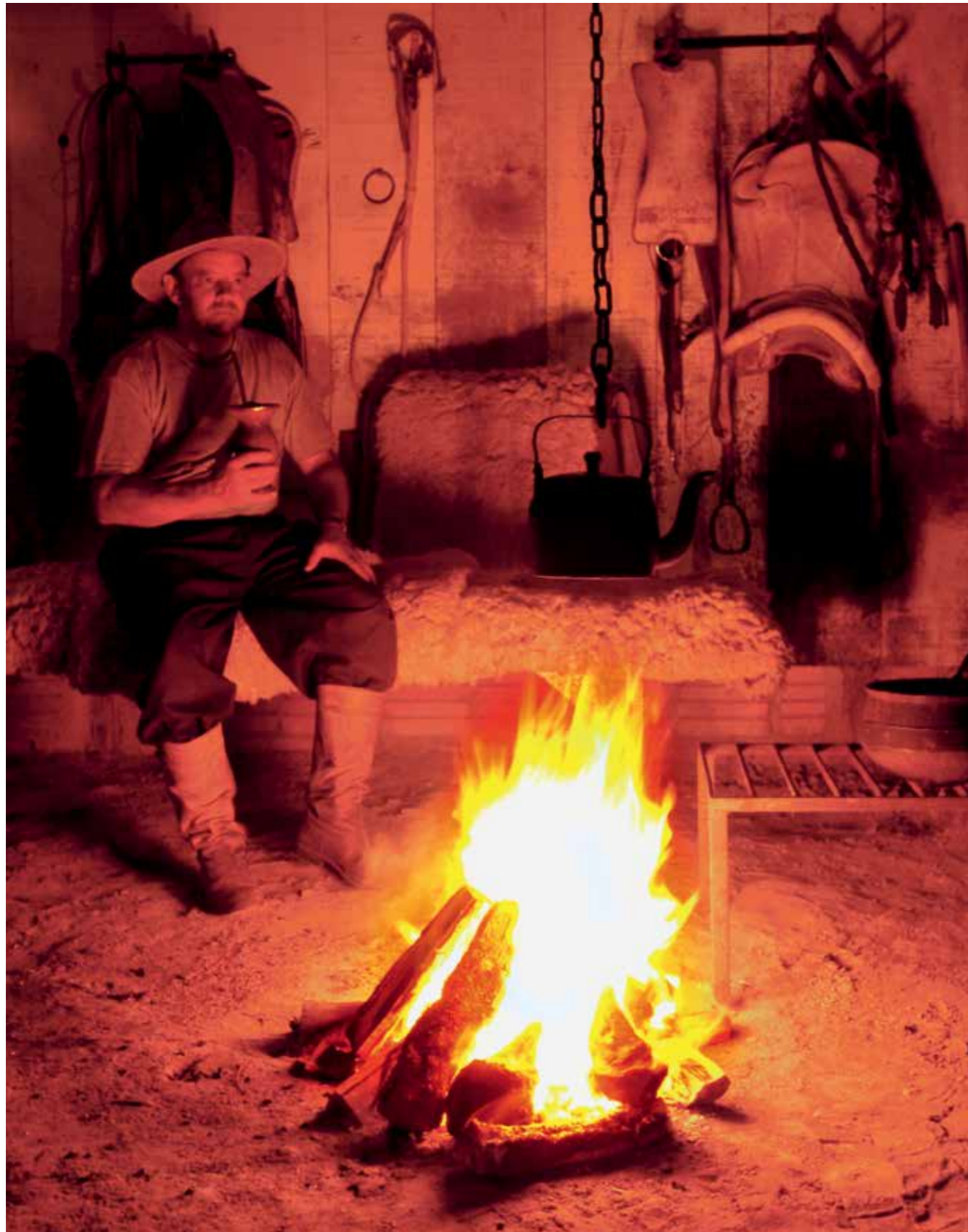




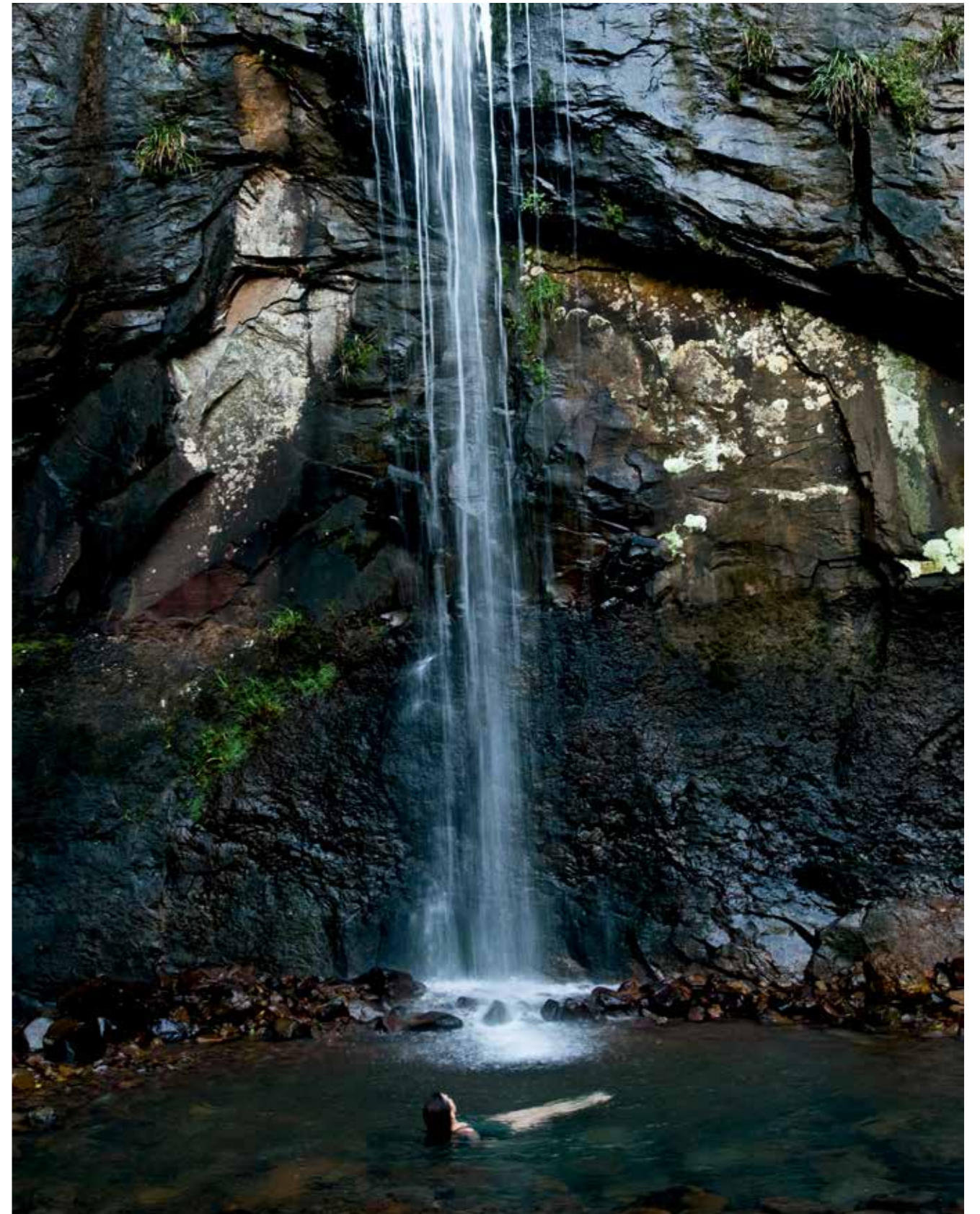
100 Gaúcho tomando chimarrão, RS | *Gaúcho drinking chimarrão, RS*



Cânion do Monte Negro (São José dos Ausentes, RS) | *Monte Negro Canyon (São José dos Ausentes, RS)* 101



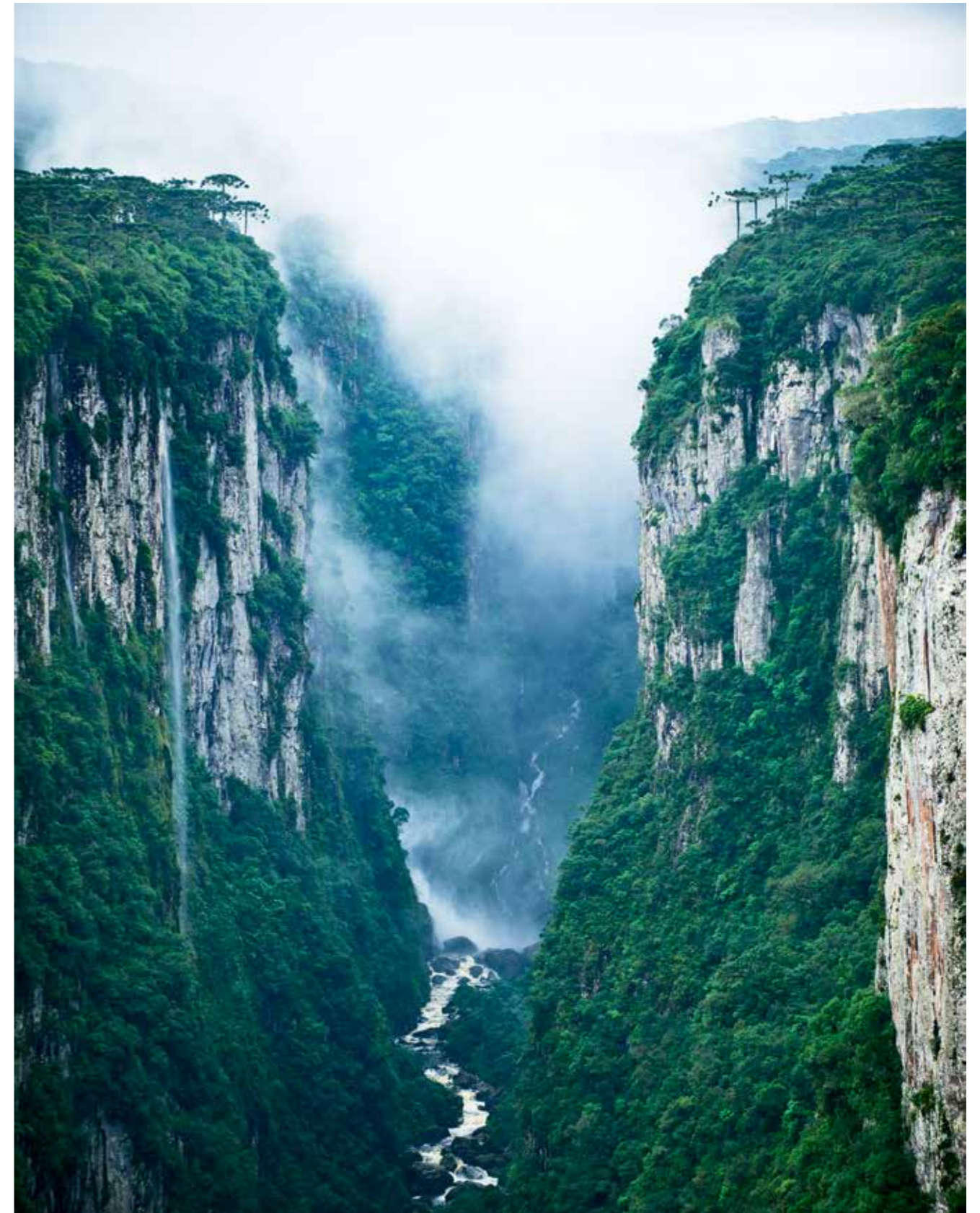
102 Galpão crioulo, RS | Galpão crioulo, RS



Cachoeira da Onça (Praia Grande, SC) | Onça Falls (Praia Grande, SC) 103

Começou faz uns 140 milhões de anos, quando a África e a América do Sul resolveram desgarrar-se uma da outra e empreender cada uma sua viagem particular, em direções opostas. Rupturas assim costumam deixar cicatrizes marcantes, e uma das mais significativas, ferida exposta mesmo, é a escarpa oriental da Serra Geral. No momento da separação, a terra rachou como um biscoito e, do lado de cá, uma extensa faixa de penhascos abruptos restou de frente para o Atlântico. Como gêmeos siameses separados desde o nascimento, a cada metade o tempo reservou um destino diverso. Aqui, os milhões de anos que se sucederam encarregaram-se de construir um lugar raro e bonito, onde rios laboriosos, ao buscar o caminho do mar, cavaram vales íngremes e profundos, de paredes tão retas que parecem ter sido aparadas na faca. Os índios que primeiro habitaram este lugar o chamaram de Itaimbé, “pedra afiada” em tupi-guarani. Depois vieram os tropeiros, e para eles foi Aparados da Serra.

It started some 140 million years ago, when Africa and South America decided to break away from each other and take their own particular trips, in opposite directions. Ruptures typically leave striking scars, and one of the most significant, a still open wound, is the eastern escarpment of the Serra Geral. At the moment of separation, the earth crumbled like a cookie and, on this side, an extensive range of sheer cliffs were left overlooking the Atlantic. Like Siamese twins separated at birth, time reserved for each half a unique destiny. Here, the millions of years that followed undertook the construction of a rare and beautiful place where rivers industriously seeking a path to the sea, dug deep and steep chasms, straight walls that seem to have been trimmed by a knife. The Indians who first inhabited this place called it Itaimbé, or “flint stone” in Tupi-Guarani. Then came the ranchers, and for them it was Aparados da Serra.





Em rigor, Aparados da Serra é o nome apenas deste trecho da Serra Geral, bem onde Rio Grande do Sul e Santa Catarina fazem divisa, que demarca o início do território dos cânions meridionais. É o mesmo pedaço que, em 1959, foi transformado no Parque Nacional de Aparados da Serra e, em 1992, ganhou uma extensão sob a denominação de Parque Nacional da Serra Geral. Mas essa imensa fratura exposta transcende limites de parques e nomenclaturas e se estende para além de terras gaúchas, compondo uma vasta muralha de 250 quilômetros de extensão em que as gargantas se sucedem uma vizinha à outra, como que competindo em beleza e grandeza. Em solo catarinense, o Parque Nacional de São Joaquim estabelece a fronteira norte deste mundo vertical.

Considere a paisagem dos cânions como um



enorme degrau de basalto que divide este pedaço do Brasil em dois, separados por um desnível de mil metros. No alto do platô, existem os campos de cima de serra, um mar de colinas suaves e pardacentas, denominadas coxilhas, forradas por um extenso capinzal. Parece até que o Pampa subiu a serra. Território ermo, gelado e imóvel, seria decerto triste não fossem os capões de araucárias que brotam nos baixios, fornecendo sombra, comida e abrigo para bichos e homens. Este é o lugar mais frio do país, e todo inverno, nem que seja por umas poucas horas, a neve cobre os campos e faz deste Sul de altitudes e latitudes elevadas um lugar meio metido a estrangeiro. No cume do Morro da Igreja, em Urubici, a 1.822 metros sobre o nível do mar, um recorde nacional foi registrado: 17,8 graus centígrados negativos no inverno de 1996.



Strictly speaking, Aparados da Serra is the only name of this stretch of the Serra Geral, which makes the border between Rio Grande do Sul and Santa Catarina, marking the initial territory of the meridional canyons. It's the same place that, in 1959, was transformed into the Aparados da Serra National Park and, in 1992, gained an extension under the name of the Serra Geral National Park. But this huge fracture transcends park boundaries and classifications, extending beyond the lands of the Gauchos, forming a vast wall stretching 250 kilometers, in which gorges succeed one neighbor after another, as if competing in beauty and grandeur. On Santa Catarina soil, São Joaquim National Park establishes the northern border of this vertical world.

Consider the landscape of the canyons a huge basalt foot step that divides this part of Brazil in



two, separated by a gap of one thousand meters. At the top of the plateau, there are fields covering the ridge, a sea of rolling mousy hills, called moguls or 'coxilhas', lined by extensive grasslands. It almost seems like the prairie climbed the mountain. Wild, cold and motionless country, it would certainly be doleful without the copses of pines which grow in the shallows, providing shade, food and shelter for animals and humans alike. This is the coldest place in the country, and every winter, even if only for a few hours, snow covers the fields and makes this southern point of high altitudes and latitudes a touch foreign. The Morro da Igreja 'Hill of the Church' summit, at 1,822 meters above sea level, is where the national record was recorded: minus 17.8 degrees Celsius in the winter of 1996. Through these fields the rivers run and later spill over the canyon

Por esses campos os rios correm e depois escorrem pelo vértice dos cânions que eles mesmos cavaram nos últimos 20 mil anos. Alguns despencam pelos paredões feito cachoeiras gigantes, só para tornar tudo ainda mais bonito do que já é. Outros fluem rumorosos pelas rochas até encontrar a rota definitiva na direção do mar. Cerca de 60 abismos nasceram nas encostas da Serra Geral graças ao trabalho persistente desses rios. No caso do Cânion do Itaimbezinho, o mais famoso de todos, foi necessário o empenho conjunto de dois arroios, o Perdiz e o Preá, para a criação desse desfiladeiro fenomenal de paredes tão íngremes e tão estreito vão que, quando visto do céu, é como se o chão tivesse sido rasgado a faca.

Foi para proteger esta maravilha da natureza brasileira que se criou o Parque Nacional de Aparados da Serra. Mas como maravilhas semelhantes havia às pencas na região, três décadas depois foi necessário criar um novo parque a nordeste, o da Serra Geral, prolongamento do anterior grande o suficiente para preservar outra meia dúzia de cânions. Entre eles o da Fortaleza, um dos maiores do Brasil, garganta de 7,5 quilômetros de extensão e 900 metros de profundidade sulcada pela ação do Rio da Pedra.

Em seu esforço de construir um lugar do qual gaúchos e catarinenses pudessem se orgulhar, os rios não só esculpiram esses lindos precipícios como os preencheram de verde do vértice à boca. A água, ao varar as gargantas, fez germinar



porções volumosas da mais pura Mata Atlântica, que aqui ganha contornos diversos conforme a altitude e o lugar onde se encontra. Na borda dos cânions, sobre as rochas úmidas continuamente visitadas pela viração, brota a chamada matinha nebulosa, onde a vastidão ocre da estepe cede lugar a um bosque de musgos, líquens e árvores nanicas. Pelos paredões, crescem agarrados à rocha arbustos, ervas e plantas esquisitas como a gúnera, ou urtigão-da-serra, espécie rara de folhas com até 2 metros de diâmetro. Parecidas a essa, na América do Sul, só na Cordilheira dos Andes.

No fundo dos vales e no sopé da serra, já quase encostada na planície que se abre para o litoral, a Mata Atlântica assume sua forma mais

vertices that they themselves carved over the last 20 thousand years. Some plummet down the walls forming giant waterfalls, only transforming it all into something even more beautiful than it already is. Others raucously cascade through the rocks until finding their definitive route towards the sea. Around 60 chasms were born along the slopes of the Serra Geral thanks to the persistent work of these rivers. In the case of Itaimbezinho Canyon, the most famous of all, it took the joint efforts of two streams, the Perdiz and the Preá, to create such phenomenal canyon walls so steep and so narrow that, when viewed from the sky, it is as if the earth had been cleaved by a knife.

It was in order to protect this Brazilian

wonder of nature that the National Park of Aparados da Serra was created. But as so many similar wonders are bunched together in the region, three decades later it was necessary to create a new park in the northeast, the Serra Geral, expanding the previous borders enough to preserve a half dozen more canyons. Among them Fortaleza, one of Brazil's biggest, a gorge 7.5 kilometers long and 900 feet deep furrowed by the current of the Rio da Pedra 'Rock River.'

In their efforts to build a place from which the residents of Santa Catarina and Rio Grande do Sul could draw pride from, rivers not only sculpted these beautiful precipices but also filled the mouths of their apexes with green. The water, overflowing from the gorges, brought forth massive portions of pure Atlantic Forest, which here takes various shapes depending on altitude and location. At the canyon edges, on wet rocks continually visited by the breeze, sprouts what is called "matinha nebula", where the vastness of the ocher velds gives way to a grove of moss, lichen and dwarf trees. As for the walls, clinging to the rocks grow shrubs, herbs and plants like the strange gúnera or urtigão-da-serra, rare species with leaves up to 2 meters in diameter. In South America, anything similar to these can only be found in the Andes.

At the bottom of the valleys and the foothills of the mountain, almost leaning on the plain that opens to the coast, the Atlantic Forest takes its most exuberant form, littering the landscape with cedars, jatobas, jequitibás, cabbage palms,

exuberante, enchendo a paisagem de cedros, jatobás, jequitibás, palmiteiros, perobas, bromélias e orquídeas – lar e refúgio de bichos como bugios, lontras, jaguatiricas e graxains. Mil metros abaixo do platô, o frio e a solidão dos campos parece terra estrangeira. Aqui, perto do nível do mar, os rios fluem fartos e os cânions, com as bocas escancaradas na direção da costa, recebem diariamente o sopro quente e úmido do Atlântico.

Essa mesma massa de ar, à medida que penetra os abismos, esfria, condensa-se e, no sentido inverso ao dos rios, ascende pelas encostas transformada num sinistro nevoeiro que engole os campos e tudo que estiver sobre eles. Às vezes é tão denso que o camarada caminha por horas sem enxergar um palmo de distância à frente. Essa cerração os moradores da região dos Aparados chamam, apropriadamente, de “nada”. E torna os campos de cima da serra um lugar ainda mais estranho e solitário. Não espanta que os homens tenham demorado tanto para tomar posse definitiva deste lugar.

Por muito tempo, mesmo alguns séculos após a descoberta do Brasil, o alto da Serra Geral foi território quase que exclusivo de povos nômades como os caingangues e os xoclingues, cuja sobrevivência dependia basicamente da caça e da coleta do pinhão. O homem branco mesmo só começou a dedicar certa atenção a este lugar depois que os missionários jesuítas foram expulsos da colônia no século 18 e seu rebanho de bois, antes concentrado nas missões do oeste gaúcho, largou-se pelos campos, sem dono nem

curral. Dono e curral, contudo, não tardaram a aparecer: a despeito das adversidades do clima neste pedaço do Sul, ainda no mesmo século paulistas dispuseram-se a domar o gado xucro e a transformar os campos em fazendas. Para delimitar as propriedades, levantaram taipas, muros de pedras empilhadas que chegavam a se estender por quilômetros. Alguns desses ainda se encontram no meio das coxilhas.

Na mesma época também chegaram os tropeiros, que cruzavam o planalto levando cavalos e mulas de carga do Pampa para as jazidas de ouro de Minas Gerais. Abriram estradas importantes como o Caminho do Viamão e, desafiando os abismos, inauguraram ramais que, pela primeira vez, conectaram os campos de cima da serra à planície. Até hoje essas vias são usadas, e, em muitos casos, continuam sendo um delirante convite à vertigem. Quem duvida que se meta a percorrer os 12 quilômetros da SC-438 que separam as cidades catarinenses de Bom Jardim da Serra e Lauro Müller. Mais do que uma estrada, trata-se de um prodígio da engenharia: mil metros de desnível vencidos por mais de 200 curvas fechadas, algumas com ângulo de 180 graus.

Na esteira desses caminhos abertos pelo tropeirismo e do crescimento das fazendas, as cidades por fim começaram a surgir no meio dos campos, não muito distantes da borda dos cânions. Cambará do Sul, São José dos Ausentes, Bom Jardim da Serra, Urubici, todas elas nasceram tardias, a partir da segunda metade do

perobas, bromeliads and orchids – home and refuge for animals such as howler monkeys, otters, ocelots and foxes. A thousand feet below the plateau, the chill and the solitude of the fields seem a strange land. Here, near sea level, feed the flowing rivers and canyons, with their mouths wide open toward the coast, receiving regular gusts of hot and humid Atlantic air.

*This same air mass, as it penetrates the depths, cools, condenses, and in the opposite direction of the river, ascends the slopes turning into a sinister fog that swallows up the fields and everything about them. Sometimes it is so dense that you could have a friendly walk without seeing for hours a foot in front of you. The local residents call this haze, *aparados*, appropriately, “nothing.” And it makes the fields atop the mountains even more strange and lonely. No wonder civilization has taken so long to finally occupy this place.*

For a long time, even several centuries after the discovery of Brazil, the top of Serra Geral was almost exclusively the territory of nomadic peoples such as the Kaingang and Xokleng, whose survival depended primarily on the hunting and gathering of pine nuts. The white man only started to devote some attention to this place after the Jesuit missionaries were expelled from the colony in the 18th century, and their herds of cattle, once concentrated in the western gaucho missions, dropped to the fields, no owner or corral. Owner and corral, however, were not slow to appear, despite the adverse climate in this piece of the south, in the same century, Brazilians



set out to tame the wild cattle and turn the fields into farms. To define the properties, rose ‘taipas,’ stacked stone walls which stretched for miles. Some of these still lie amidst the coxilhas.

At the same time also came the ranchers, who crossed the plains on horseback and with pack mules for the gold mines of Minas Gerais. They established important routes such as the Viamão Road and, defying the abyss, created cliff side roads that, for the first time, connected the mountain camps to the plain. Even now these roads are still used, and in many cases, continue to be a deliriant calling forth vertigo. Who could doubt the mission of traveling the 12 kilometers of SC-438 separating the cities of Santa Catarina Bom Jardim da Serra and Lauro Müller? More than a road, it is a marvel of engineering: a thousand meters in elevation with more than 200 hairpin turns, some with angles more acute than 180 degrees.

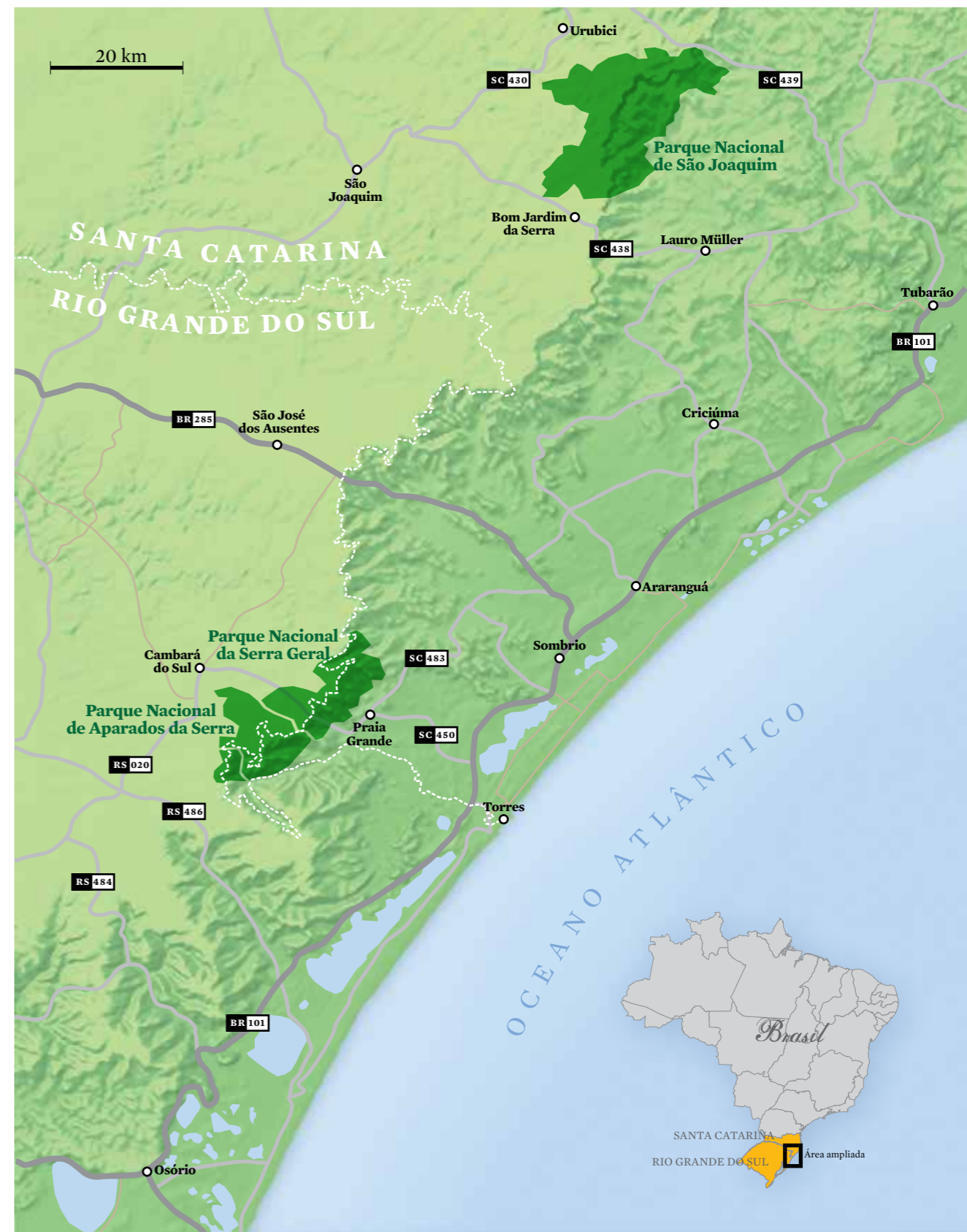
Following these paths opened by the expansion of ranching and the growth of farms, cities finally began to emerge in the middle of the countryside, not far from the edge of the canyon. Cambará do Sul, São José dos Ausentes, Bom Jardim da Serra, Urubici, all of them were born

século 19 ou mesmo já entrado o século 20. São José dos Ausentes, vila de pouco mais de 2 mil habitantes, só virou município mesmo em 1992. Antes disso, aquelas terras passaram quase dois séculos esquecidas na esquina nordeste do Rio Grande do Sul, de tão frias e apartadas. No século 18, abandonadas pelos próprios sesmeiros, chegaram a ser por duas vezes leiloadas “em juízo dos ausentes” – daí o nome.

Não que as outras cidades sejam muito maiores. São todas muito pequenas, na medida do desenvolvimento deste que é um dos pedaços mais isolados do Sul. O modo de vida aqui ainda é essencialmente rural, conduzido no galope do cavalo e aquecido no fogão a lenha. Esqueça aquela imagem de uma Serra Gaúcha ou Catarinense de moças loiras, casas em estilo alpino e dialetos importados do Vêneto ou da Pomerânia. Neste Sul à beira dos cânions, a pele do povo é parda como o capinzal que cresce nas coxilhas, produto de um sangue meio índio, meio português, misturado desde o tempo das primeiras domas do gado xucro e das primeiras vias abertas pelos tropeiros. Inclusive do outro lado do Rio Pelotas, em solo catarinense, os homens vestem poncho, bombachas, guaiaca e lenço. E tomam chimarrão. Parece mesmo que o Pampa subiu a serra. Só para ser engolido pelo nada e depois desabar nos mais lindos precipícios do país.

late in the second half of the 19th century or even as late as the beginning of the 20th century. São José dos Ausentes “Saint Joseph of the Absent”, a village of just over two thousand inhabitants, only became a municipality in 1992. Before that, these lands passed almost two centuries forgotten in the northeast corner of Rio Grande do Sul, cold and detached. In the 18th century, abandoned by their homesteaders, came to be auctioned twice in the “courts of the absent” – hence the name.

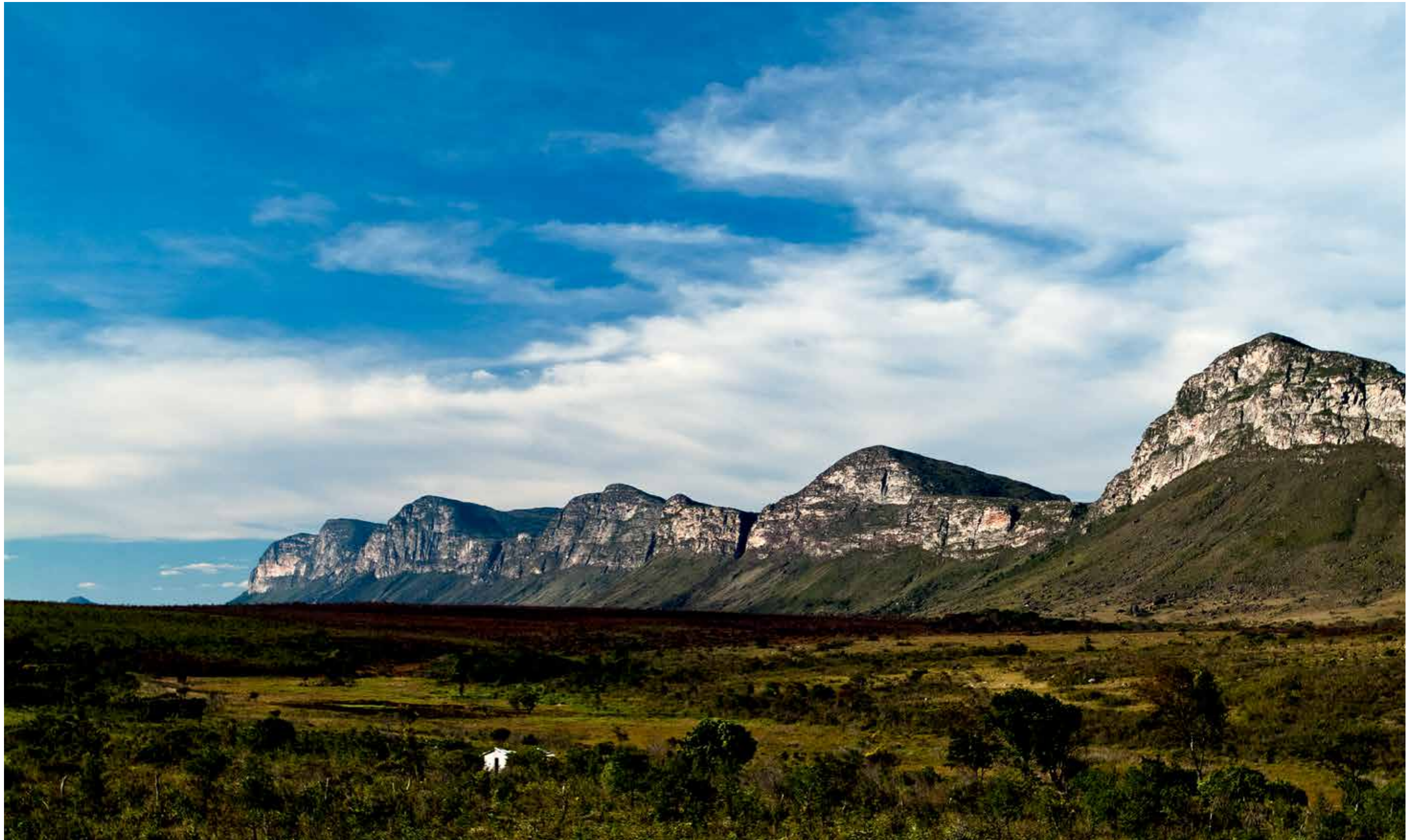
Not that the other cities are much larger. All are very tiny, to the extent that this area is one of the most isolated parts of the south. The way of life here is still primarily rural, conducted on the back of a galloping horse and heated by wood stoves. Forget the image of the mountain Gaucho or Catarinense blond girls, alpine-style houses and Veneation or Baltic imported dialects. In the south at the foot of the canyon, the people’s skin is as brown as the grasses that grow on coxilhas, a byproduct of blood half Indian, half Portuguese, mixing since the time of the first taming of wild cattle and the first routes opened by ranchers. Even across the Pelotas River, on Santa Catarina soil, men wear traditional ponchos, breeches, belts and scarves. And drink chimarrão. It almost seems like the prairie climbed the mountain. Just to be swallowed up by not much and then collapse into the most beautiful cliffs of the country.





CHAPADA DIAMANTINA
Coração de pedra
Heart of stone

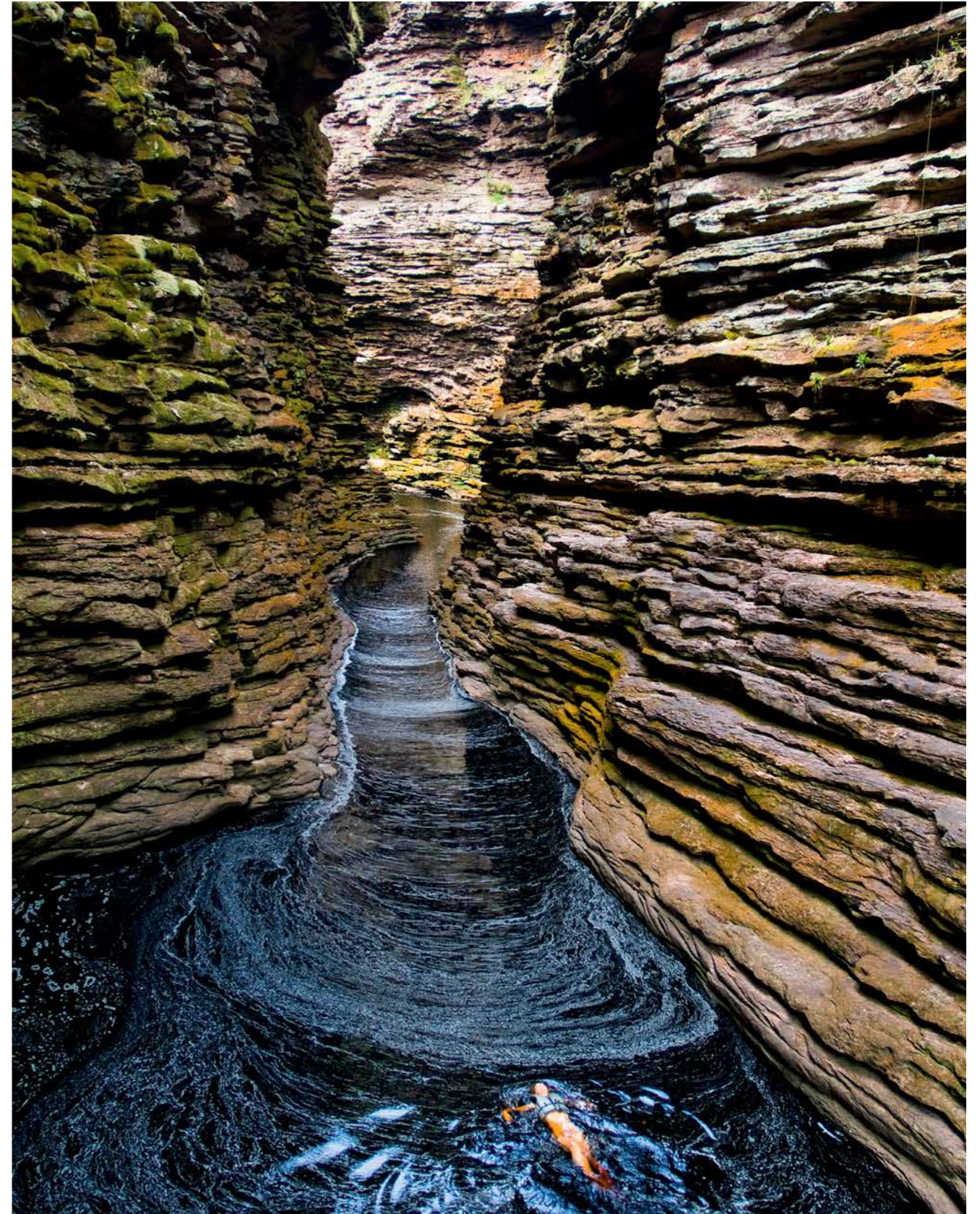






Grandes obras de arte tomam tempo, e não foi por acaso que a natureza gastou 1 bilhão e meio de anos para entalhar a paisagem da Chapada Diamantina. O primeiro bilhão de anos foi o mais violento, com as necessárias movimentações da crosta terrestre para o assentamento das rochas sobre as quais seria dado depois, com mais prudência, o acabamento. Este resultou de uma ação conjunta de rios, chuvas e ventos nos 500 milhões de anos seguintes, concentrados num esforço minucioso em criar alguns dos vales, morros, grutas, cachoeiras e cânions mais bonitos do continente. E, como se isso tudo fosse pouco, a natureza ainda encheu o chão de ouro e diamantes, só para que a Chapada brilhasse ainda mais. Houve um tempo, inclusive, que esses eram os únicos tesouros que interessavam por aqui. Até que acabaram, e em seu lugar o que restou foram tesouros de maior grandeza, que cada vez mais viajantes do mundo todo têm a felicidade de descobrir. E que, por sorte, nunca acabam.

Great works of art take time and it was not for nothing that nature took some 2.5 billion years to carve out the landscape of the Chapada Diamantina. The first billion years were the most violent, with movements in the earth's crust necessary for the settlement of the rocks that would later be given, with more prudence, a firm layer of finishing. This yielded to a combined action of rivers, rains and winds over the next 500 million years, concentrated in an exacting force that created some of the most beautiful valleys, mountains, caves, waterfalls and canyons on the continent. And, as if this weren't enough, nature also packed the earth with gold and diamonds, just so the Chapada would shine a little brighter. There was a time, incidentally, that these were only treasures that mattered in these parts. That is, until they were entirely depleted, and in their place were left treasures of higher grandeur, which more and more travelers from around the world have the joy of discovering. Treasures which, fortunately, can never be used up.



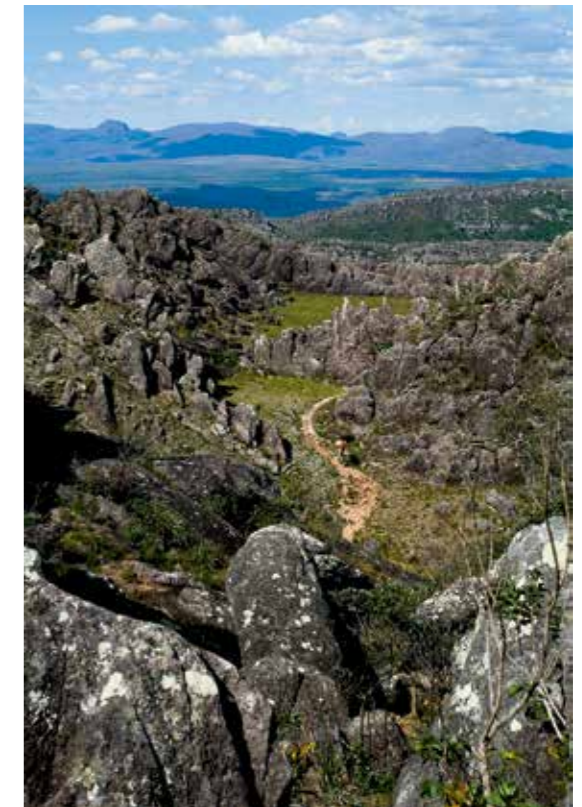


O que se convencionou chamar de Chapada Diamantina nada é senão o trecho mais setentrional da Cadeia do Espinhaço, o grande espigão longitudinal que se estende de Minas Gerais à Bahia e que, para os geólogos, se trata da única cordilheira em território nacional. Na Bahia, bem no centro do estado, o maciço aflora na forma de um vasto platô de 38 mil quilômetros quadrados, suspenso em altitudes que raramente ultrapassam os 1.200 metros acima do nível do mar. Quando isso acontece, erguem-se as montanhas mais altas do Nordeste, como o Pico do Barbado, com 2.033 metros de altitude, ponto culminante da região; e o Pico das Almas, com 1.958 metros.

Tão extensa é a Chapada que os homens tiveram de inventar diversos nomes para ela,



um para cada grupo de morros, dando origem a serras que chamaram de Sincorá, Bastião, Mangabeira e Barbado, entre outras. A Serra do Sincorá dizem ser a mais bonita, e essa foi uma das razões pelas quais o governo federal decidiu protegê-la dentro dos 152 mil hectares do Parque Nacional da Chapada Diamantina, criado em 1985. É uma reserva de muitos tesouros, e entre eles estão a Cachoeira da Fumaça, cujos 340 metros de queda livre a tornam a segunda mais alta do Brasil, e a Gruta do Lapão, uma das maiores cavernas de quartzito do país, com 1 quilômetro de extensão e 60 metros de boca. Mais ao sul, bem no centro do parque, o passar dos milênios transformou uma fenda transversal no Vale do Pati, um corredor verde flanqueado por escarpas de



What is conventionally known as the Chapada Diamantina is nothing more than the northernmost stretch of the Espinhaço Mountains, the huge longitudinal spike that extends from Minas Gerais to Bahia and which, according to geologists, constitutes the only mountain range in Brazilian territory. In Bahia, right in the middle of the state, the massif emerges in the shape of a vast 23,600-square-mile plateau, standing at altitudes that rarely exceed 3900 feet above sea level. When this does happen, it gives way to the tallest mountains in northeastern Brazil, like the Pico do Barbado, which has an altitude of 6670 feet, the region's high point, and the Pico das Almas, at 6423 feet.

Chapada is so vast that people had to invent a variety of names for it, one for each group of

mountains, giving origin to the ranges that carry such titles as Sincorá, Bastião, Mangabeira and Barbado. They say that Serra do Sincorá is the most beautiful and it was one of the reasons that the federal government decided to protect it inside of the 152-thousand-hectare area of Chapada Diamantina National Park, created in 1985. It is an environmental reserve with many treasures; and among them are the Cachoeira da Fumaça, whose 1115 foot free fall makes it the second tallest waterfall in Brazil, and the Gruta do Lapão, one of the biggest quartzite caverns in the country, with an extension of one full kilometer and a 200-foot opening. Farther south, right in the center of the park, the passage of the millennia transformed a transversal gap into the Pati Valley, a green corridor flanked by

arenito que dizem figurar entre as paisagens mais estupendas do território brasileiro.

A natureza, contudo, foi por demais generosa na Chapada Diamantina para que tudo coubesse apenas num parque nacional. E quem vem até aqui invariavelmente termina por dedicar uma boa parte de seu tempo de visita ao entorno da reserva, onde outras preciosidades do patrimônio nacional repousam em terrenos particulares. A começar pelo Morro do Pai Inácio, de cujo topo, a 1.170 metros de altitude, tem-se a visão mais clássica e completa da região. É o caso também de dezenas de cachoeiras, entre elas a do Buracão, tida por muitos como mais bonita inclusive que a da Fumaça. Não pela altura, que não passa dos 85 metros, mas pelo lugar onde cai, dentro de um anfiteatro de rochas ao qual se chega por meio de um desfiladeiro.

E ainda há as grutas e as cavernas, dezenas delas, uma mais esplêndida que a outra, todas situadas fora da área do parque nacional. A Lapa Doce, por exemplo, é a terceira maior de calcário em solo nacional, com 24 quilômetros já mapeados. A da Torrinha, com 13 quilômetros, é também uma das mais extensas do país e esconde raridades como flores de aragonita e agulhas de gipsita. Some-se à lista a Gruta da Pratinha, onde um rio subterrâneo aflora suas águas turquesa, e a vizinha Gruta Azul, cuja lagoa interna recebe, no outono e no inverno, um facho celestial que o sol envia por meio de uma fenda na parede. Espetáculo semelhante, mas de ainda maior intensidade, ocorre no Poço Encantado, onde a



claridade solar favorece a visão de azuis das mais diversas qualidades.

Sobre as rochas da Chapada Diamantina, a natureza fez crescer uma flora que entrelaça espécies do Cerrado e da Caatinga, distribuídas em uma dúzia de tipos de vegetação diferentes. Dois terços da região são compostos de campos rupestres, pradarias que crescem acima dos 900 metros de altitude e que se caracterizam, entre outras coisas, pela abundância de rochas afloradas. O resto divide-se em campos gerais, brejos, matas de encosta e matas de galeria (que crescem no fundo dos vales e na margem dos rios), entre outras formações. Considerando-se que se trata do sertão, zona relativamente pobre em termos de diversidade, chega a ser assombrosa a quantidade de espécies que brotam na Chapada Diamantina. Tome-se como exemplo

falls— inside of an amphitheater of rocks that is reached via a ravine.

And then there are the caves and caverns, dozens of them, each more splendid than the last, all situated outside of the national park's borders. Gruta Lapa Doce, for instance, is the third largest limestone cave in Brazilian territory, with 15 miles mapped out so far. Gruta Torrinha, with its eight-mile stretch, is also one of the most extensive in the country and hides such rarities as flowers of aragonite and needles of gypsum. Add to the list Gruta da Pratinha, where a subterranean river displays turquoise waters, and the neighboring Gruta Azul, whose internal lagoon receives, in the autumn and winter, a celestial beam sent from the sun through a slit in the wall. A similar spectacle, but one of even greater intensity, occurs at Poço Encantado, where the brightness of the sun favors visions of the most diverse shades of blue.

On the rocks of Chapada Diamantina, nature has produced flora that intertwines species of Cerrado and Caatinga, distributed over a dozen different types of vegetation. Two thirds of the region are composed of rupestrian fields, prairies that rise to heights of above 2900 feet and are characterized by, among other things, an abundance of flower-covered rocks. The rest is divided between open fields, swamps, hillside forests and riparian forests (which grow at the bottom of valleys and on the banks of rivers), among other formations. Considering that we are talking about the backlands, a zone that is

sandstone cliffs which are said to figure among the most stupendous landscapes in all of Brazil.

Nature, however, was so generous to Chapada Diamantina that not all of its wonders fit into the national park. And those who visit invariably end up spending a good part of their time in the surrounding areas of the reserve, where other precious jewels of national heritage can be found on privately-owned land. Let's start with the Morro do Pai Inácio, from the top of which, at an altitude of 3840 feet, you can experience the most comprehensive and complete view of the region. It also boasts dozens of waterfalls, among them Cachoeira do Buracão, described by many, by the way, as more beautiful than Cachoeira da Fumaça. Not because of its height, which doesn't exceed 280 feet, but for the locale where it actually

uma expedição organizada pelo Jardim Botânico de Londres em 1974, que detectou, só no Pico das Almas, cerca de 1.200 variedades de plantas, cem delas endêmicas.

Toda a flora da Chapada se beneficia em particular da profusão de águas que jorram dos platôs e escorrem, transparentes ou cor de chá, pelos morros e pelos vales, buscando ou o caminho do mar ou o do interior. A região está bem na divisa de duas bacias, a do São Francisco e a do Atlântico Leste (formada por cursos como o Paraguaçu e o Rio de Contas), e é a ambas que este berçário de rios serve, sempre dadivoso. É como um imenso coração de pedra bombeando a água de cerca de metade dos rios baianos.

Essas mesmas águas deram fama mundial à Chapada no passado, quando o ouro e o diamante que se escondiam nos aluviões garantiram um século e meio de fartura e prosperidade. Primeiro foi o ouro, descoberto no início do século 18 na região do Rio de Contas, no sul, e em Jacobina, no norte. Até então, o povoamento da Chapada Diamantina limitava-se a algumas fazendas de gado, que tinham certa relevância no fornecimento de carne às jazidas de Minas Gerais. Por aqui passava, inclusive, o Caminho da Bahia, importante via terrestre que ligava a então capital Salvador ao garimpo mineiro. Com o surgimento do ouro, a Chapada deixou de ser escala para virar pouso definitivo. Uma das primeiras cidades foi Rio de Contas, que cresceu enriquecida pelas jazidas e favorecida pela proximidade com o rio homônimo, por onde a riqueza era escoada



de barco até Itacaré. Hoje é uma das mais preservadas, com muitas construções tombadas como Patrimônio Histórico Nacional.

Novas cidades brotariam a partir de meados do século 19, depois que o ouro começou a escassear e a descoberta de lavras de diamante trouxe novo fôlego à economia da região. Os historiadores datam como início da saga diamantífera o ano de 1844, quando se encontraram as primeiras pedras no leito do Ribeirão Mucugê. No espaço de um quarto de século, mais de 25 mil pessoas afluíram para a Chapada, instalando-se em arraiais que mais tarde se tornariam cidades como Lençóis, Andaraí, Mucugê e Igatu. Nenhuma delas tem um conjunto histórico tão extenso e tão conservado quanto o de Rio de Contas, mas são cidades adoráveis que adicionam certa graça e cor à paisagem dura da Chapada. Igatu, antiga Xique-Xique, foi em seu tempo uma das mais prósperas, e por todo o entorno ainda restam as ruínas das casas de pedra que antes abrigaram os mineradores.

Em 1870, a descoberta de minas na África do Sul fez diminuir o interesse do mundo pelos diamantes baianos. A produção caiu a índices

relatively poor in terms of diversity, the quantity of species that thrive in Chapada Diamantina is staggering. Consider the example of an expedition organized by the London Botanic Gardens in 1974, which detected, on Pico das Almas alone, around 1200 varieties of plants, a hundred of them native to the region.

All the flora of Chapada benefit in particular from the profusion of waters that gush from its plateaus, transparent or ground-colored, draining down the mountains and into the valleys, in search of a path to the sea or inland. The region is right on the border of two basins – that of the São Francisco River and that of the East Atlantic (formed by such waterways as the Paraguaçu River and the Rio de Contas), and this always-plentiful birthplace of rivers serves both of them. It is like an immense heart of stone pumping waters into roughly half of Bahia's rivers.

These same waters bestowed worldwide fame on Chapada in the past, when the gold and diamonds that were hidden in its alluviums guaranteed a century and a half of prosperity. First came the gold, discovered in the early 18th century in the Rio de Contas region, in the South, and in Jacobina, in the North. Until then, the population of Chapada Diamantina was limited to a few cattle ranches, which had a certain relevance in supplying meat to the strongholds in Minas Gerais. It was through this region, by the way, that the Caminho da Bahia [“The Bahia Road”] ran, an important land route that connected the former national

capital Salvador to the mine prospecting region. With the discovery of gold, Chapada went from being a stopover to a definitive destination. One of the first towns was Rio de Contas, which grew wealthy thanks to the gold deposits and was favored by its proximity to the eponymous river, by which goods were taken to Itacaré by boat. Today, it is one of the best preserved towns, with many structures that are protected as national heritage sites.

New cities started to sprout in the mid-19th century, after gold had begun to grow scarce and the discovery of diamond deposits brought new life to the region's economy. Historians point to the year 1844 as the start date for Chapada's diamond saga; it was then that the first stones were found in the Ribeirão Mucugê riverbed. In the span of a quarter century, over 25 thousand people flocked to Chapada, setting up campgrounds that would later become towns like Lençóis, Andaraí, Mucugê and Igatu. While none have a historical set of structures so extensive and so well-conserved as that of Rio de Contas, they are nonetheless lovely towns that add a certain grace and color to the harsh landscape of Chapada. Igatu, formerly known as Xique-Xique, was in its time one of the most prosperous and the ruins of stone houses that once sheltered miners remain scattered throughout its outlying area.

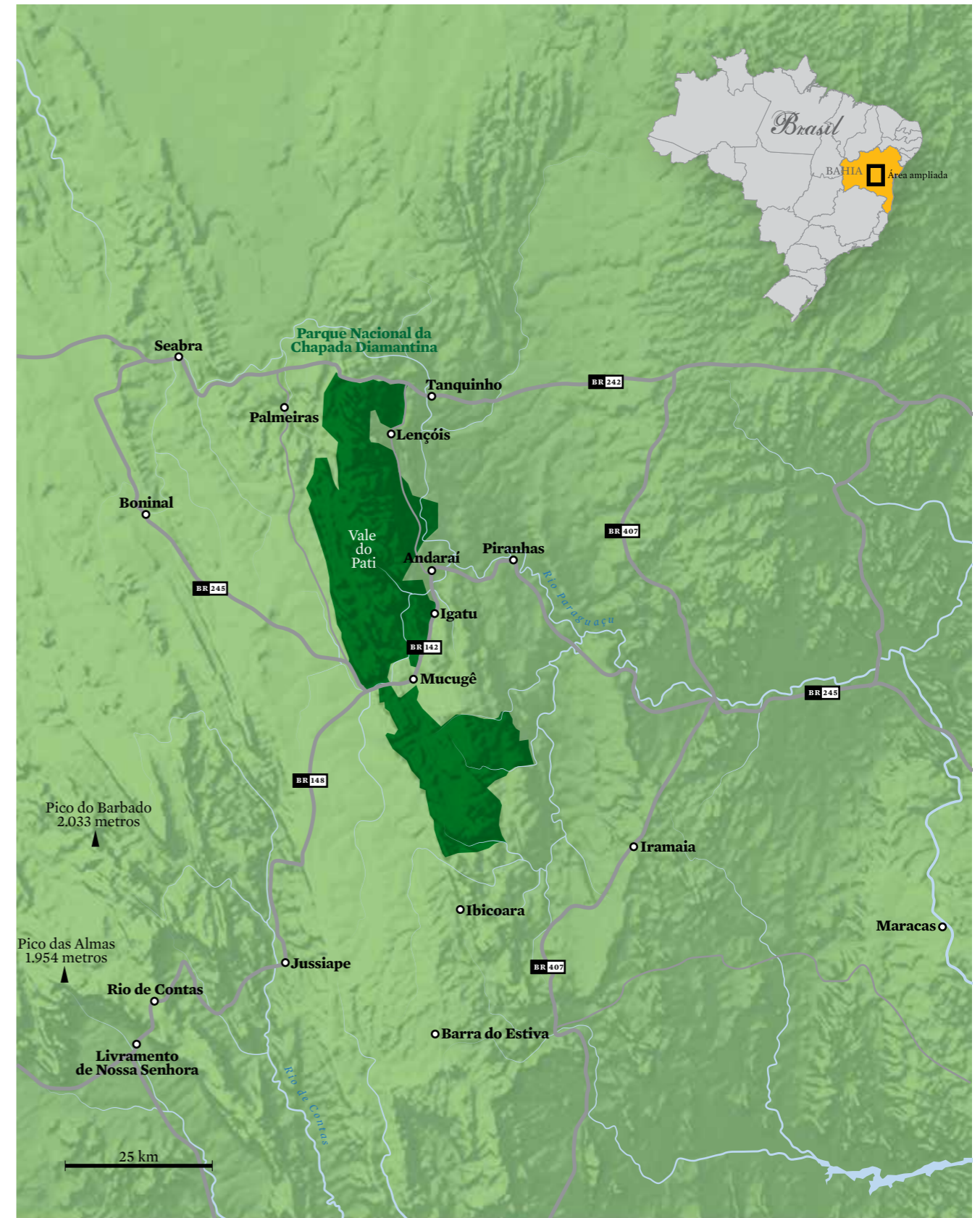
In 1870, the discovery of mines in South Africa diminished the world's interest in Bahia's diamonds. Production fell to miniscule levels and only didn't cease completely thanks to

mínimos, e só não cessou por completo graças ao carbonado, ou diamante negro, variedade raríssima usada para fins industriais da qual a Chapada Diamantina tem os maiores estoques mundiais. Foi perto de Lençóis, inclusive, que se encontrou em 1842 um exemplar de 3.167 quilates de carbonado, até recentemente o maior diamante de que se tinha notícia no mundo. Em meados do século 20, a chegada do diamante sintético pôs um fim definitivo à saga da Chapada. Da gema, restaram apenas o nome que até hoje batiza a região e a decadência.

Ainda algum ouro ou diamante se garimpa nos aluviões, e é da extração artesanal que muita gente por aqui tira o sustento. Nada muito volumoso, apenas o essencial para uma existência sem luxos, própria do sertão. Riqueza muito maior hoje se extrai do turismo, que desde os anos 1970 vem crescendo a índices galopantes. A decadência que se seguiu ao ciclo do diamante arruinou a economia local, mas preservou a paisagem e o antigo casario das cidades, atraindo visitantes do mundo inteiro. Nas vilas há não muito tempo quase abandonadas, habitadas apenas por alguns garimpeiros renitentes, nasceram pousadas e restaurantes de inédita sofisticação. E as trilhas, outrora abertas no facão por tropeiros, garimpeiros e escravos, viram-se invadidas por gente armada de câmeras e mochilas, em busca não mais de pedras preciosas, mas de tesouros de muito maior valor.

carbonado, or black diamonds, a very rare variety used for industrial purposes, of which Chapada Diamantina has the largest deposits on earth. It was nearby Lençóis, incidentally, that, in 1842, a 3167-karat black diamond was discovered—until recently the largest diamond ever recorded. In the mid-20th century, the arrival of synthetic diamonds put a definitive end to Chapada’s diamond saga. All that remained of the gem was the name that the region continues to carry and the period of decline left in its wake.

There are still some diamonds and gold to be found in the alluviums and plenty of people make a living on DIY extraction. Nothing of great volume, just the essential for an existence without luxury, as it goes in backlands. These days, much greater wealth comes from tourism, which has been growing at galloping rates since the 1970s. The decline that came after the diamond cycle devastated the local economy, but preserved the landscape and the old-fashioned houses of its towns, attracting visitors from all over the world. In these towns that had been all but abandoned for so long, inhabited only by headstrong prospectors, guesthouses and restaurants of unseen sophistication sprung up. And the trails, cleared by the machetes of muleteers, prospectors and slaves of yesteryear, were invaded by people armed with cameras and backpacks, in search of treasures of much greater value than precious gems.





FERNANDO DE NORONHA

De inferno a paraíso
From hell to paradise





134 Atobá-marrom (*Sula leucogaster*) na praia Cacimba do Padre | *Brown booby (Sula leucogaster) at Cacimba do Padre Beach*



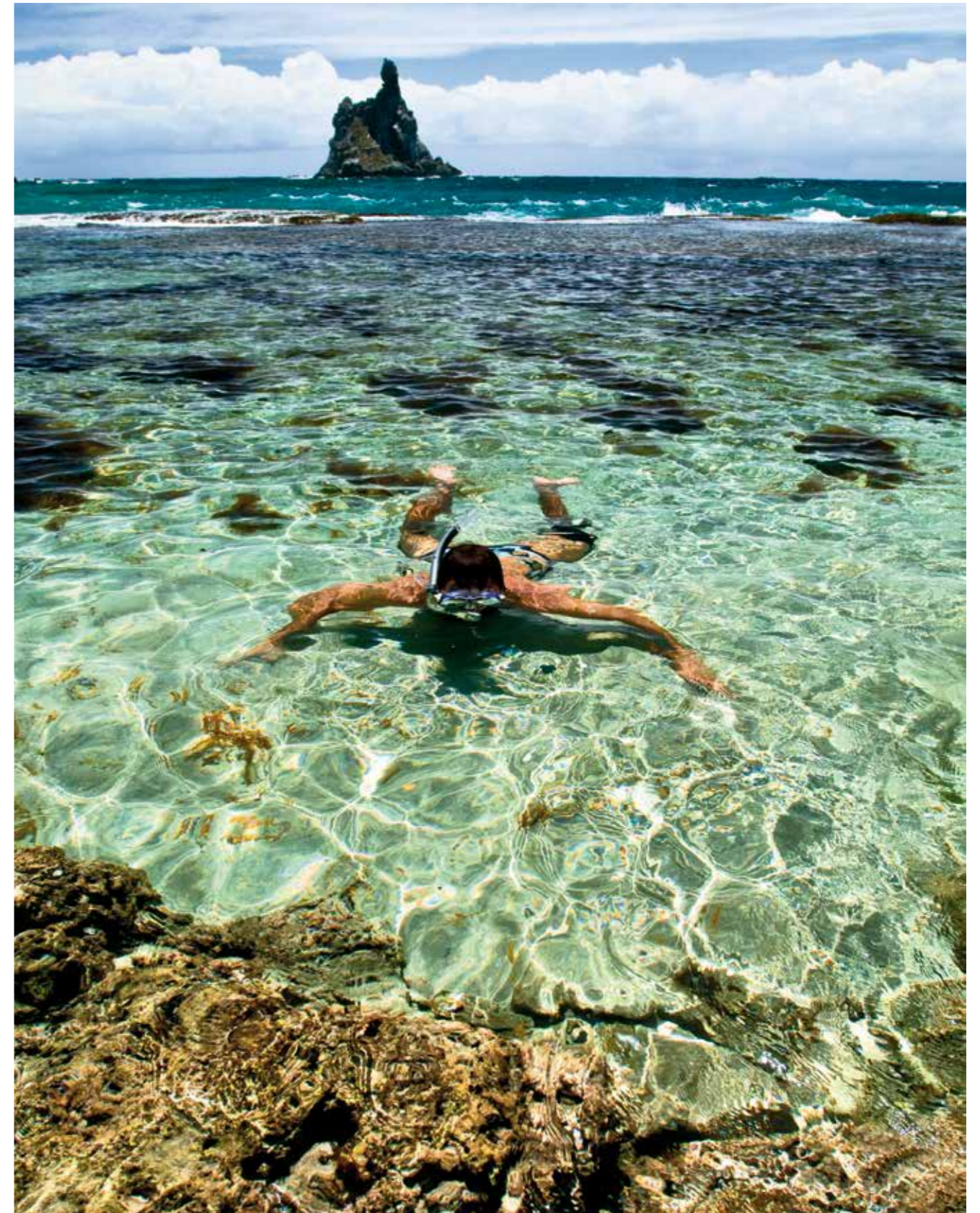
Praia Cacimba do Padre | *Cacimba do Padre Beach* 135

Pense em Noronha como um inferno. Esqueça a perfeição das praias, os azuis iluminados do mar, as tardes de cartão-postal. Afaste tudo aquilo que remeta à ideia de paraíso e considere Fernando de Noronha como um lugar aonde ninguém quer ir. Loucura? Pois saiba que durante dois séculos era assim que o nome do maior arquipélago oceânico do Brasil soava para todos aqueles que andavam nas fronteiras entre a marginalidade e a retidão. Entre 1737 e 1942, Noronha foi presídio e desterro de criminosos, ciganos, capoeiristas, líderes revolucionários e toda aquela gente de quem o Brasil queria se ver livre. Ancoradas a 350 quilômetros do continente, as ilhas não eram éden nem nada; apenas um ponto fora do mapa, distante e terrível. E insuportavelmente belo.

Quando a colônia penal foi desativada, Noronha virou território militar e imediatamente entrou no jogo da Segunda Guerra Mundial, servindo de base e apoio logístico à Marinha americana. Mesmo com o fim da guerra, o arquipélago permaneceria nas mãos dos militares por mais quatro décadas. Só nos anos 1970 é que chegaram os primeiros turistas, que por algum tempo ainda seriam escassos. Foi necessária uma nova Constituição para que as ilhas, enfim, ganhassem o lugar que lhes era devido. Em 1988, Noronha tornou-se distrito de Pernambuco e nele foi implantado um parque nacional. E só então o Brasil começou a enxergar ali um paraíso.

Think of Noronha as hell. Never mind the perfection of the beaches, neither the blinding blue shades of the sea, nor the picture-perfect afternoons. Get away from everything that would convey any idea of paradise and take Fernando de Noronha as a place nobody would ever want to go to. Madness? Well, so it happens that that was what the name of the largest Brazilian oceanic archipelago reminded those who walked the fine line between criminality and righteousness. Between 1737 and 1942, Noronha was a prison and destine of criminals, gypsies, capoeira fighters, revolutionary leaders and each and every person who Brazil meant to get rid of. Anchored 350 kilometers from the mainland, the islands could not be more different from the Eden; just a lost spot in the map, distant, abominable. And unbearably beautiful.

When the penal colony was closed, Noronha became a military base and immediately entered the II World War Theater, becoming the base and the logistic support for the American Navy. Even after the conflict, the archipelago would remain in military hands for four decades more. Only in the 70s is that the first tourists came around, which,



Paraíso, como sabemos, é uma ideia emprestada das religiões que, por força de expressão, tornou-se o indicativo de um lugar que faz bem aos olhos, provoca certo bem-estar e nos afasta do inferno das obrigações. Mas não só. Bichos, como também sabemos, não têm religião nem dão a mínima para lugares bonitos, mas para eles Noronha também é algo próximo de um paraíso. E é o que faz deste arquipélago um ponto tão especial do globo.

Numa área de poucas ilhas oceânicas como é o Atlântico Sul, Fernando de Noronha ocupa um lugar raro, oferecendo condições excepcionais de sobrevivência tanto para bichos do ar quanto do mar. Se o Atlântico fosse um deserto, o arquipélago seria algo próximo de um oásis, o único num raio de centenas de quilômetros, onde as cristas emersas de uma cordilheira submarina tornaram-se lugar de pouso e repouso para uma infinidade de aves, peixes e mamíferos marinhos. A baixa latitude ainda concede uma vantagem adicional, que é a calidez das águas equatoriais, as preferidas para certas espécies se reproduzirem e se alimentarem.

Fernando de Noronha é um arquipélago composto de uma ilha maior, de mesmo nome, e outras 20 menores (Rasa, Sela Gineta, Meio e Rata são algumas delas). A maior, sozinha, ocupa 16 dos 18 quilômetros quadrados de área do conjunto. É a mais alta, a mais bonita e a única abençoada com praias. Por causa de seu formato alongado, costuma dividir a ilha em duas metades, ou melhor, duas costas. A face



que olha para a África e recebe os ventos mais ferozes é chamada de Mar de Fora e tem três praias: Leão, Sueste e Atalaia. A outra, voltada para o continente americano e mais protegida, é conhecida como Mar de Dentro. Tem 11 praias lindíssimas, quase todas flanqueadas por falésias que servem como mirantes e, na época das chuvas, deixam escorrer algumas cachoeiras. Dessas praias, a mais perfeita – e isso consiste quase numa unanimidade – é a Baía do Sancho.

Essa paisagem era ainda mais bonita antes da chegada do homem, quando estava de pé a vegetação original, em grande parte composta por espécies da Mata Atlântica cujas sementes vieram carregadas pelas correntes ou pelos pássaros. No tempo da colônia penal, a mata nativa foi quase toda posta abaixo, de modo a evitar que os prisioneiros se escondessem ou construíssem

during some time were too few to count. It took the issuing of a new constitution for the islands to, at last, assume their well-deserved place. In 1988, Noronha became a district of the state of Pernambuco and, in it, a National Park was established. It was only then that Brazil started unveiling the paradise within.

Paradise, as we all know, is an idea borrowed from religions that, by force of the expression, became synonym to a place that looks good to the eyes, provokes a certain well-being and takes us away from our infernal obligations. But that is not all. Animals, as we also know, do not follow any creed, nor could care less about pretty places, but even for them Noronha is somewhat a paradise. And that is what makes this archipelago such a special spot worldwide.

In an area with few oceanic islands, such as the Southern Atlantic, Fernando de Noronha occupies

one rare spot, offering exceptional conditions for the survival of animals, both from the sky and from the sea. Was the Atlantic a desert, the archipelago could nearly be its oasis, the only one within hundreds of miles, where the emerging crests of a submarine mountain range became the landing and resting place to an infinite number of species of birds, fish, and marine mammals. The low latitude grants an additional advantage still, which is the warmth of the equatorial waters, favorite to certain species for reproduction and nourishment.

Fernando de Noronha is an archipelago composed of one major island, with the same name, and other 20 smaller ones (Rasa, Sela Gineta, Meio and Rata are some of them). The bigger island, alone, takes 16 of the 18 square kilometers of the total area of the islands. It is the highest, the most beautiful and the only one blessed with beaches. Because of its elongated shape, the island is divided in two halves, better still, two coasts. The Africa-facing one, which receives the most ferocious winds, is called Mar de Fora (Outer Sea) and has three beaches: Leão, Sueste and Atalaia. The other, turned to the American continent and better protected, is known as Mar de Dentro (Inner Sea). It bears eleven exquisite beaches; almost all sided by cliffs that play the part of belvederes and, in the rainy season, allow water falls to drape from their walls. Of all those beaches, the most perfect – a consistent unanimity – is the Baía do Sancho (Sancho Bay).

The sight was even more beautiful before the

jangadas com os troncos. Hoje apenas alguns trechos de floresta permanecem; sobretudo nas porções mais isoladas da ilha principal, a sudoeste. Na Baía do Sueste, resta intacto o único manguezal insular do Atlântico Sul.

Ainda que substancialmente transformado pela presença humana, Noronha continua sendo o endereço – fixo ou temporário – de cerca de 40 espécies de pássaros, que transformaram o arquipélago no maior centro de reprodução de aves marinhas entre as ilhas tropicais do Atlântico. Duas espécies são endêmicas: um passarinho de nome juruviara-de-noronha (ou sebito) e outro chamado cocoruta. As demais existem também ao redor do globo, mas se encontram com particular abundância por aqui, como o tesourão, dois tipos de rabo-de-palha, três de atobá e quatro de trinta-réis (também chamado de viuvinha). A esses todos some-se ainda uma dúzia de espécies de batuíras e maçaricos, visitantes do Hemisfério Norte que todo inverno refugiam-se no éden noronhense como forma de escapar do frio.

No mar, de modo bem menos evidente para quem está na superfície, a fauna de Noronha se apresenta ainda mais diversa e importante. Só de peixes são mais de 230 espécies, sem contar os corais, os moluscos, as esponjas, os ouriços e outros seres do mar – o que faz das águas em torno do arquipélago um tipo diverso de paraíso, destinado quase que exclusivamente aos mergulhadores. Mais de 20 pontos de mergulho autônomo já foram mapeados,

e em alguns se enxerga a até 50 metros de distância. E é tão ubíqua e copiosa a fauna marinha noronhense que mesmo nas praias, a poucas braçadas da areia, centenas de peixes permanecem aprisionados nos poços que se formam entre as pedras, durante a maré baixa. Nas baías do Sancho e dos Porcos, as espécies são particularmente numerosas, mas nada como o imenso aquário natural, de mais de 100 metros de comprimento, que torna tão notável a Praia da Atalaia.

Cada praia em Noronha é especial à sua maneira, mas algumas, por assim dizer, são mais especiais do que outras. Como negar a importância da Praia do Leão, que a cada ano vê nascer em torno de 7 mil filhotes de tartaruga-verde? Várias são as praias da ilha principal que as fêmeas desse tipo de tartaruga marinha escolhem para desovar nos meses de chuva, entre janeiro e junho, mas é na do Leão – a mais extensa e selvagem – que a vasta maioria prefere enterrar seus ovos. Todo ano, cerca de 80 ninhos surgem debaixo da areia. Serão dois meses de incubação até que os filhotes deixem a casca e, num espetáculo que está entre os mais comoventes de Noronha, empreendam, aos milhares, uma perigosa jornada em busca da vida. No caminho entre o ninho e o mar, quase todos morrerão devorados por aves, peixes e outros predadores.

Do outro lado da ilha, no Mar de Dentro, os golfinhos-rotadores também escolheram uma praia só para eles, que os homens

arrival of men, when the original vegetation still stood tall, in great part made of Atlantic Forest species, whose seeds had been blown in by wind drafts or carried by birds. At the time of the penal colony, the native forest was nearly all cut down, so as to keep prisoners from hiding or buildings rafts from the trees. Nowadays, only short stretches of the forest remain, especially in the most remote parts of the main island, to the southwest. At the Baía do Sueste, the one and only insular mangrove of the Southern Atlantic remains unspoiled.

Although substantially transformed by human presence, Noronha continues to be the address – either fixed or temporary – of around forty bird species, which transformed the archipelago in the largest reproduction center of marine birds among the tropical islands of the Atlantic. Two species are endemic: a bird called juruviara-de-noronha (or sebito) and another one dubbed cocoruta. The other ones also exist around the globe, but are particularly abundant in the region, such as the tesourão, two types of rabo-de-palha, three kinds of atobá and four of trinta-réis (also known as viuvinha). Moreover, you can still add a dozen species of batuíras and maçaricos visiting from the Northern hemisphere, that every winter will seek shelter in the noronhense Eden as means of avoiding the cold weather spells.

At sea, with little evidence for those on the surface, Noronha's fauna presents itself yet more diverse and important. Fish alone account for more than 230 species, not including the



corals, mollusks, sponges, urchins and other sea creatures – which make the waters around the archipelago one diverse kind of paradise, for the eyes of few others besides the divers. Over twenty autonomous diving spots were already mapped, and, some allow seeing as far as 50 meters away. So ubiquitous and copious is the noronhense marine fauna that even on the beaches, a few strokes from the sand, hundreds of fish remain trapped in the pools formed among the rocks, during the low tide. At the Sancho and Porcos Bays, the species are particularly numerous, but nothing that can be compared to the immense natural aquarium, spanning over 100 meters in length, that makes the Atalaia Beach so special.

Each beach in Noronha is special in its own way, but some, we dare to say, are more special than others. How can one deny the importance

apropriadamente batizaram de Baía dos Golfinhos. Esses animais raramente se aproximam do litoral, mas em Noronha parecem ter aberto uma exceção, pois este é um dos poucos lugares no mundo onde esses cetáceos se concentram com tamanha abundância e tão perto da praia. Na baía que ajudaram a nomear, costumam aparecer de manhã bem cedo, quase todos os dias do ano, em busca de águas sossegadas para descansar, acasalar e cuidar dos filhotes. Há dias em que são centenas, às vezes milhares. E, como se não bastasse apenas a sua presença, muitos deles passam o dia dando saltos para fora da água, girando sobre seu próprio eixo. Outro dos grandes espetáculos que só Noronha consegue produzir.

Neste mundo tão singular, o homem, como de praxe, foi o último a chegar. Mas em Fernando de Noronha ele apareceu mais cedo do que se possa imaginar, quase que simultâneo à chegada do homem europeu ao Brasil. Já no célebre planisfério de Alberto Cantino, o mais antigo mapa a incluir o Novo Mundo, constava um ponto próximo à costa nordeste da América do Sul com o nome de Ilha da Quaresma. A carta data de 1502, o que leva a crer que o arquipélago tenha sido descoberto no ano anterior por Gaspar de Lemos, durante a missão exploratória que os portugueses enviaram logo após a viagem de Cabral. Como tal fato não tem comprovação, o crédito oficial pela conquista de Noronha ficou com Américo Vespúcio, que por aqui passou em 1503, como tripulante de uma expedição liderada



por Gonçalo Coelho. Ilha de São Lourenço, ele a chamou.

Essa expedição dispunha de alguns financiadores, e entre eles estava o mercador português Fernão de Loronha. A ele foi doado o arquipélago, em forma de capitania hereditária, e por seu nome as novas ilhas passaram a ser chamadas – que, depois de algumas corruptelas, ganharam a alcunha definitiva de Fernando de Noronha. Loronha, o mercador, jamais pôs os pés no lugar que até hoje leva seu nome. Na época, um ponto perdido no Atlântico interessava muito menos a ele do que as ricas florestas de pau-brasil que a Coroa portuguesa lhe permitira explorar. Durante dois séculos, nem ele, nem seus herdeiros, nem os portugueses manifestaram qualquer interesse pelas ilhas. Só os estrangeiros, que volta e meia teimavam em invadi-las.

of Praia do Leão, that every year witnesses the birth of about 7 thousand green turtles? Many are the main island beaches which the females of the sea turtle species will choose for laying their eggs during the rainy months, between January and June, but it is in the Leão beach – the longest and wildest – that the vast majority prefers to bury their eggs. Every year, around 80 nests are dug under the sand. It will be two months of incubation before the hatchlings leave their eggs and, in one of the most moving spectacles in Noronha, they set off by the thousands, on a dangerous journey in search of life. On the way between the nest and the sea, nearly all of them will be devoured by birds, fish and other predators.

Across the island, in the Mar de Dentro, spinner dolphins also chose a beach of their own, that men properly called Baía dos Golfinhos. Those animals hardly ever approach the coast, but in Noronha they seem to have allowed one fine exception, since this is one of the few places in the world where those cetaceans meet in such number and so close to the beach. In the bay named after them, they show up quite early in the morning, nearly every day of the year, looking for calm waters to rest, mate and take care of their young. On some days, they will be there by the hundreds, even thousands. And, as if their sheer presence was not enough, many of them will spend the day jumping right out of the water, spinning around their own axle. Yet another great show Noronha alone could stage.

In such a unique world, mankind, as usual,

was the last one in. But in Fernando de Noronha they appeared earlier than one could imagine, almost at the same time European men reached Brazil. In the famous planisphere by Alberto Cantino, the oldest map including the New World depiction, there was a point near the northeastern coast of South America named Ilha da Quaresma. The letter, dated 1502, leads to believe that the archipelago might have been discovered in the previous year by Gaspar de Lemos, during the exploratory mission the Portuguese sent, right after Cabral's trip. Since such fact bears no evidence, the official credit for the discovery of Noronha was given to Américo Vespúcio, who sailed by in 1503, as the crew member of an expedition led by Gonçalo Coelho. Ilha de São Lourenço, he dubbed it.

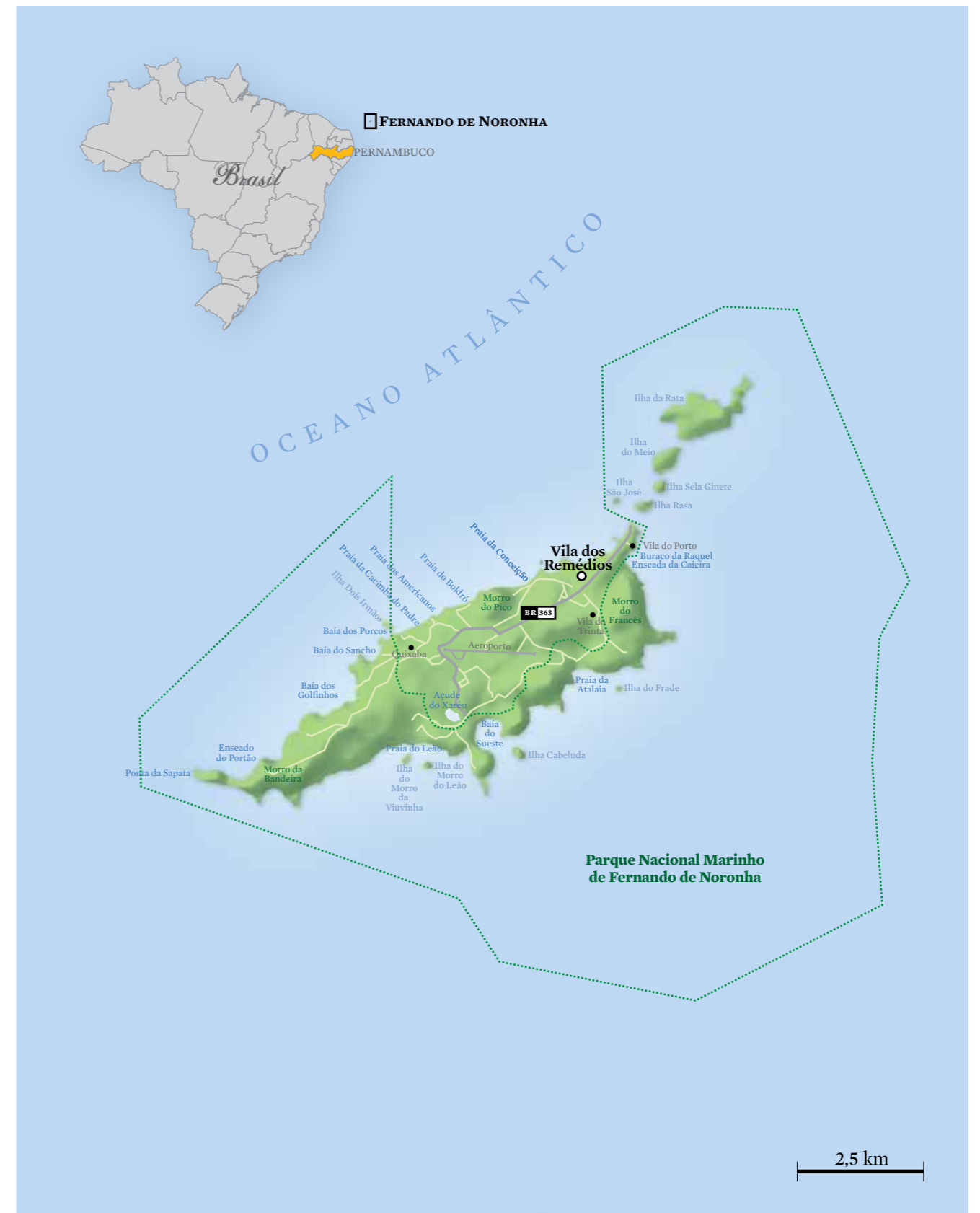
That expedition counted with the support of some financiers, and, among them, a certain Portuguese merchant named Fernão de Loronha. He was granted the archipelago, as a hereditary captaincy, and the new islands started to be called by his name – which, after a few misdeeds, got the definite name of Fernando de Noronha. Loronha, the merchant, never did set foot in the place that, to this day, bears his name. At the time, a piece of land lost in the Atlantic would interest him much less than the rich pau-brasil forest that the Portuguese crown had allowed him to exploit. During two centuries, neither him, nor his heirs, much less the Portuguese showed any sign of interest for the islands. Only the foreigners, every now and then, would stubbornly try to invade them.

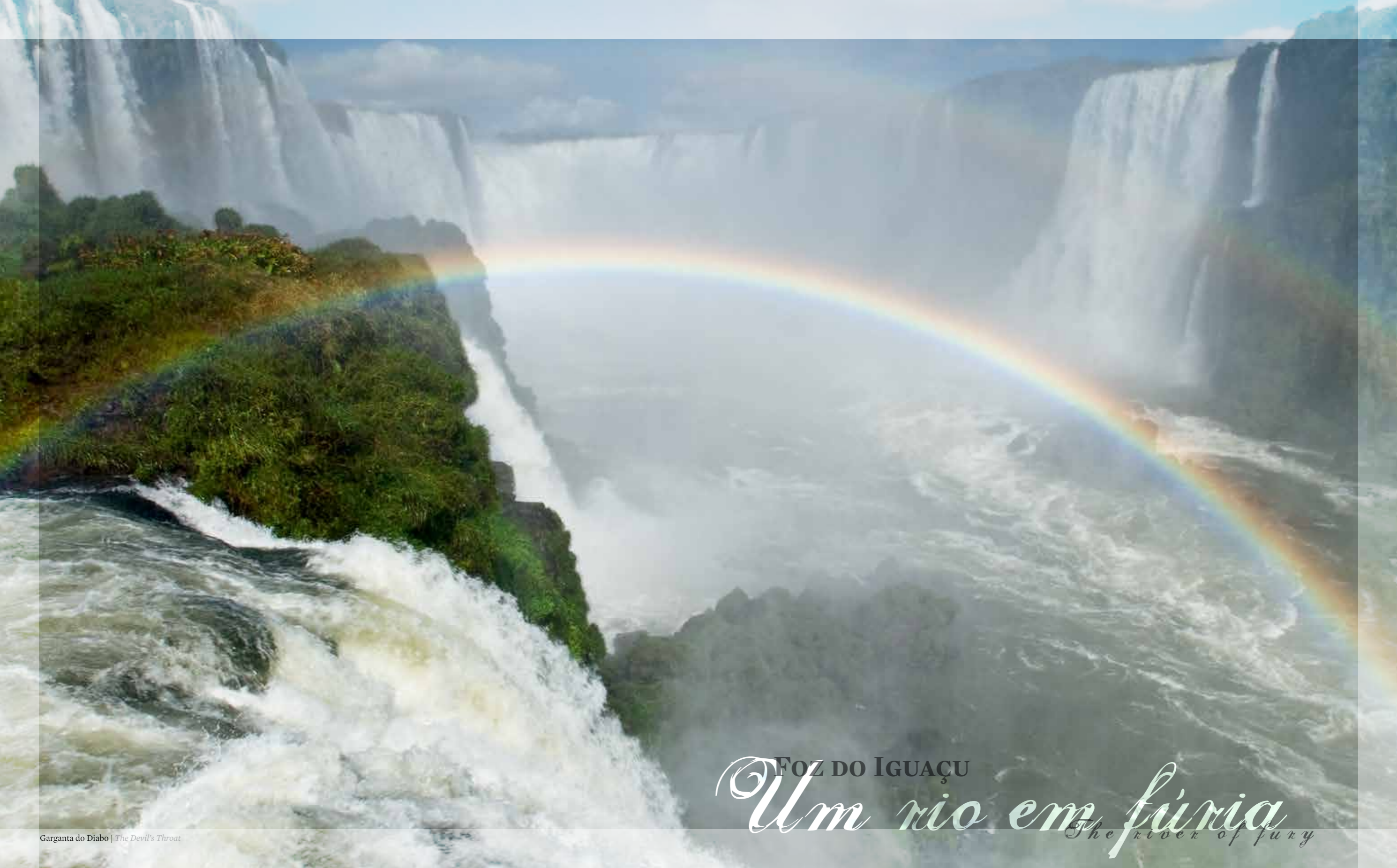
Entre 1639 e 1654, Noronha foi holandês e se chamou Pavônia, em homenagem a Michael Pauw, o então arrendatário. Depois, em 1736, chegaram os franceses, que ocuparam o arquipélago e o rebatizaram de Delphine. E só então é que os portugueses decidiram tomar posse definitiva dessas ilhas que tão atraentes pareciam para outras nações. Já no ano seguinte, Portugal deu início à construção de dez fortalezas, que na época formaram o maior sistema defensivo do Brasil Colônia. Também em 1737, Noronha começava a funcionar como colônia penal, e foram os próprios prisioneiros a mão de obra que ergueu os fortes e a vila de Nossa Senhora dos Remédios, hoje o centro administrativo das ilhas.

Durante os dois séculos em que foi prisão, e depois nos 46 anos em que esteve nas mãos dos militares, Fernando de Noronha foi um lugar tão distante e inacessível que poucos no Brasil se lembravam dele como parte integrante do país. Em 1988, com a volta da democracia e a assinatura de uma nova Constituição, o arquipélago, que era território federal, passou a pertencer a Pernambuco e, no mesmo ano, teve dois terços de sua área transformada no Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha. Confinados no terço restante, numa Área de Proteção Ambiental, seus 3.500 habitantes tentam encontrar seu lugar num país que está a 350 quilômetros de distância e num paraíso do qual não passam de hóspedes.

Between 1639 and 1654, Noronha was under the Dutch and was called Pavônia, in homage to Michael Pauw, then the lease holder. After that, in 1736, the French arrived, occupying the archipelago and re-baptizing it Delphine. And, only then, is that the Portuguese decided to definitely take over the islands that seemed so attractive to other nations. In the following year, Portugal started the building of ten fortresses that, at the time, were the largest defense system of the Colonial Brazil. Also in 1737, Noronha started to function as a penal colony, and the prisoners themselves were the work force that built not only the fortresses but also the Nossa Senhora dos Remédios village, the current administrative center of the islands.

During the two centuries that it was a prison and after that, during the 46 years it remained under the military, Fernando de Noronha was such a distant and inaccessible place that few in Brazil could even remember it as part of the country. In 1988, with the return of the democracy and the signing of a new constitution, Noronha, which was a federal territory, became part of the state of Pernambuco and, in that same year, had two thirds of its area turned into the Marine National Park of Fernando de Noronha. Restrained to the remaining third of the land, in an Environmental Protection Area, its 3,500 inhabitants try to find their place in a country which is 350 kilometers away and in a paradise where they are no more than mere guests.

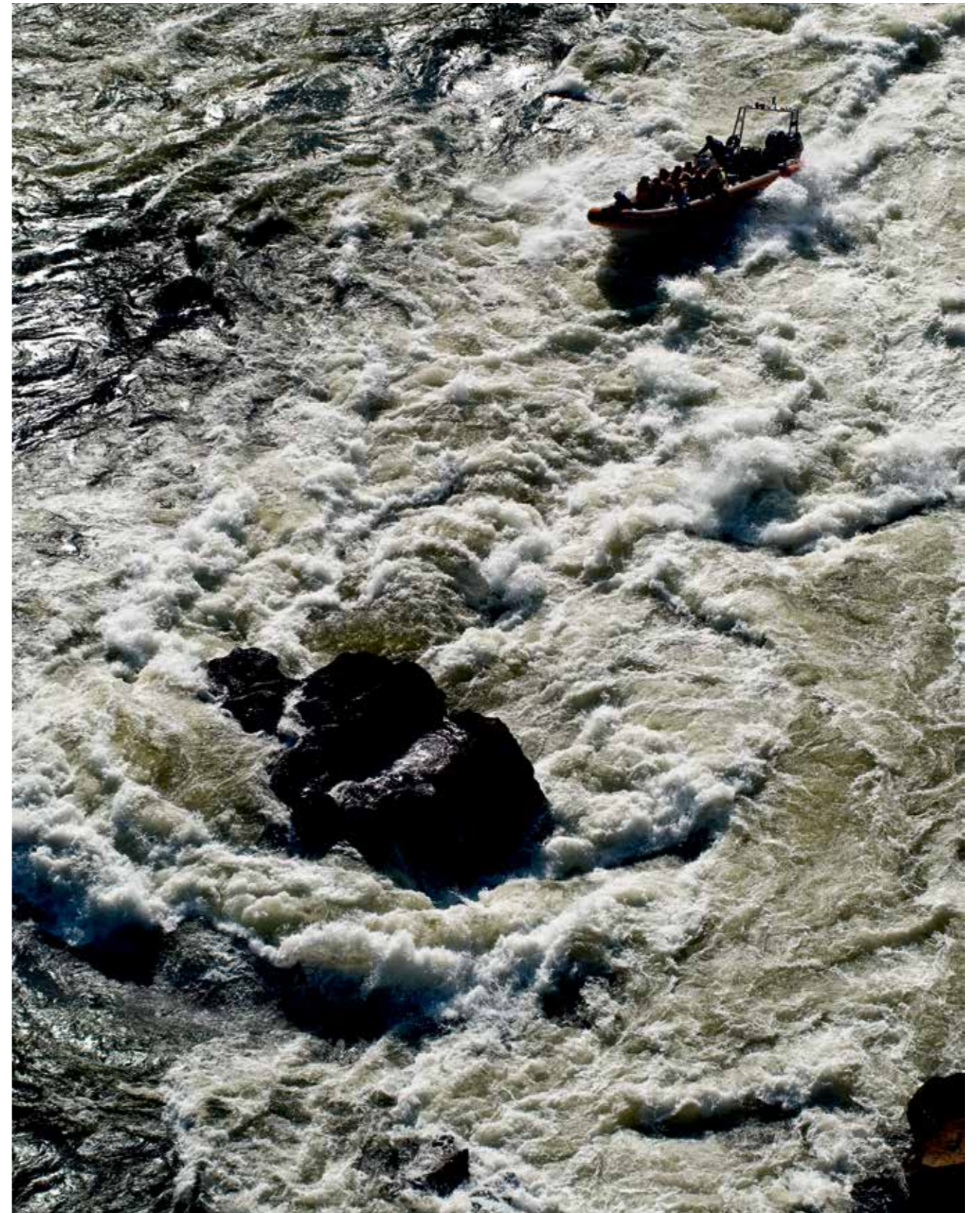




FOZ DO IGUAÇU
Um rio em fúria
The river of fury

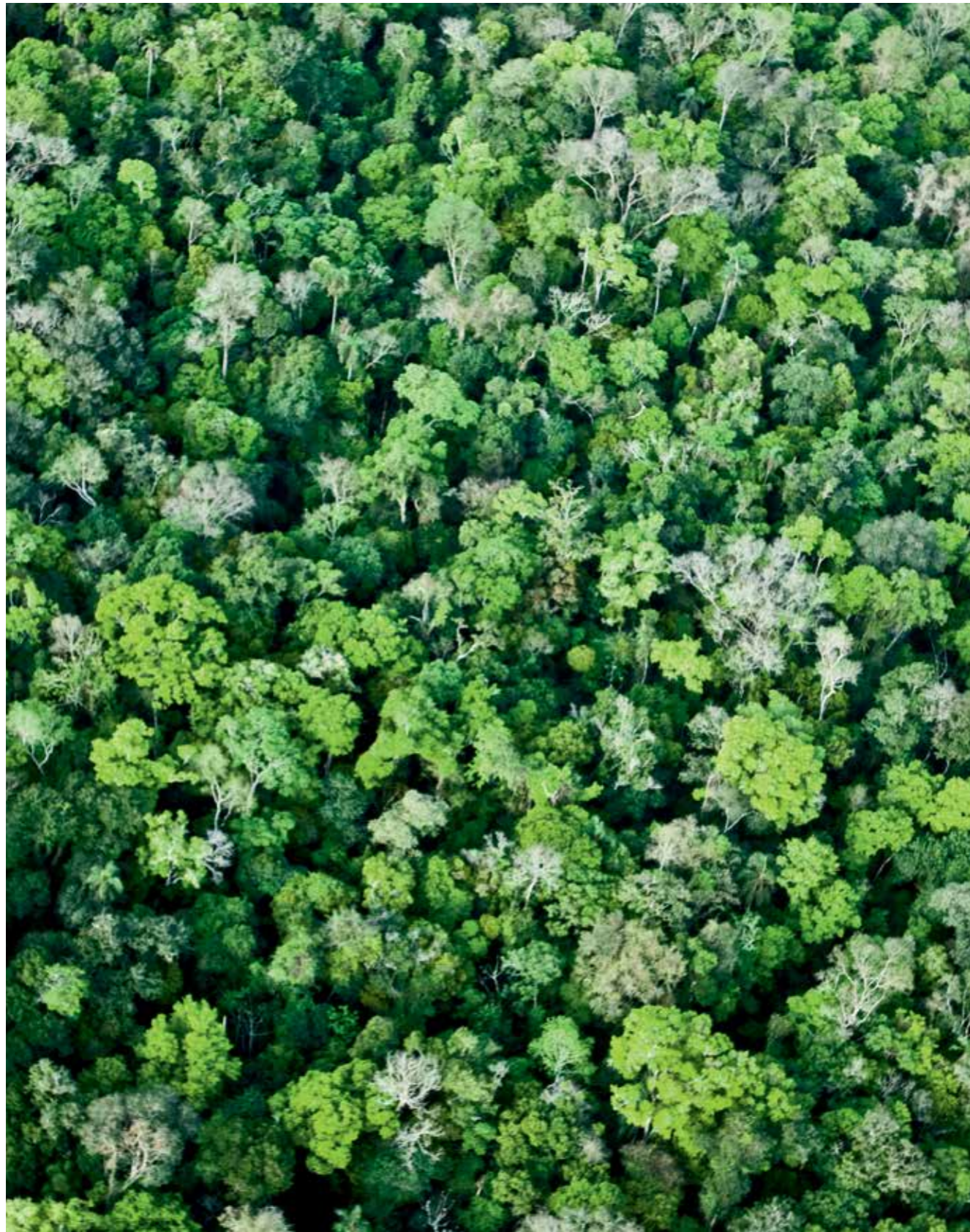


148 Rafting nas corredeiras do Rio Iguazu | Rafting in the rapids of the Iguazu River



Lancha vence as correntezas do Rio Iguazu | Speedboat overcoming the currents of the Iguazu River 149





152 Vista aérea da Mata Atlântica | Aerial view of the Atlantic forest

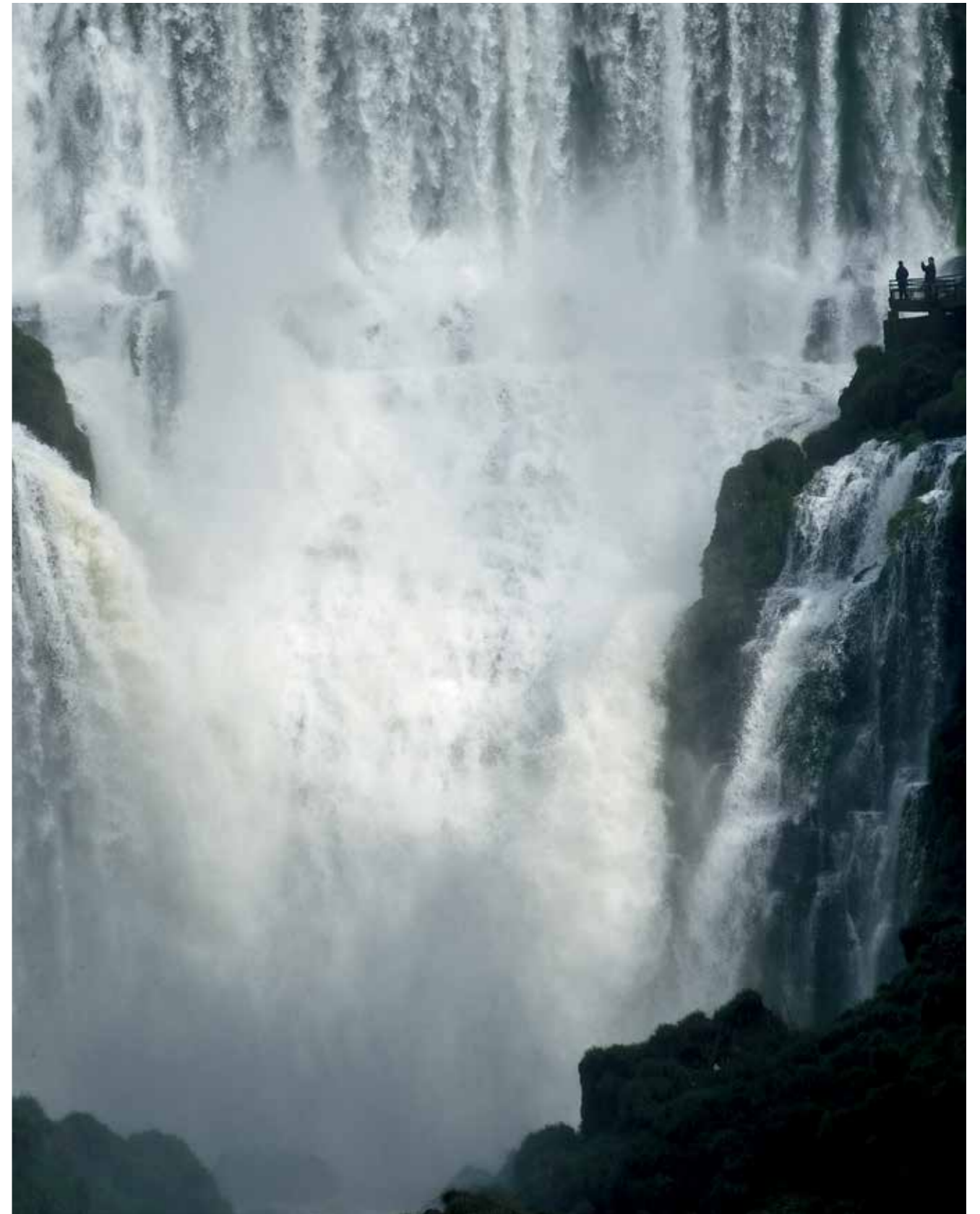


Aves sobrevoando a Garganta do Diabo | Birds flying over the Devil's Throat 153

Os rios, às vezes, parece até que adivinham o melhor caminho. Só para não morrerem anônimos.

Veja o Iguazu. O maior rio do Paraná nasce a apenas 60 quilômetros do Atlântico, nas vertentes ocidentais da Serra do Mar, perto de Curitiba, mas prefere correr na direção oposta. Ao invés de buscar o mar, pela via mais curta e lógica, o Iguazu toma o rumo do oeste, procurando o interior. Viaja 1.300 quilômetros atravessando campos e planaltos, e, como se perseguísse seu destino, já bem perto da foz ele se lança para dentro da grande fenda que os vulcões cavaram há 23 milhões de anos. Grossas e barulhentas, as águas despenham desenhando um arco que tem qualquer coisa de anfiteatro, pronto para a contemplação. E justificam o nome definitivo que os guaranis lhe deram: “Água grande”. Espetáculo de tal magnitude que a então primeira-dama americana Eleanor Roosevelt, quando cá esteve, não viu o que dizer senão “Poor Niagara...”.

Rivers, at times, seem to guess the best path to take. They do it, so that they will not fade in anonymity. See the Iguazu. The largest river in Paraná rises at just short 60 kilometers from the Atlantic, in the western springs of the Serra do Mar, near Curitiba, but it would rather run the opposite way. Instead of meeting the ocean, following the shortest and most logical way, the Iguazu River stubbornly brakes west, making way into the countryside. It will travel 1,300 kilometers across fields and high lands and, as if chasing its own destiny, well close to its mouth, will fall right into the stony slit dug by volcanoes some 23 million of years ago. Bulky and utterly loud, its waters plunge as they draw an arch that resembles something of an amphitheater, ready to take in its worshipers. And that, indeed, justifies the definite name the Guaranis dubbed it: “Água Grande” (Great Water). Such overwhelming spectacle, left even the visiting Eleanor Roosevelt, then, first-lady, nearly speechless, wasn’t it for the “Poor Niagara...” she managed to mumble.



Esta imensa arena por onde escorrem as águas do Iguazu tem 2.700 quilômetros de extensão, dos quais dois terços estão em território argentino. Verdade seja dita: as Cataratas do Iguazu são mais argentinas que brasileiras, mas a melhor vista do conjunto, visão frontal e magnífica, essa ninguém nos tira. Lugar nenhum é mais perfeito que o solo brasileiro para admirar as infinitas variações de forma e conteúdo que essas quedas podem alcançar ao longo do dia e do ano. Tão infinitas que ninguém sabe ao certo quantas são as cachoeiras; fala-se num número que varia entre 150 e 275 saltos, dependendo da vazão. O Iguazu, além de atrevido, também é um rio temperamental e imprevisível, sensível às mudanças do clima e ao abre e fecha das cinco hidrelétricas que existem ao longo do seu curso, acima das cataratas. Conforme o movimento das comportas, o volume pode mudar em questão de horas.

Em tempos de seca, a vazão chega a menos de 500 metros cúbicos por segundo, deixando quase nus os paredões de basalto por onde o rio despenca. Na cheia, bate fácil nos 6 mil metros cúbicos, mas já houve casos extremos em que a vazão alcançou insólitos 20 mil metros cúbicos por segundo. Aí é o Iguazu vertendo água por todas as frestas disponíveis, e com tal força que o vapor que se forma nem sequer deixa ver o céu. Perto da Garganta do Diabo, a maior e mais raivosa das cachoeiras, onde o rio salta com carga máxima, as passarelas de visitação têm de ser inclusive interditadas. Por cima e por baixo,



as águas correm com ares de mar revolto.

Na cheia ou na seca, o Iguazu depois das cataratas já é um rio diferente. Se pouco antes da grande curva que conduz às cachoeiras ele chega a se espriar raso e pachorrento, após os saltos torna-se profundo, estreito e veloz, flanqueado pelas paredes íngremes de um cânion que ele mesmo ajudou a cavar. Quando por fim encontra sua desembocadura, 18 quilômetros adiante, tamanha é sua força que o Rio Paraná ainda custa a assimilar de todo suas águas. Por alguns quilômetros, o Iguazu corre sem se deixar misturar, como se quisesse adiar seu fim.

A primeira notícia que se teve da existência das Cataratas do Iguazu foi em 1542, quando a expedição liderada pelo conquistador espanhol Álvar Núñez Cabeza de Vaca passou



The humongous arena, onto which the Iguazu waters carve their way, spans over 2.700 kilometers, from which two-thirds are inside Argentinian borders. The truth be said: the Cataratas do Iguazu are more Argentinian than they are Brazilian. But the best spot to fully enjoy the awe-inspiring front-row view, that one, indeed, is Brazilian. No other place is as perfect as the Brazilian soil to wonder at the infinite variations of form and content that the falls can assume throughout the day and the year. So infinite, that none can certainly say how many falls there are; some say they can be as many as 150 to 275 falls, depending on the water flow. The Iguazu, besides being cheeky, can also be moody and unpredictable, sensitive to the changes of

climate and to the rhythm of the waterworks from five hydroelectric power plants scattered along its course, upriver from the cataratas. According to the movement of their floodgates, the volume of water may change drastically in a matter of a few hours.

During eventual draughts, the flow may be less than 500 cubic meters per second, nearly unveiling the basalt walls where the river, then, drips. In flood season, it easily tops 6 thousand cubic meters, but there are accounts of extreme cases when it reached 20 thousand cubic meters per second. It is there and then the Iguazu gushes water through each and every available nook and cranny, and with such power that the resulting mist will cloud the sky above. Near the Garganta do Diabo – Devil's Throat –, the biggest and angriest of all of the falls, where the river bombards with its heaviest of loads, the walkway nearby has to be interdicted. Over and under it, the torrent has the likes of a revolting sea.

Be it flood or draught, the Iguazu past the cataratas is a whole different river, already. If a little short from the great bend that leads to the falls it would even spread flat and lazy, after plunging, it will become deep, narrow and speedy, sided by the steep walls of the canyon it helped carve. When, at the end, it is delivered to its mouth, 18 kilometers further down, so much is its strength that the Paraná River still cannot take in all that water. For a few kilometers, the Iguazu will run without blending its flow, as if resisting fading in.

por aqui a caminho de Assunção, no Paraguai. Impressionado, ele escreveu: “O rio dá um salto por uns penhascos enormes, e a água golpeia a terra com tanta força que de muito longe se ouve o ruído”. Três séculos depois, precisamente em 1876, o engenheiro André Rebouças lançou, pela primeira vez, uma campanha com a intenção de proteger as quedas, criando um parque nacional nos moldes do pioneiro Yellowstone, nos Estados Unidos. A sugestão foi dada ao próprio Dom Pedro II, alegando-se que o lugar reunia, nas palavras de Rebouças, “toda a gradação possível do belo ao sublime”. Caso o imperador tivesse comprado a ideia na época, teria criado o segundo parque nacional mais antigo do mundo.

A verdade é que, até o final do século 19, este pedaço do Brasil era tão remoto que, para ser alcançado, exigia muitos dias a cavalo em estrada tropeira a partir de Curitiba. Não por acaso, os países vizinhos exerciam influência muito maior que o governo sediado no Rio de Janeiro. E foi por isso que, em 1889, decidiu-se fundar, perto da confluência dos rios Iguaçu e Paraná, a colônia militar de Foz de Iguaçu, que serviria como posto de fronteira. Naquele momento, já centenas de colonos argentinos e paraguaios viviam aqui, explorando erva-mata e madeira. E mesmo algum tempo depois da fundação foi necessário um decreto oficial para tornar obrigatório o uso da língua portuguesa e da moeda nacional na cidade que começava a crescer.

Após a passagem de Cabeza de Vaca, foram quase 380 anos de espera para que as Cataratas

do Iguaçu recebessem nova celebridade mundial (ou algo que se aproximasse disso). E, com ela, o empurrão definitivo que levaria à sua proteção legal. A história é bem conhecida: em 1916, Alberto Santos Dumont visita a fazenda do uruguaio Jesús Val, proprietário de terras que na época alcançavam 1 milhão de hectares, dentro dos quais se incluíam as cataratas. Indignado com o fato de que tal maravilha estivesse em área particular, nas mãos de um homem só, o pai da aviação pede ao governo estadual a imediata desapropriação do terreno. Naquele mesmo ano, mil hectares em torno das quedas são declarados de “utilidade pública”.

Duas décadas depois, em janeiro de 1939, Getúlio Vargas por fim decretou a criação do Parque Nacional do Iguaçu, que nascia já com 156 mil hectares de área protegida. Isso foi um ano e meio depois do surgimento do primeiro parque nacional brasileiro, o de Itatiaia. O acesso, porém, continuaria difícil por ainda mais um bocado de tempo. Só em 1969 é que se completou a rodovia de asfalto ligando Curitiba ao oeste do Paraná, impulsionada não exatamente pelas cataratas, mas pela construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, cujas obras começaram em 1975.

O Parque Nacional do Iguaçu pode não ter sido o primeiro do Brasil, mas foi um parque pioneiro em muitas coisas. Em 1981, ganhou o primeiro plano de manejo do país. Em 1986, tornou-se, por ação da Unesco, nosso primeiro Patrimônio Natural da Humanidade. E, em 2000,

The first news heard about the very existence of the Cataratas do Iguaçu date from 1542, when the expedition led by the Spanish conquistador Álvaro Núñez Cabeza de Vaca walked on those lands on his way to Assunção. Impressed, he wrote: “The river jumps over huge cliffs, and the water smashes the ground so hard, the noise can be heard from great distance”. Three centuries later, precisely in 1876, the engineer André Rebouças started, for the first time, a campaign for protecting the falls, by establishing a national park, following the formula of the Yellowstone Park, in the United States. The suggestion was given personally to Dom Pedro II, claiming that the place gathered, to quote Rebouças, “all the possible shades from beautiful to sublime”. Had the Emperor bought the idea at the time, he would have established the second oldest national park in the world.

In fact, until the end of the XIX century, this patch of Brazil was so remote that, in order to get there, it would take many days on horseback following cattle tracks from Curitiba. Not coincidentally, the neighboring countries exerted much greater influence than the government, then located in Rio de Janeiro, did. And because of that, in 1889, it was decided to establish, near the confluence of the Iguaçu and Paraná Rivers, the military outpost of Foz de Iguaçu, to be used as border checkpoint. At that point, hundreds of Argentinian and Paraguayan settlers lived there cultivating erva-mate and timber. And, even some time after the outpost’s establishment, it was

necessary an official decree to make mandatory the use of the Portuguese language and of Brazilian currency during the early days of the town.

After Cabeza de Vaca, it took nearly 380 years waiting for the Cataratas do Iguaçu to receive worldly notoriety (or almost that). And with it, get the definite push that would enforce its legal protection. The story is a well-known one: in 1916, Alberto Santos Dumont visits the farm of the Uruguayan landowner Jesús Val, who possessed over a million hectares, within which the cataratas were located. Indignant with the fact that such wonder was within private property, owned by a single man, the father of aviation asks the state government the immediate expropriation. In that same year, one thousand hectares around the falls are declared “public utility”.

Two decades later, in January, 1939, Getúlio Vargas finally decreed the establishment of the Iguaçu National Park, with 156 thousand hectares of protected land. That happened one year and a half after the establishment of the first Brazilian National Park, Itatiaia. Access, nevertheless, would continue difficult for some years, still. Only in 1969 is that an asphalt road connected Curitiba to the west of Paraná, built not exactly because of the cataratas, but for the construction on the Hydroelectric Power Plant of Itaipu, whose works started in 1975.

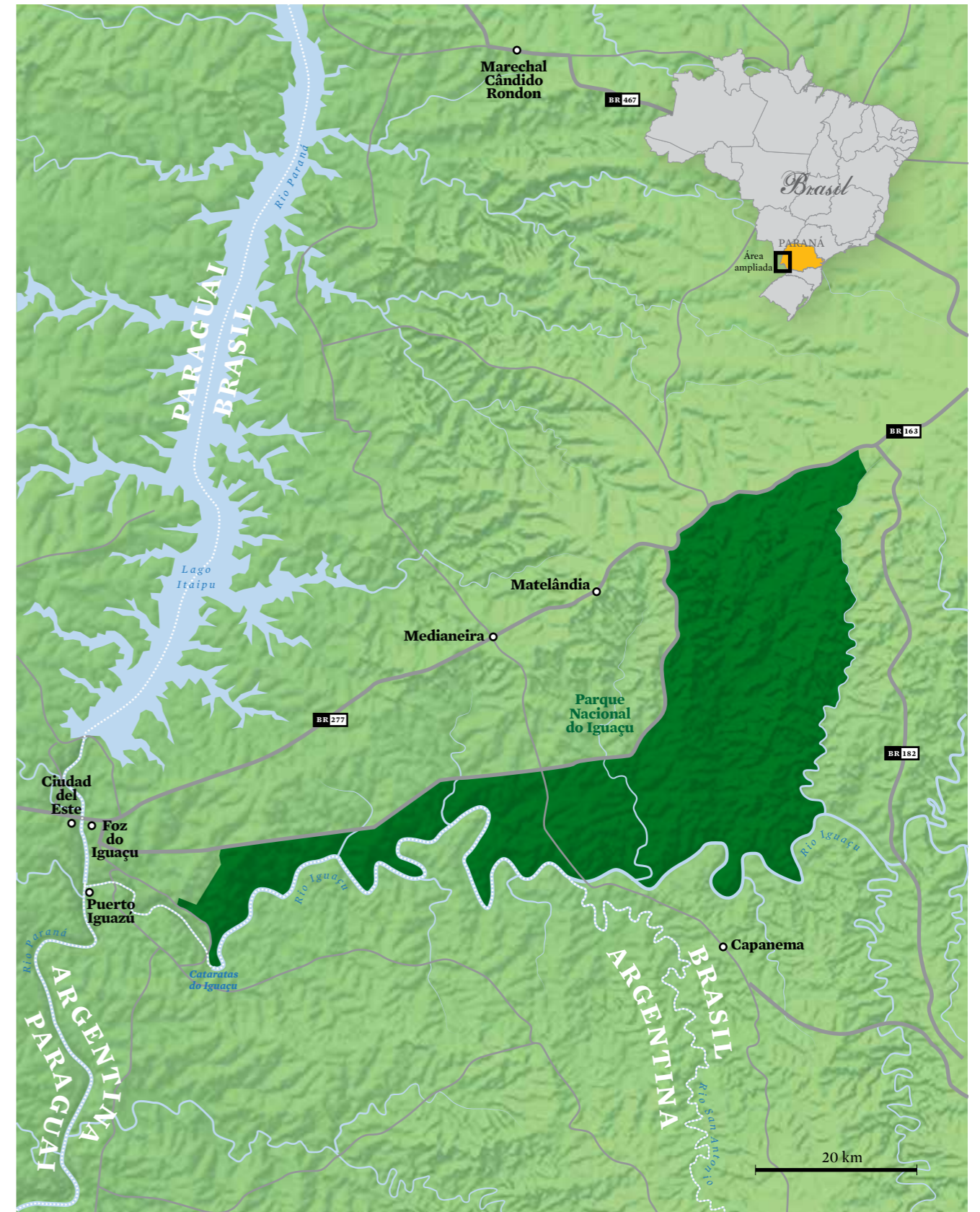
The National Park of Iguaçu may not have been the first national park in Brazil, but it was a pioneering park in many ways. In 1981, it was granted the first management plan in the

foi o piloto de uma parceria inédita entre o governo federal e a iniciativa privada, onde se abriu caminho para as concessões, ou seja, a contratação de empresas responsáveis pelos passeios e serviços turísticos dentro da reserva. O resultado disso foi que, em uma década, o número de visitantes praticamente dobrou: em 2010, cerca de 1,2 milhão de pessoas, de mais de 150 nacionalidades diferentes, vieram ver de perto as cataratas.

Atualmente, o parque tem em torno de 185 mil hectares (um pouco maior que a área do município de São Paulo), dos quais apenas 3% estão abertos à visitação pública – precisamente o trecho em torno das cataratas. Todo o resto é uma floresta compacta e virgem, formada por samambaias, orquídeas, bromélias, palmeiros e árvores como pau-d’alho, peroba-rosa, jaracatiá, angico, cabreúva, cedro e canela. Foi o que sobrou da Mata Atlântica que originalmente forrava o oeste paranaense, hoje reduzida a uma mancha verde e solitária que acabou adquirindo status de santuário, lar de cerca de 240 espécies de aves, 50 de mamíferos e um número estimado de mais de 800 espécies de borboletas. A despeito de todos os esforços do Rio Iguazu em criar as mais impressionantes cataratas do planeta, para os bichos essas águas não fazem a menor diferença. Sua gratidão é com a mata.

country. In 1986, became, by decree of Unesco, our first World Heritage site. And, in 2000, it was the pilot project for an unprecedented partnership between federal government and private initiative, paving the way for concessions, that is, the sourcing of companies responsible for tours and touristic services within the park. The result: in ten years, the number of visitors practically doubled: in 2010, around 1.2 million people, from over 150 different nationalities, came over to see the cataratas.

Currently, the park spreads over around 185 mil hectares (a little larger than the city of São Paulo), of which only 3% are open to public visitation – precisely the area around the cataratas. All the rest is compact virgin forest, formed by ferns, orchids, bromeliads, palm trees and trees such as the pau-d’alho, peroba-rosa, jaracatiá, angico, cabreúva, cedar and cinnamon. It is what is left of the Mata Atlântica – Atlantic Forest – that originally covered the west of Paraná; reduced, nowadays, to a lone green stain, it ended up being granted a sanctuary status, home to 240 bird species, 50 species of mammals and an estimated number of over 800 butterfly species. In spite of all the efforts from the Iguazu River in creating the most impressive falls in the planet, for the animals that live in the area, such waters are not that big of a deal. Their gratitude is towards nothing else, but the forest itself.





LENÇÓIS MARANHENSES
Deserto à Brasileira
A desert, Brazilian way







Desertos em geral são fartos em miragens, mas em nenhum elas são tão reais quanto nos Lençóis Maranhenses. Durante uma boa parte do ano, há água de fato por trás de cada duna deste extenso areal a leste de São Luís. Água fresca, translúcida, de cores improváveis como azul-turquesa ou verde-esmeralda, tão perfeita que a mente ainda custa a crer que não se trata de um efeito óptico – dúvida que, obviamente, logo se dissipa no primeiro mergulho. Há que se lembrar que estamos no Brasil, e qualquer lugar em território nacional que porventura alguém resolva chamá-lo de deserto (palavra que nos soa tão estrangeira) jamais poderia sê-lo por inteiro. Pois bem: se deserto é, por definição, um lugar com baixa incidência de chuvas, é assim que devemos classificar os Lençóis Maranhenses durante a metade do ano. Nos outros meses, quando as nuvens equatoriais descarregam o aguaceiro próprio destas latitudes, este pedaço do Maranhão torna-se qualquer outra coisa, sabe-se lá o quê, jamais um deserto. Ou, no mínimo, um deserto onde as miragens são reais. Aí, já nomes nem importam. Apenas a contemplação grata e reverente.

Deserts are, in general, teeming with mirages, but nowhere can they be as real as in the Lençóis Maranhenses. During a great deal of the year, there will, indeed, be water behind every dune of the broad sandy land, east of São Luís. Fresh clear water, bearing improbable colors such as turquoise-blue or emerald-green, so perfect it takes the mind some time to believe it is nothing else but an optical illusion – a doubt that will, obviously, dissipate as soon as you dive into it. We must remember that we are in Brazil, and any place in the national territory that, by any chance, is dubbed a desert (such foreign sounding word) could never truly be one. Oh, well: if, indeed, a desert is, by definition, a place with low incidence of rain, thus must the Lençóis Maranhenses be classified. At least during one half of the year. In the other months, when the equatorial clouds release the waterworks characteristic to such latitudes, this patch of Maranhão becomes anything other, but a desert. Or, at least, a desert where mirages can be real. By then, names do not matter. Just a thankful and contemplative reverence remains.





Lençóis é uma denominação recente, dada na década de 1970 por técnicos da Petrobras que, ao sobrevoar a região, encontraram certa semelhança com panos brancos quando estendidos para secar ao sol. Para os moradores, essas sempre foram as “morrarias”, o que de certo modo traduz com mais certidão este lugar composto de vales e serras que, quando vistas ao rés do chão, dão a vaga impressão de se estar no meio de uma cordilheira de areia. Quem visita a região nos últimos meses do ano deve achar que se trata de fato de um deserto, pois, salvo a existência de algumas poucas lagoas perenes, o que se vê é um areal infinito que parece eliminar todo e qualquer rastro de humanidade.

Nesse ponto, os Lençóis Maranhenses seguem a lógica de outros desertos costeiros do planeta, cuja formação é resultado de um acordo entre os rios, os ventos e o mar. Aqui, tudo começa algumas centenas de quilômetros a leste, onde o Rio Parnaíba, conjurado com outros cursos

d'água menores como o Preguiças, despeja no Atlântico a areia que carrega do sertão. Quando os sedimentos encontram o oceano, no Delta do Parnaíba e em outros pontos da costa, logo pegam carona na corrente Sul Equatorial, que se encarrega de levá-los de volta para o litoral, distribuindo-os ao longo de uma faixa costeira que se estende por mais de 100 quilômetros. Os ventos alísios, soprando do Nordeste, terminam o serviço espalhando as areias continente adentro e desenhando dunas que em certas áreas alcançam 40 metros de altura. Esse ciclo vem se repetindo há pelo menos 12 mil anos. Durante esse tempo, as areias, brancas e finas como talco, já avançaram em torno de 50 quilômetros em direção ao interior. Em seu caminho, engoliram algumas centenas de casas, o aeroporto da cidade de Tutoia e uma vila inteira dos índios caetés.

Seria um deserto perfeito se, a partir de janeiro, a chuva não resolvesse desabar sobre o litoral do Maranhão, disposta a transformar



Lençóis (bed sheets) is a recent denomination, given in the 70s by Petrobras technicians that, when flying over the region, saw a certain resemblance to white cloths hanging from clotheslines, drying in the sun. For the dwellers, those have always been “morrarias”, which, in a way, better translates the place made out of valleys and high hills that, when seen from the ground will give you a vague sensation of being among sandy mountain ridges. Whoever may come to the region at the end of the year will, in fact, think it is very much of a desert, since, except for the presence of a few perennial lagoons, what one will see is an infinite repetition of sandy hills which obliterate any trace of humanity.

At that point, the Lençóis Maranhenses will follow the logic of any other coastal desert of the planet, whose formation is the result of a common agreement between rivers, winds and the ocean. Here, everything starts at hundreds of kilometers to the east, where the Parnaíba River, along with

other smaller waterways, such as Preguiças, will pour the sand they have been carrying from the sertão (hinterland) right into the Atlantic. When the sediments meet the ocean, at the Parnaíba Delta and at other points along the coast, they will soon hitch a ride with the Southern Equatorial current, which will take them back to the shoreline, spreading them along a coastal strip that will stretch for over 100 kilometers. The trade winds, blowing from northeast, finish the job by spreading the sands into the mainland and drawing dunes that will reach as high as 40 meters at some points. The cycle has been repeating itself for at least 12 thousand years. During that time, the sands, white and fine like talcum powder, have advanced around 50 kilometers inland. On their way, they swathed a few hundred houses, the airport of a town, Tutoia, and a whole village of the caetés indians.

It would be the perfect desert if it were not for the rain that, from January onwards, will

a paisagem em algo substancialmente diferente. No primeiro semestre do ano, durante os seis meses que os locais chamam de “inverno”, a precipitação média é da ordem de 1.200 milímetros – quando em outros desertos do mundo não passa de 250 milímetros anuais. É tanta chuva que, depois de certo tempo, o lençol freático oculto sob o areal começa a transbordar. A água aflora e se espalha pelos baixios entre as dunas, formando lagoas que podem chegar a até 90 metros de comprimento e 3 metros de profundidade. Em julho, os Lençóis Maranhenses alcançam o pico de sua beleza, quando cada concavidade entre as dunas, por menor que seja, está carregada de água.

Ainda mais insólito é o fato de que muitas dessas lagoas, além de tudo, são capazes de suportar um ecossistema inteiro, com direito a cardumes de peixes prateados proliferando nas águas turquesa. Mais do que uma miragem, isso parece um milagre, mas não é nada que a ciência não possa explicar. Nos meses de estiagem, vacas e cabras deixam suas fezes no fundo dos vales secos, que, com a chegada das chuvas, servirão de alimento às larvas depositadas pelos insetos. Essas larvas, por sua vez, atraem os peixes que vêm nadando desde o leito dos rios. Durante as chuvas, a água é tanta que as lagoas, por um tempo determinado, chegam a se comunicar com os rios, permitindo a passagem dos peixes. Só quando as dunas avançam e isolam as lagoas é que eles permanecem aprisionados, servindo de refeição para uma infinidade de aves marinhas.

Nem todas as lagoas secam durante a estiagem, sobretudo as maiores, o que permite certo montante de beleza nos Lençóis Maranhenses o ano todo. E existe ainda o Preguiças, o mais importante rio da região, curso de águas escuras e perenes que, após banhar a cidade de Barreirinhas, segue sinuoso em direção ao mar, cavando um vale verde povoado por manguezais e palmeiras como o buriti, a carnaúba e o babaçu. É o Rio Preguiças quem também divide em duas as morrarias da região. A oeste ficam os chamados Grandes Lençóis, uma vastidão de areia de 1.500 quilômetros quadrados transformada em 1981 no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. A leste, os Pequenos Lençóis, de extensão dez vezes menor, estão protegidos dentro de uma Área de Proteção Ambiental.

O Rio Preguiças, além de principal via de acesso, virou também endereço fixo para a maior parte da população local, que em suas margens ergueu vilas e cidades como Barreirinhas, a maior de todas, pouso e porta de entrada para viajantes do mundo inteiro. Rio abaixo, já perto da desembocadura, povoados como Mandacaru, Atins e Caburé ainda aprendem a manejar novidades recentes, como a chegada da luz elétrica e o afluxo cada vez maior de visitantes. Quem não vive do turismo depende dos recursos naturais, até que abundantes para uma zona de deserto. Aqui os moradores pescam, cultivam o caju, extraem a cera da carnaúba e fazem da palha do buriti lindas peças de artesanato.

Outros tantos, metidos no meio das morrarias, nem sequer a luz elétrica conhecem.

plummet onto the coast of Maranhão, willing and able to transform the landscape into something substantially different. In the first half of the year, during the six months the locals call “winter”, average precipitation amounts 1,200 millimeters – while in other deserts around the world it will not amount to more than 250 yearly millimeters. It is so much rain that, after a while, the water table hidden under the sands overflows. The water springs and spreads in the low lands between the sand dunes, forming lakes that can be as long as 90 meters and as deep as 3 meters. In July, the Lençóis Maranhenses reach the peak of their beauty, when the smallest concavity between the dunes is drowned in water.

What is even more unexpected is the fact that many of these lagoons are able to sustain a whole ecosystem, with schools of silver fish thriving in the turquoise waters. More than a mirage, it is more like a miracle, although nothing science cannot explain. In the months of drought, cows and goats deposit their droppings in the depth of the dried out valleys, which, with the coming of the rainy season, will feed the larvae, deposited there by insects. These larvae, on their turn, attract fish that swim up from the riverbed. During the rainy season, the water is such that the lakes, for some time, will connect to the rivers, allowing fish to swim through them. Only with the advance of the dunes, and the consequent isolation of the lakes, is that fish will be trapped, becoming the food for an unlimited number of marine birds.

Not all the lakes will dry out during the drought, especially the largest ones, which allows the Lençóis Maranhenses to display a certain amount of beauty all year long. And there is still the Preguiças, the most important river of the region, streaming dark and perennial waters that, after bathing the city of Barreirinhas, winds its way towards the ocean, digging a green valley, populated by mangroves and palm trees, such as the buriti, the carnaúba and the babaçu. It is the Preguiças River that also splits the hills of the region apart into two. To the west are the so-called Grandes Lençóis, a vast 1,500 square kilometer sandy stretch transformed into the Lençóis Maranhenses National Park in 1981. To the east, the Pequenos Lençóis, ten times less extensive, are protected inside an Environmental Protection Area.

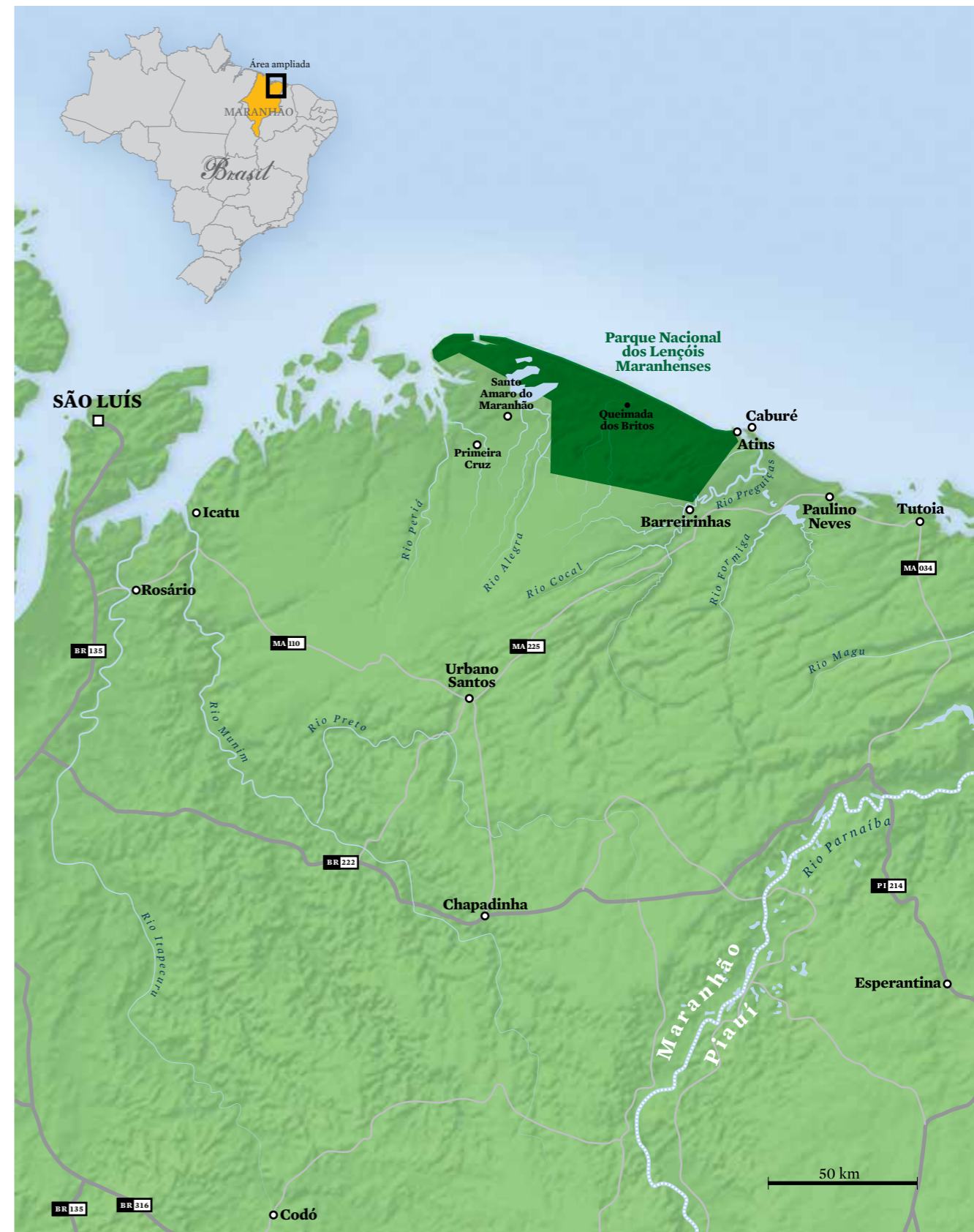
The Preguiças river, besides being the main access, has also become the fixed address to great part of the local populace, that has built along its margins villages and towns such as Barreirinhas, the largest of them, resting place and entrance for travellers from all over the world. Down the river, near its mouth, settlements such as Mandacaru, Atins and Caburé are still learning to deal with the latest novelties, such as electricity and the ever growing flow of visitors. Whoever does not live off the tourism will depend on the natural resources, seemingly abundant for such desert zone. It is here the locals will fish, grow cashew nuts, extract the carnaúba wax and use the buriti straw to make beautiful hand crafted pieces.

Moram em casebres feitos com palha de buriti, cercados de dunas por todo lado e distantes de tudo, sem acesso por rio ou estrada. Para chegar à cidade mais próxima, precisam caminhar, em alguns casos, durante oito horas. Na maior parte do ano, pastoreiam rebanhos de cabras pelo areal, aproveitam-se dos cajueiros, dos buritis e das carnaúbas que crescem nos oásis e do chão fazem brotar, não sem certo esforço, lavouras de mandioca, milho e feijão. Com as chuvas, mudam-se para o litoral, onde instalam cabanas de palha e passam a temporada dedicando-se à pesca e à salga de peixes como o camarupim.

Calcula-se que existam em torno de 50 povoamentos dentro da área do parque nacional, totalizando pouco mais de 3.500 pessoas agrupadas em núcleos que variam de um punhado de famílias a uma vila inteira. Difícil precisar o número exato de aldeias e habitantes, ou mesmo seu lugar de pouso, pois essa gente vive em permanente movimento – seja pela busca dos recursos naturais, seja porque as dunas simplesmente avançam sobre as casas, obrigando seus moradores a mudarem de endereço. O maior desses lugarejos é a Queimada dos Britos, um oásis bem no centro do parque onde moram 90 pessoas e alguns milhares de cabras. Quase todos têm o mesmo sobrenome e algum parentesco com Manoel Brito, uma espécie de patriarca local que, quando vivo, diziam ser dono de mais de 500 cabras. Aqui, riqueza se mede assim: em número de cabras.

So many others, embedded among the hills, barely know about electric light. They live in small huts made of buriti straw, surrounded by dunes from every side and far from everything, without any river or road access. In order to get to the nearest town, they will walk, in some cases, during eight hours. During most of the year, they shepherd herds of goats through the sandy land, making use of the cashew nut trees, of the buritis and of the carnaúbas that grow in the oasis and manage to plant, not without a good measure of effort, manioc corn and bean crops. With the rain, they move to the coast, where they set up straw huts and spend the season fishing and salting fish, such as the camarupim.

It is estimated that some fifty settlements exist within the National Park area, totaling a little over 3,500 people grouped in communities that will vary from a few families to a whole village. It is hard to tell a precise number of villages and people, or even their resting place, since those people live in constant movement – be it in search for natural resources, be it because the dunes simply move over their houses, forcing the dwellers to move to a new address. The biggest of such places is the Queimada dos Britos, an oasis right in the center of the park, where ninety people and a few thousand goats live. Almost all bear the surname and some degree of relation to Manoel Brito, a kind of local patriarch who, when living, was said to be the owner of over five hundred goat heads. Here, one's wealth is measured like this: in number of goats.





MONTE RORAIMA
Uma ilha no céu
An island up in the sky





182 Rã *Oreophrynella quelchii*, espécie endêmica do Monte Roraima | *Roraima bush toad*, a species native to Monte Roraima



Indiozinho da etnia macuxi na Terra Indígena Raposa Serra do Sol | *A little Macushi Indian in the Raposa Serra do Sol Reserve* 183

*H*á todo tipo de ilhas, não necessariamente cercadas de água, e o Monte Roraima é uma delas.

Quem vem da savana distingue um bloco só, rocha única e descomunal rodeada de planície por todos os lados, que parece ter brotado do chão como se fosse a crista de alguma cordilheira subterrânea. É uma montanha esquisita, vale dizer, sobretudo porque, em vez de um vértice como cume, o que existe é um platô, extenso e achatado, que as escarpas íngremes suspenderam 500 metros acima do solo. Para os homens, não existe caminho que leve ao topo senão um só, e ele exige ao menos dois dias de caminhada. Uma vez lá em cima, a sensação de isolamento se agrava. Primeiro, pelas pedras das mais estranhas formas que habitam o lugar, coisa que nem parece deste mundo. E também porque, quando o tempo esquenta, as nuvens equatoriais encostam nos penhascos e envolvem de tal modo a montanha que em tudo ela se assemelha a uma ilha, só que pendurada no céu, abraçada por um oceano de névoa.

There are many kinds of islands, and not all of them are necessarily surrounded by water. Monte Roraima is one of those. Whoever comes from the savannah can only make out one block, a single and humongous rock surrounded by plains from every side, seemingly sprung out of the ground, as if it were the ridge of some subterranean mountain range. It is a strange mountain, indeed, especially because, instead of an angle as the peak, what one will see is a long and flat plateau, that steep walls have raised 500 meters above ground. For men, there is just one path to follow to reach the top, and it takes at least two days to get there. Once up there, the feeling of isolation only worsens. First, for the strangest shaped rocks that inhabit the place, with the looks of an outer world setting. And also because, when the weather gets warmer, the equatorial clouds brush the cliff and envelop the mountain so that it resembles an island in every way, only that it hangs from the sky, embraced, instead, by a sea of clouds.



Metáforas à parte, o Monte Roraima é, de fato, uma ilha geológica, separada do resto do mundo há milhões de anos, onde o tempo se viu livre para criar um universo particular. Montanhas assim são chamadas de tepuis, e há uma centena dessas no norte da América do Sul, concentradas numa área entre o Rio Orinoco e a planície amazônica. A mais alta de todas é o Roraima, cujo ponto culminante, conforme a última medição, está a 2.734 metros acima do nível do mar. Os tepuis constituem a porção mais elevada do Planalto das Guianas, meseta antiquíssima cuja formação teve início na era Pré-Cambriana, há 1,6 bilhão de anos. Suas rochas, incluindo as que repousam no topo do Roraima, estão entre as mais antigas da Terra.

Os tepuis, como montanhas isoladas, são bem mais jovens, com idade estimada em 150 milhões de anos. A mesma rachadura que separou a África da América do Sul e fez nascer o Oceano Atlântico também levantou do solo um bloco maciço de arenito, de 3 mil metros de espessura, bem nessa região. Movimentos sucessivos da crosta terrestre quebraram esse colosso em centenas de pedaços, criando fendas que a erosão terminou por alargar e aprofundar. Essas fendas tornaram-se vales e os nacos de arenito foram ficando cada vez mais distantes uns dos outros, dando origem aos tepuis. No topo, restou um retrato do planeta como era no momento da ruptura, onde as espécies animais e vegetais se desenvolveram completamente ilhadas, mas preservando certo parentesco com as das

montanhas vizinhas e, inclusive, com terras que ficaram do outro lado do Atlântico.

É o caso de certa rã de dorso negro e barriga amarela (de nome científico *Oreophrynella quelchii*), que guarda mais semelhanças com rãs africanas do que com aquelas que vivem na savana aos pés da montanha ou mesmo em qualquer outro ponto da América do Sul. A espécie é endêmica do Monte Roraima, e, ao que tudo indica, está aqui desde o tempo em que essas rochas eram parte de um bloco só, antes do surgimento dos tepuis, o que lhe confere mais idade inclusive que a dos dinossauros. Anfíbios parecidos, mas sutilmente diferentes, foram encontrados no topo de outras montanhas da região, e esta é uma das provas de que os platôs um dia estiveram conectados, mas que, depois de milhões de anos de isolamento, cada grupo de espécies evoluiu à sua maneira, separado do chão e do resto do mundo por escarpas de até 500 metros de altura. É por essas e outras que os tepuis são tidos pela ciência como uma espécie de Galápagos amazônica, rodeada de nuvens em vez de mar.

Igualmente isoladas no alto dos platôs, centenas de espécies de orquídeas, bromélias, samambaias e outras plantas tiveram destino semelhante. Não apenas mantiveram certos traços pré-históricos como aprenderam a sobreviver num ambiente repleto de adversidades, onde ventos úmidos e gelados surgem a todo instante e os nutrientes, que poderiam favorecer o crescimento, são varridos montanha abaixo pelas torrentes que formam algumas das maiores cachoeiras do mundo.



Metaphors aside, the Monte Roraima is, in fact, a geological island, broken away from the rest of the world millions of years ago, where time ran free to create its own private universe. Mountains like that are called tepuis, and there is a hundred of those in northern South America, scattered in the area between the Orinoco River and the Amazon plain. The highest of them is Roraima, whose highest point, according to the latest measurements, sits at 2.734 meters above sea level. The tepuis constitute the highest portion of the Guianas High Plains, an age-old table, whose formation started in the pre-Cambrian era, 1.6 billion years ago. Its rocks, including those that rest on top of Roraima, are amongst the oldest on Earth.

The tepuis, as isolated mountains, are much more recent, with age estimated at 150 million

years. The same crack that broke South America off Africa and created the Atlantic Ocean also raised from the ground a massive 3-thousand meter thick sandstone block, right in that area. Successive movements of the planet's crust broke this colossus into a hundred pieces, creating cracks that erosion further widened and deepened. Those cracks became valleys and the blocks of sandstone grew more distant from one another, creating the tepuis. On the top, there remained a portrait of the planet at the moment of rupture, where animal and vegetal species evolved in total isolation, although preserving a certain relation to the neighboring mountains and even to other lands across the Atlantic Ocean.

*It is the case of a certain frog displaying a black back and yellow belly (*Oreophrynella**

No solo rochoso e quase estéril, espécies como a bromélia *Drosera roraimae* instruíram-se na arte de capturar e digerir insetos como meio de sobrevivência. Tornaram-se carnívoras, simplesmente. Tão singulares são as condições no topo do Roraima que algumas plantas chegam a ser endêmicas de um determinado ponto do platô, geralmente no fundo de um fosso onde se desenvolveu um microclima próprio. Ou seja, uma ilha ecológica dentro de outra.

Tudo isso confere ao alto do Roraima certo aspecto sobrenatural, onde estranhos jardins crescem sobre rochas escuras que não parecem pertencer a este planeta. As pedras na verdade são rosadas, que é a coloração própria do arenito, mas o tempo encarregou-se de cobri-las com um limo negro e escorregadio formado por cianobactérias (também chamadas de algas azuis), organismos que estão entre os mais antigos do planeta. O platô de 34 quilômetros quadrados está todo ocupado por essas rochas, das quais a ação dos ventos, das chuvas e dos rios lavrou grutas, fossos, vales, desfiladeiros e esculturas naturais, dessas que os homens sempre tratam de comparar a objetos reconhecíveis como uma maneira de tornar lugares hostis um pouco mais acolhedores.

Por aqui também correm muitas nascentes, que brotam cristalinas do chão e enchem a paisagem de lagos, piscinas naturais e pequenas quedas-d'água. Seu destino é, invariavelmente, a savana logo abaixo, e para alcançá-la os rios se lançam sobre os paredões na forma de cachoeiras monumentais. A maior do mundo, o Salto Angel,



com 979 metros, despenca do topo de um tepui, na Venezuela, não muito distante do Roraima. Essas nascentes fazem do Monte Roraima um divisor de águas, e foi baseado nesse critério que Brasil, Venezuela e Guiana estabeleceram, no início do século 20, a fronteira tríplice que divide o platô em três partes, a menor delas em território brasileiro. Desde 1989 esse trecho da montanha pertence ao Parque Nacional do Monte Roraima, área de 116 mil hectares que inclui ainda o Monte Caburá, no extremo setentrional do país, apenas 7 quilômetros mais ao norte que o Roraima.

Roraima é um nome saído do vocabulário pemón e significa algo como “Gigante Azul”, dada a tonalidade que a montanha adquire em certos momentos do dia, quando vista à distância. Para os pemones, e para muitas outras etnias indígenas que habitam as planícies em torno do tepui, este é também um monte sagrado, diretamente ligado ao mito de Makunáima. O herói que inspirou Mário de Andrade a escrever *Macunáima*, clássico do Modernismo brasileiro, tem origem nos relatos orais desses índios do norte, que nele enxergam um misto de ancestral e demiurgo, filho de uma rara noite de encontro entre o sol e a lua.

quelchii), that resembles more the African frogs than it does those that live on the savannah right at the foot of the mountain. It will not even remind of any other of their South American counterparts, for that matter. It is an endemic species from the Monte Roraima, and, as it seems, has been around since those rocks were part of a single block, before the tepuis were ever there. That alone makes them older than the dinosaurs. Similar amphibians, with subtle differences, were found on the top of other mountains in the region, and that is one of the evidences the plateaus were, at some point, connected, but after millions of years in isolation, each species group evolved in its own way, separated from the ground and from the rest of the world by 500-meter high walls. That is why the tepuis are seen by science as the Amazon version of the Galapagos Islands, though surrounded by clouds instead of seas.

An ecological island within another island.

All of that and more granted Roraima a certain supernatural aura, where strange gardens grown underneath outer worldly darkened boulders. The rocks are of a pinkish shade, sandstone's own coloring, but time weathered on them a slippery black moss produced by cyanobacteria (also called blue algae), some of the oldest living organisms in the planet. The 34-square kilometer plateau is taken over by those rocks, on which the wind, the rain, and the rivers carved caves, pits, valleys, cliffs and natural sculptures. Men always try to compare those to more

recognizable objects, so as to make the place a little less hostile and bit more sheltering.

Many springs run from here, they spill crystalline from out of the ground filling the sight with lakes, natural pools and small falls. The destination, invariably, is the savannah down below, and, heading for it, rivers intertwine over the high walls into huge waterfalls. The biggest of them all, Salto Angel, at 979 meters, plunges from the top of a tepui, in Venezuela, not too far from Roraima. Those springs make the Monte Roraima a watershed, and based on that criterion Brazil, Venezuela and Guiana established, in the beginning of the 20th century, the triple border line that divides the plateau down in three pieces, being the smallest one within Brazilian territory. Since 1989, this part of the mountain belongs to the Monte Roraima National Park, an area of 116 thousand hectares which also includes the Monte Caburá, on the northernmost end of the country, just 7 kilometers north of Roraima.

*Roraima is a word from the Pemón lexicon and means something like “Blue Giant”, given the tone of color the mountain displays at some times of the day, when seen from a distance. For the Pemones, and for many other indigenous ethnicities that dwell in the plains around the tepui, this is also a holy mount, directly linked to the Makunáima myth. The hero gave inspiration for Mário de Andrade to write *Macunáima*, classic work of the Brazilian modernism. It originally came from the tales told by those Indians in the north, that see it as a blend of*

Para eles, o Monte Roraima é o lugar onde repousa seu espírito.

Reza a lenda que Makunaima era um guerreiro dado às malandragens, e que, certa feita, tomado por uma fome atroz, derrubou wazaká, a árvore gigante de onde pendiam todos os frutos do mundo. Conforme contam os índios, a copa tombou para o norte, enchendo de florestas as terras hoje pertencentes à Guiana e à Venezuela. No sul, do lado brasileiro, restou uma savana árida e estéril. E, no lugar da árvore, onde antes se erguia seu tronco descomunal, ficou o cepo cravado no chão. Este, segundo a lenda, seria o Monte Roraima. Na mitologia dos índios pemones, chamados de taurepangues no território brasileiro, a montanha é também a morada da deusa Kuin, que aguarda no cume com música e licores todos aqueles que se dispuserem a alcançá-lo.

Essas crenças todas pertencem a tradições orais antiquíssimas, que custam a sobreviver num mundo como o de hoje. Faz algum tempo que os pemones foram cristianizados, e por isso a maioria já não acredita em muitas dessas histórias. Inclusive porque centenas desses índios já estiveram no topo do Roraima, alguns diversas vezes, guiando viajantes de certo espírito aventureiro. E, como puderam constatar, não há nada de música e licores lá em cima; apenas rochas e silêncio.

Quando não há turistas, as planícies ao redor do Roraima são domínio quase que exclusivo dos indígenas. Ao norte, espalhados pela savana

da Venezuela e da Guiana, vivem cerca de 30 mil pemones. Suas aldeias, inclusive, tornaram-se bases importantes para a infraestrutura turística da região. Ao sul, em solo brasileiro, estende-se a Terra Indígena Raposa Serra do Sol, onde cerca de 17 mil macuxis dividem uma área de 1,7 milhão de hectares com taurepangues (ou pemones), ingaricós, uapixanas e patamonas. É uma das maiores reservas indígenas do Brasil, criada em 1998 e homologada só em 2005, depois de uma intensa disputa local com produtores de arroz.

Apesar da presença maciça da população indígena, o homem branco desde muito cedo deu as caras por aqui, nem que fosse apenas de visita. O primeiro foi o inglês Walter Raleigh, misto de pirata, poeta e aventureiro que em 1595 penetrou o Orinoco em busca da cidade mítica de El Dorado. Esta ele não achou, mas viu muitas coisas em seu lugar, e uma delas foi o Monte Roraima, que avistou de longe e descreveu como “a torre branca de uma igreja de insuperável altitude”. Informado da existência de diamantes e outras pedras preciosas ali, batizou-a de Montanha de Cristal.

Outros vieram depois e muitos tentaram, em vão, conquistar o topo do Roraima. A honra coube ao botânico inglês Everard Im Thurn, que, em 1884, acompanhado de Henry Perkins, descobriu na face sudoeste uma rampa natural, formada por um desmoronamento do paredão, que dispensava o uso de equipamentos de alpinismo. Thurn chegou a pé ao platô, contou ao mundo o que viu e, segundo dizem, inspirou o escocês

ancestor and demiurge, son of a rare night of courtship between the sun and the moon. For them, the Monte Roraima is the place where their spirits rest.

The tale tells that Makunaima was a warrior with questionable character who, once, taken by great hunger, cut down the Wazaká, giant tree from which all the fruit in the world hung from. According to the Indians, it tipped to the north, filling the land that is today Guiana and Venezuela with rich forests. South, on the Brazilian side, what was left was an arid and sterile savannah. And, where once stood the humongous tree trunk, nothing but the stub was left. That, the legend claims, is the Monte Roraima. In the mythology of the Pemones Indians, called Taurepangues in Brazilian lands, the mountain is also home to the goddess Kuin, who waits at the top with music and liquor for those who can make it there.

All of those beliefs belong to ancient oral traditions, that can easily vanish in a world like today's. It has been some time since the Pemones were christened, and, because of that, most will no longer believe the stories. Also because hundreds of those Indians have been to the top of the Roraima themselves, some quite a few times, guiding adventure driven travelers. And, as they could see, there is neither music nor liquor up there; only the rocks and the silence.

When there are no tourists, the plains around Roraima are nearly the sole domain of the Indians. To the north, spread out in the savannah

of Venezuela and Guiana, some 30 thousand Pemones live. Their villages have become important basis for the touristic infrastructure in the region. To the south, on Brazilian ground, the indigenous reserve Raposa Serra do Sol stretches itself where about 17 thousand Macuxis share an area of 1.7 million hectares with the Taurepangues (or Pemones), Ingaricós, Uapixanas and Patamonas. It is one of the largest reserves in Brazil, established in 1998 and homologated only in 2005, after intense local dispute with rice farmers.

In spite of the massive native population, white men have been around for a long time, even if just as mere visitors. The first was an Englishman named Walter Raleigh, pirate, poet and adventurer all rolled into one, who in 1595 made his way into Orinoco in search for the mythical city of El Dorado. He did not find it, but, instead, was able to see plenty, among which, the Monte Roraima, seen from a distance and described as “the white tower of church set at insurmountable height”. Having learned of the existence of diamonds and other precious gems, he dubbed it Crystal Mountain.

Others came soon after, and many tried, in vain, to conquer the top of the Roraima. The honor was earned by English botanist Everard Im Thurn, who, in 1884, accompanied by Henry Perkins, discovered a natural ramp on the southwest face, formed by a land slide of the wall, which dismissed the use of climbing equipment. Thurn made to the foot of the plateau, told the

Arthur Conan Doyle a escrever *O Mundo Perdido*, em que o criador de Sherlock Holmes narra as aventuras de um grupo de exploradores em busca de criaturas pré-históricas no topo de montanhas que lembram, e muito, os tepuis amazônicos.

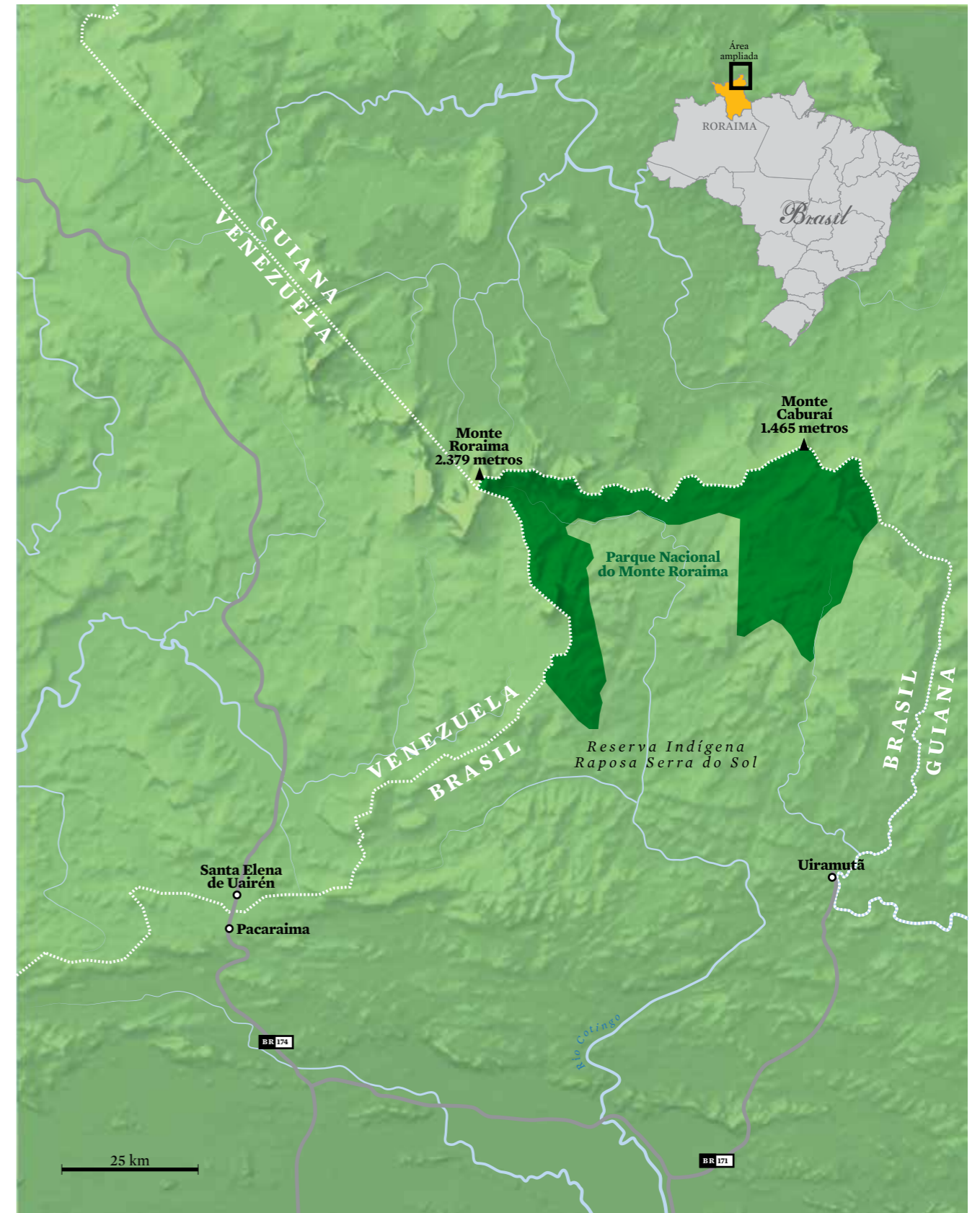
A via descoberta por Im Thurn é, até hoje, a única que permite ascender ao cume do Roraima caminhando. Isso é feito pelo lado venezuelano, o que obriga os viajantes brasileiros a cruzar a fronteira na altura da cidade de Santa Elena de Uairén e, de lá, seguir até a aldeia pemón de Paraitepui, de onde parte a trilha de dois dias que leva ao platô. No primeiro dia, anda-se cinco horas pela savana; no segundo, são oito horas de caminhada extenuante, ladeira acima.

Qualquer outro meio de subida envolve técnicas avançadas de escalada, inclusive quando feita pela face voltada para o Brasil, que se apresenta como uma muralha imensa dividida em dois degraus, o maior deles com 400 metros de altura. Foram necessários cinco dias de escalada para que, em 1991, três alpinistas brasileiros finalmente conquistassem o Roraima vindos de solo nacional. Uma vez lá em cima, contudo, todas as fronteiras criadas pelo homem se dissipam, invisíveis. A pátria, nesta ilha suspensa acima das nuvens, é só uma, e ela pertence ao tempo.

*world about it and, it is said, inspired Scotsman Arthur Conan Doyle to write *The Lost world*, in which the creator of Sherlock Holmes narrates the adventures of a group of explorers in search of pre-historical creatures on top of beds that remind, a great deal, the amazon tepuis.*

The path disclosed by Im Thurn is, to this day, the only one that allows ascending to the peak of the Roraima on foot. That is done from the Venezuelan side, what forces Brazilian visitors to cross the border near the city of Santa Elena de Uairén and, from there, follow towards the Pemón village of Paraitepui, from where the plateau-bound two-day hike starts. On the first day, it is a five-hour walk through the savannah; on the second, they are eight hours of extenuating uphill hike.

Any other means of going up will demand advanced climbing techniques, including when it is done from the Brazilian side, that displays a huge wall broken into two steps, being the largest 400 meters high. It took a five-day climb for, in 1991, three Brazilian mountaineers to finally conquer the Roraima coming from Brazil. However, once up on the top, all man made borders vanish into oblivion. The motherland, in this island suspended above the clouds, is one and it belongs to time and time alone.





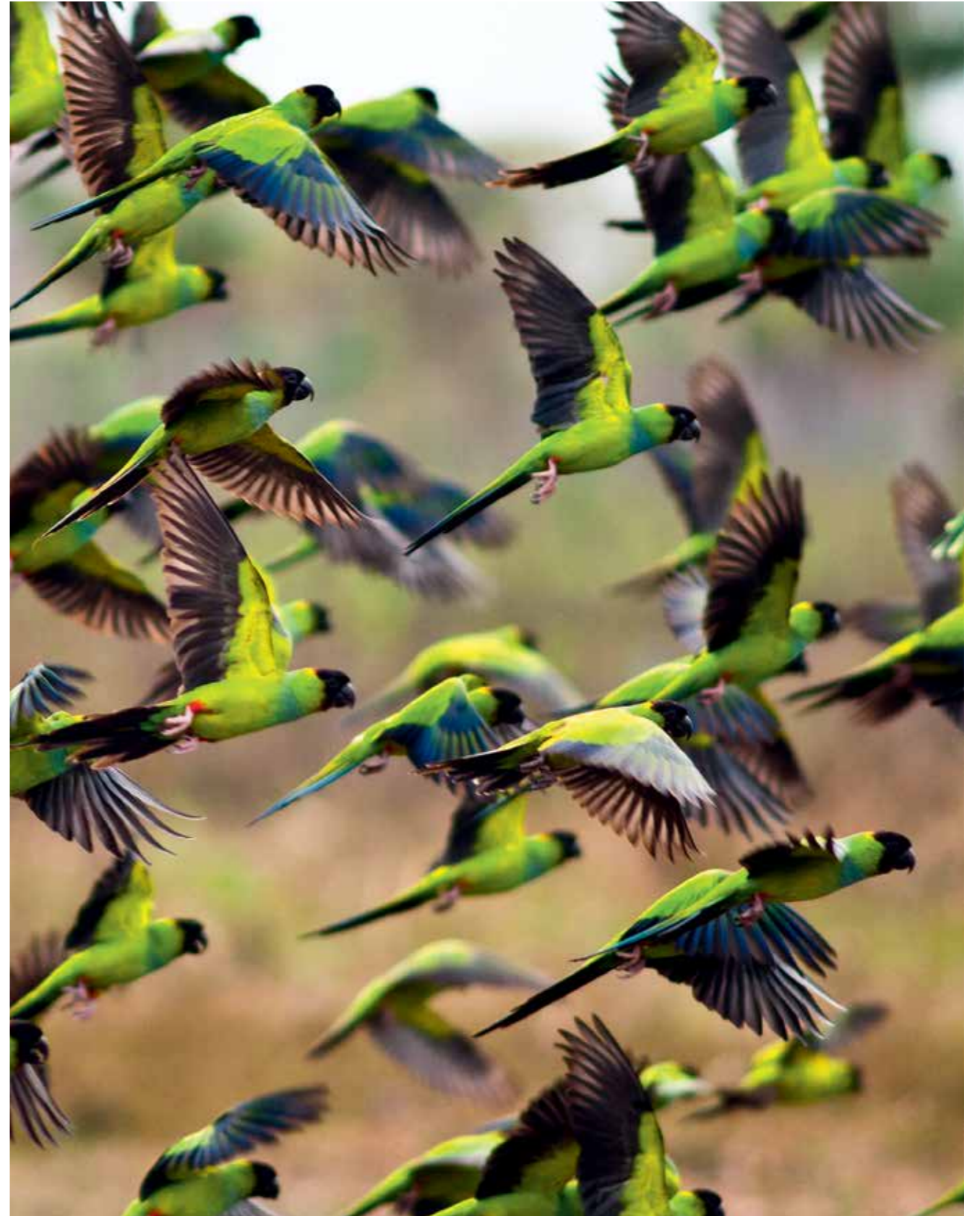
PANTANAL MATO GROSSENSE
Capricho das águas
Whim of the waters







200 Cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*) | Pantanal swamp deer

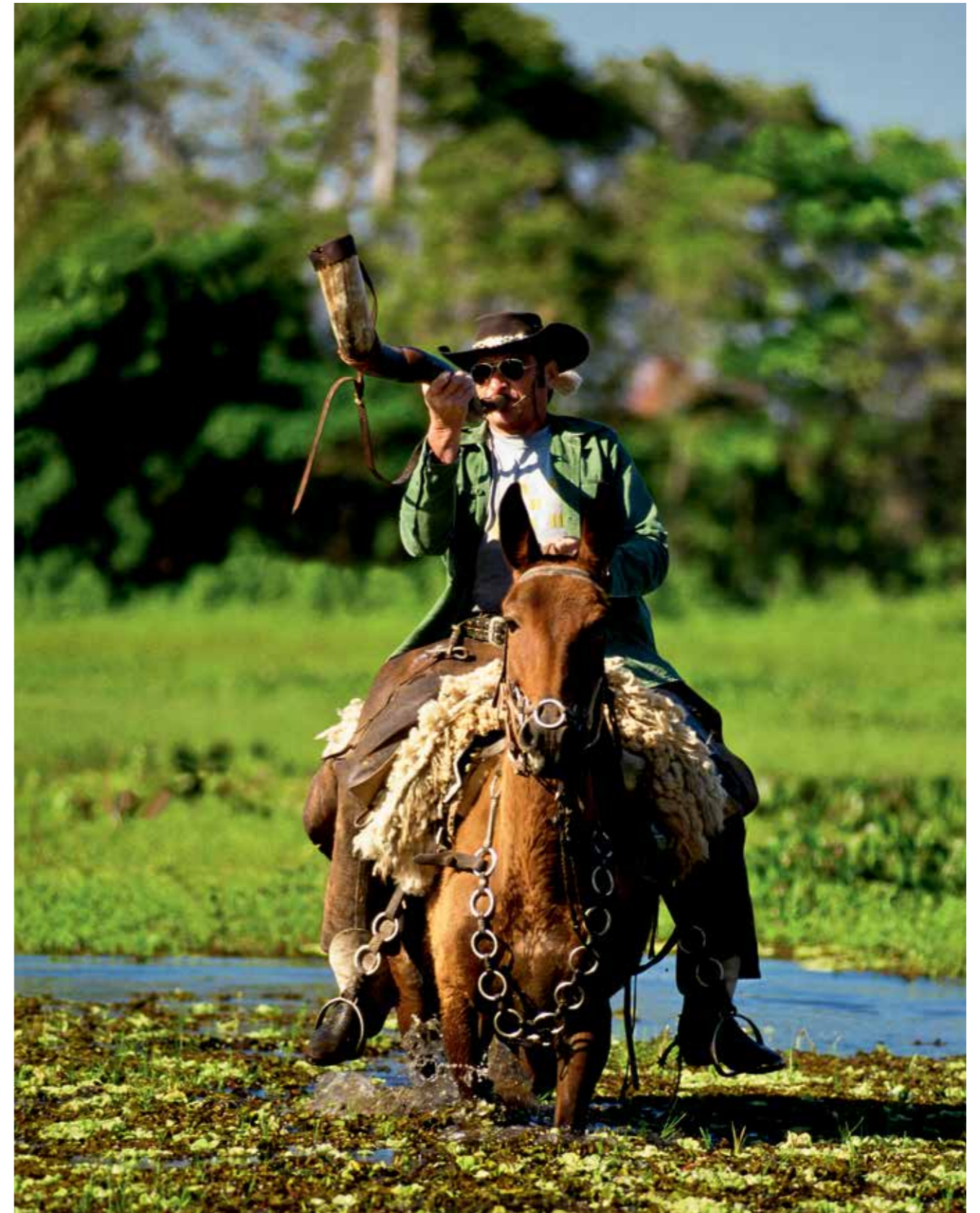


Periquitos-de-cabeça-preta (*Nandayus nenday*) | Black-hooded parakeet 201



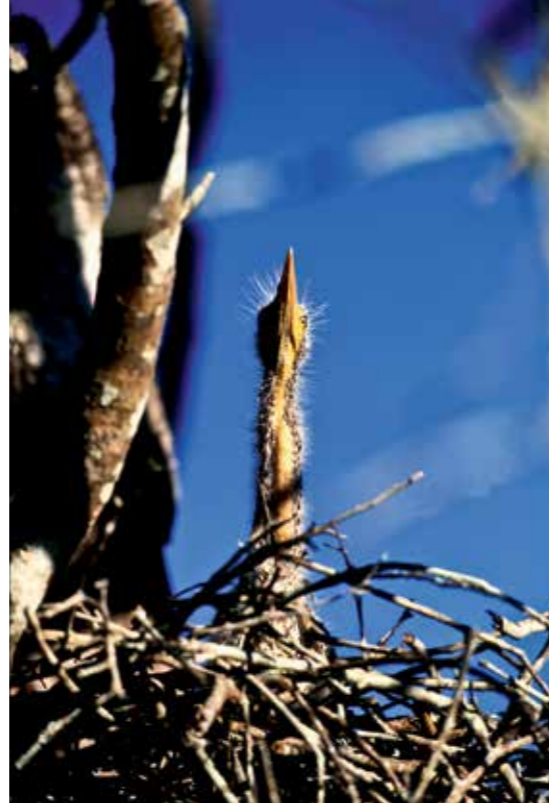
Sempre por volta de novembro, às vezes dezembro, o rugido de sapos e trovões decreta a reinvenção do Pantanal. As chuvas chegam imediatamente depois, e desabam de uma vez só, como se tivessem aguardado o ano todo pelo momento decisivo de mergulhar o oeste do Brasil no mais completo aguaceiro. Chove sobre a planície, sobre a cabeceira dos rios que correm do Planalto Central, chove em todo lugar. Num único dia, podem cair 178 bilhões de litros — o mesmo volume de toda a água engarrafada que se vende por ano no mundo. E, como se trata de uma planície quase sem aclives ou declives, a enxurrada, sem ter para onde escorrer, engorda rios, riachos e lagoas até fazê-los transbordar. Durante quatro ou cinco meses, uma onda sorradeira vai vestindo o Pantanal até transformá-lo num imenso mar de água doce. Quando chega abril, a planície está tomada por uma solidão oceânica, amortecida pelo calor. Os bichos recolhem-se às matas e os homens, às casas. Só os peixes é que desfrutam este mundo aquático para procriar e se alimentar dos frutos pendurados nos galhos das árvores submersas.

Always around November, sometimes in December, the roar of frogs and thunder heralds the reinvention of the Pantanal. The rain begins immediately, and then pours down all at once, as if it had waited all year for this decisive moment, to plunge western Brazil into complete downpour. Rain over the Plain, over the headwaters of rivers that run from the Central Plateau, it rains everywhere. In a single day, a 178 billion gallons can fall — equivalent to all the bottled water sold worldwide in a year. And, as this land is almost completely flat with neither inclines or declines, the runoff, with nowhere to drain, fattens rivers, streams and ponds till overflowing. For four or five months a wave creeps up, dressing the Pantanal in a vast lake of fresh water. When April comes, the plain is taken over by oceanic isolation, softened by the heat. The animals recoil into woods and the men into houses. Only the fish are enjoying this watery world to breed and feed on the fruit hanging from the branches of submerged trees.





Essa água toda, para sair, tem só dois caminhos. Um é pelo ar, por evaporação. O outro é pelo Rio Paraguai, o único gargalo da planície, que carrega as águas pantaneiras por 2 mil quilômetros até finalmente misturá-las ao Atlântico, na foz do Rio da Prata. Seis meses depois das primeiras chuvas, o Pantanal começa a secar. E nas concavidades do terreno permanecem numerosas ilhas de água doce cercadas por um mar de terra firme, arquipélago às avessas que transforma a planície num lugar inteiramente novo, repleto de vida. Essas lagoas são chamadas localmente de “baías”. E existem também as “salinas”, que são de água salobra, mistura de chuva e sais provenientes da Serra da Bodoquena. Aqui, os peixes que não puderam voltar ao leito dos rios durante a vazante permanecem confinados,



para deleite de jacarés, ariranhas e uma infinidade de pássaros.

Quem visita o Pantanal durante a seca deve achar que sobra bicho por aqui. A partir de agosto, toda a fauna pantaneira faz dessas lagoas um disputado ponto de encontro, a única promessa de água e comida farta numa terra enxuta. Nas salinas, os animais lambem os sais que repousam nas margens. Nas baías, reúnem-se não só aqueles que se alimentam dos peixes que ficaram aprisionados como também os que fazem dos comedores de peixes sua refeição, formando-se muitas vezes uma cadeia alimentar completa em torno de uma única lagoa. Sorte de quem está no topo da cadeia, como onças-pintadas, suçuaranas, jaguatiricas e sucuris, que dispõem de uma das maiores concentrações de fauna do Brasil para saborear.



All this water, to escape, has only two options. One is through air, by means of evaporation. The other is the Paraguay River, the only bottleneck of the plain, which carries the Pantanal waters two-thousand kilometers before finally mixing into the Atlantic, at the mouth of the River ‘Rio da Prata’. Six months after the first rains, the wetland dries. And in the hollows of the land remain numerous freshwater islands surrounded by a sea of land, the archipelago turns upside down, the plain becomes a whole new place, full of life. These ponds are locally called ‘baías’ or bays. And there are also the ‘salinas’ or salts, which are brackish waters, a mixture of rain and salt from the Bodoquena mountains. Here the fish that could not return to the riverbed during the ebb remain confined, to the delight of alligators, otters and countless birds.



Those who visit the Pantanal during the dry season may think there are more animals here than there could be. After August, the entire Pantanal fauna turns these lagoons into a disputed meeting point, the only promise of abundant food and water in a dry land. At the salinas, animals lick the salt crystallizing at the margins. At the baías, encounters take place not only between those who eat the trapped fish but also those who would make a meal of the eaters-of-trapped-fish, often forming a complete food chain around a single pond. Luckily for the animals at the top of the chain, such as jaguars, pumas, ocelots and anacondas, they have one of the largest concentrations of wildlife in Brazil to taste.

For birds, the drought is also a time to procreate, and trees around the baías appear

Para as aves, a seca também é tempo de procriar, e nas árvores ao redor das baías surgem imensos berçários coletivos, cada galho ocupado por uma família alada diferente. Só o ninhal Corutuba, um dos maiores do Pantanal, recebe 15 mil pássaros todo ano, entre biguás, biguatingas, colhereiros, cabeças-secas, tuiuiús e tantos outros. Nos campos antes inundados, permanece uma fina camada de matéria orgânica, que fará o mato e os capinzais rebrotarem cheios de nutrientes. É a garantia de que, até a chegada das próximas chuvas, capivaras, antas, veados e outros herbívoros não passarão fome. À terra renascida, os ipês respondem trocando as folhas pelas flores, roxas ou amarelas. No Pantanal, não há nada mais sintomático da chegada da seca que os ipês em flor.

Toda a vida na maior planície inundável do mundo – a de bichos, plantas e homens – resume sua existência à alternância entre o excesso de água e a ausência dela. Existem, sobretudo, dois Pantanaís, e em ambos quem determina o destino de todos é a natureza. Isso explica por que até hoje, a despeito de toda tecnologia, estrada nenhuma foi capaz de atravessar o Pantanal de ponta a ponta. Houve, na década de 1970, a saga inútil da Transpantaneira, cujo objetivo era ligar Cuiabá a Corumbá, mas acabou parando na metade do caminho, às margens do Rio Piquiri, vencida pelo meio natural. Se ainda hoje existe, é porque sobrevive graças às suas 126 pontes de madeira, praticamente uma para

cada quilômetro. Eis o fato: mesmo entrado o século 21, o Pantanal é um raro pedaço do Brasil onde a paisagem ainda está no comando. E, por causa dela, este é um dos poucos paraísos que nos restam. Merecidamente, no ano de 2000, toda a Bacia do Alto Paraguai foi transformada pela Unesco em Reserva da Biosfera, incluindo não só a planície como também a cabeceira dos rios responsáveis pela cheia.

Não fosse o aguaceiro, e o insuperável isolamento dele decorrente, certamente alguém já teria posto o mato abaixo para erguer cidades, estradas, fábricas ou lavouras. Mas não: a única maneira que o homem encontrou de fixar-se neste mundo governado pelas águas foi estabelecendo fazendas de gado descomunais, de tamanho suficiente para todo ano deixar-se cobrir pela cheia e ainda sobrar espaço para os rebanhos. São comuns propriedades de 100 mil hectares, ou até mais. Chega a ser espantoso, sobretudo quando visto sob uma ótica ambientalista, o fato de que 80% da planície pantaneira está ocupada por estâncias onde vivem, no total, quase 4 milhões de cabeças de gado. Em qualquer outro lugar do país, isso já teria resultado numa tragédia ambiental. Mas aqui, onde a economia não viu escolha senão se adaptar aos mandos e desmandos da natureza, homens e animais construíram um extraordinário exemplo de convivência, ainda que forçada.

Nos espaços deixados pelos fazendeiros para



to become immense collective nurseries, each occupied by a different branch of winged family. The Ninhal Corutuba Bay alone, inside the Pantanal, receives 15 thousand birds every year, including cormorants, darters, spoonbills, storks and many others. In the previously flooded fields, remains a thin layer of organic matter, which will allow the bush and grasslands to sprout plentiful nutrients. This ensures that, until the arrival of the next rain, capybaras, tapirs, deer and other herbivores won't go hungry. The earth reborn, the ipê, a tree characteristic of South America, responds with flowers blooming, purple or yellow. In the Pantanal, nothing is more symptomatic of the arrival of the drought that the ipês in bloom.

All of the life in the largest wetland in the world – animals, plants and humanity – sums up its existence by the switch between the excess and lack of water. There are, above-all, two

Pantanaís, and together determining the fate of all, is nature. This explains why even today, despite modern technology, not one road is capable of crossing the swamps from end to end. There was, in the 1970s, a saga of useless construction projects, aimed at connecting Cuiabá to Corumbá, but it failed halfway, on the banks of the River Piquiri, beaten by the natural environment. It's still there today, surviving thanks to its 126 wooden bridges, nearly one for every kilometer. Here's a fact: even as we enter the 21st century, the Pantanal is a rare piece of Brazil where the landscape is still in charge. And because of it, this is one of the few natural havens that remain. Deservedly, in 2000, the entire Upper Paraguay River Basin was transformed by Unesco into a Biosphere Reserve, including not only the plains but also the headwaters of the rivers responsible for the flood.



a cheia é que os bichos encontraram refúgio, transformando este lugar num dos mais ricos santuários de biodiversidade do continente. Rodeado pela Floresta Amazônica, pelo Cerrado e pelo Chaco paraguaio, o Pantanal tomou emprestadas espécies dos três biomas. Só de animais vertebrados são mais de mil espécies, e quase a metade são aves. Há tantos pássaros aqui quanto na Europa inteira. Não que todos os animais pantaneiros tenham vivido sempre na santa paz; onde existe a presença do homem, por mais indômito que seja o meio natural, sempre existirá certa tensão. Que o digam os jacarés-do-pantanal, as araras-azuis e as onças-pintadas. Todos praticamente desapareceram no século 20: os primeiros por causa do couro, as segundas pela plumagem e as terceiras, pelo ódio dos fazendeiros ao verem seus rebanhos atacados. Graças a projetos ambientais bem-sucedidos, as três espécies estão conseguindo se recuperar. Os jacarés já somam 3,7 milhões – quase quatro para cada habitante humano da região.

Gente mesmo o Pantanal tem muito pouca. Na porção brasileira da planície, que equivale a três quartos de todo o bioma, a população oficial está em torno de 1 milhão de pessoas. E dessas, quase todas vivem nas cidades das bordas, como Cuiabá, Corumbá, Miranda e Aquidauana, servidas pelas rodovias e em grande parte a salvo das inundações. O restante, aproximadamente 56 mil pantaneiros, moram nas fazendas, metidos nas áreas mais remotas da planície, bem onde as estradas nunca puderam chegar. Certas casas só se alcançam de barco, a cavalo ou de avião. Em tempo de cheia, só de barco. E nem mesmo de avião, já que até a pista de pouso costuma ficar debaixo d'água.

Por causa do isolamento, até bem entrado o século 20, a única conexão da gente pantaneira com o resto do mundo era pelo Rio Paraguai. Quem vinha do Rio de Janeiro tinha de subir o Rio da Prata e viajar de vapor por mais de 2 mil quilômetros até chegar ao porto de Corumbá. Como o trajeto incluía capitais como Montevidéu, Buenos Aires e Assunção, essas viraram referência

Were it not for the downpour, and the unsurpassed isolation which comes with it, surely someone would have cut the brush down to build cities, roads, factories or farms. But no: the only way humanity found to stick itself into this world ruled by waters was by establishing enormous cattle ranches, big enough to let flood every year and still have space for livestock. Commonly, properties are of 100 thousand hectares or more. It's startling, especially when viewed from an environmental perspective, the fact that 80% of the marsh plain is occupied by ranches which are home to, in total, almost 4 million heads of cattle. Anywhere else in the country, it would have resulted in an environmental tragedy. But here, where the economy saw no choice but to adapt to the demands of nature, human and animal have built an extraordinary example of coexistence, albeit forced.

In the spaces left to the flood by landowners is where animals have found refuge, making this place one of the richest biodiversity sanctuaries on the continent. Surrounded by rain-forest, the Cerrado and the Chaco of Paraguay, Pantanal samples three varieties of biome. Of vertebrate animals alone, there are more than a thousand species, and over half are birds. There are more birds here than across all of Europe. Not that every pantanal animal has always lived in holy peace; where there is the presence of the humans, the excess and lack of water, there will always be some tension. Just ask the pantanal alligator, the blue macaw or the painted jaguar. All have

but nearly disappeared in the 20th century: the first for its leather, the second for its feathers and the third, by the hatred of farmers, who saw their herds being attacked. Thanks to successful environmental projects, the three species were able to recover. Alligators have already reached 3.7 million— nearly four for every human inhabitant of the region.

Of people, the Pantanal has very little. In the Brazilian portion of the plain, which is equivalent to three quarters of the entire biome, the official population is around 1 million people. And of these, almost all live in border cities such as Cuiabá, Corumbá, Miranda and Aquidauana, serviced by highways and largely spared from flooding. The remainder, approximately 56 thousand, live on farms, located in the more remote areas of the plain, where roads have never been able to reach. Certain houses are reachable only by boat, horse or airplane. During the flood, only by boat. And not even by plane, because then the runway usually stays underwater.

Because of this isolation, until well into the 20th century, the only connection people of the Pantanal had with the rest of the world was the Paraguay River. Those who came from Rio de Janeiro had to go up the River 'Rio da Prata' and travel by steam boat for over two-thousand kilometers to reach the port of Corumbá. Since the path included capitals such as Montevideo, Buenos Aires and Asuncion, these have become cultural references for the people of the Pantanal much more than any other major city in Brazil.

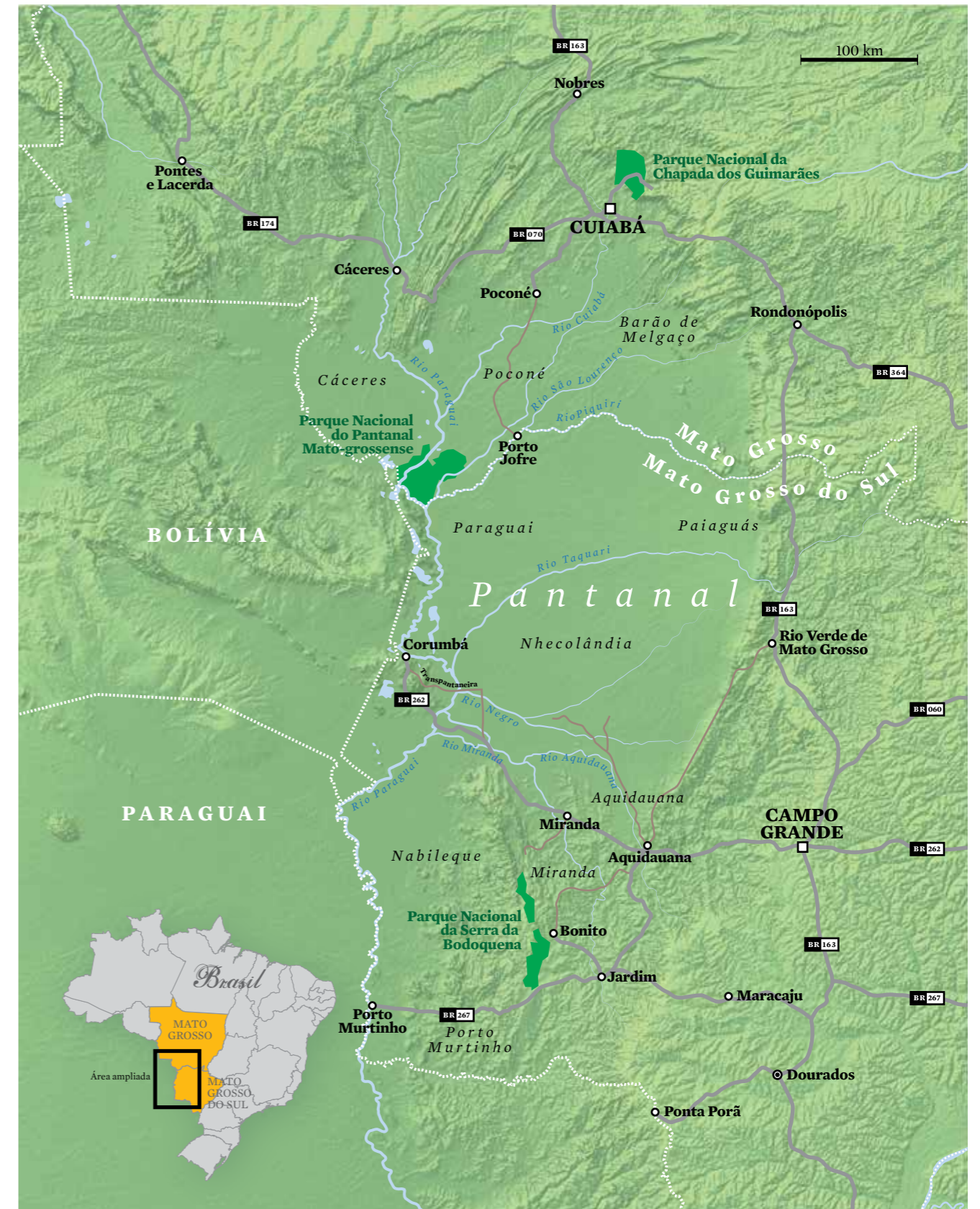
cultural para o povo pantaneiro muito mais do que qualquer outra grande cidade brasileira. Assim, no movimento inverso ao das águas quando escorrem na vazante, a cultura do Pampa invadiu a planície. Ainda hoje, música de baile popular no Pantanal é chamamé argentino, polca paraguaia e vanerão gaúcho. E nos momentos de descanso, tudo gira em torno do tereré, bebida nacional paraguaia e, por extensão, pantaneira.

Feito da erva-mate como o chimarrão, o tereré só difere do similar gaúcho por ser tomado gelado e na “guampa” (chifre de boi). De resto, assume as mesmas funções que nos campos do Sul: amansar os suores do corpo, diluir hierarquias entre patrões e peões e reforçar o pacto de mútua solidariedade que até hoje permite a sobrevivência dos homens neste lugar. Rodeado de água e horizonte por todos os lados, o povo pantaneiro estabeleceu laços de família e de amizade que se tornaram o melhor antídoto contra a solidão da planície. Enquanto as coisas se mantiverem desse jeito – e esse é o grande desafio do século que começa –, o Pantanal pode ser o grande exemplo de que o Brasil precisa para aprender as necessárias lições da coexistência. Não só entre os homens, mas também entre homens e bichos e, sobretudo, entre os homens e a paisagem que os cerca.

Thus, the backward movement of water when the tide flows in, the culture of the Pampas has invaded the plains. Even today, the popular dance music in the Pantanal is Argentinian chamamé, Paraguayan polka and Gaucho folk music. And in moments of rest, everything revolves around ‘tereré’, the national drink of Paraguay, and by extension, of the Pantanal.

Made of mate, just like the chimarrão, tereré only differs from the similar gaucho beverage in that its drunk cold and from a ‘Guampa’ (cow’s horn). Moreover, it assumes the same functions as in the fields of the South: taming the body’s sweats, thinning hierarchies between field boss and field hand and enhancing the pact of mutual solidarity that still allows the survival of humanity in this place. Surrounded by water and the horizon on all sides, the people of the Pantanal established family ties and friendships that have become the best antidote to the loneliness of the plains.

While things remain this way – and this is the great challenge of the commencing century – Pantanal can be a great opportunity for what Brazil needs to learn the necessary lessons of coexistence. Not only between people, but also between people and animals, and especially amongst people and the landscape around them.



Esteta da síntese

Uma imagem não é perfeita quando busca acrescentar o máximo possível de informações, e sim quando dela não se consegue remover nada.

Valdemir Cunha é um esteta da síntese. Não há o que ser retirado das cenas e personagens que ele nos apresenta. Parmênides da fotografia, Valdemir registra a substância em si, a unicidade do princípio, a verdade irremovível. Dos cafundós da Amazônia aos confins da Escandinávia, da vastidão do Sinai ao sapezal da Serra da Capivara, testemunhei seu olhar pré-socrático capturando almas e elementos de uma maneira que eu compreendia melhor o que vira e vivera depois, pelas fotos.

Com o Val, aprendi que não há antagonismo entre solicitude e firmeza. Sereno e generoso até em momentos de alta tensão, Val mostrou-me que é possível mitigar conflitos com temperança. Olhar acolhedor, voz plácida, autoironia sagaz, Valdemir Cunha tem o coração cheio de bondade. Sua mulher, Márcia, e seus filhos, Vinícius, Caio e Gabriela, têm a bênção do convívio intenso com esse homem virtuoso. E também, claro, seus amigos. Entre os quais, privilegiado, me incluo.

Katke Nanne

JORNALISTA E PUBLISHER DA EDITORA ABRIL
journalist & publisher for Editora Abril

The Esthete of Synthesis

An image cannot be perfect by adding a maximum amount of information to it. Instead, perfection lies in the inability to remove anything from it at all. Valdemir Cunha is an esthete of synthesis. There is nothing to be removed from the scenes and characters he presents to us. The Parmenides of photography, Valdemir registers the substance in itself, the singularity of the principle, the irremovable truth. From the remote reaches of the Amazon to the frontiers of Scandinavia, from the vastness of the Sinai to the grasslands of the Serra da Capivara, I have witnessed his Pre-Socratic approach, capturing the souls and the elements in a way that, only later, through his pictures, did I realize what I had actually seen and experienced.

From Val, I learned that is no antagonism between solicitude and firmness. Serene and generous, even at tense moments, Val showed me that it is possible to alleviate conflict with temperance. His welcoming look, his placid voice, his witty self-deprecation; Valdemir Cunha has a heart full of goodness. His wife, Márcia, and his children Vinícius, Caio and Gabriela are blessed to be in the intense company of this virtuoso. As, of course, are his friends. Among whom, I have the privilege to count myself.



Valdemir Cunha, 45 anos, fotógrafo e jornalista viajante, já percorreu todo o Brasil e mais de 80 países capturando imagens para livros e revistas. **Brasil Natural** é seu nono livro publicado. www.valdemircunha.com.br

*Valdemir Cunha, 45, photographer and travel journalist, has traveled all over Brazil and visited more than 80 countries capturing images for books and magazines. **Brasil Natural** is his ninth published book.*

Olhar de sentinela

Xavier Alzueta Bartaburu é diferente como seu nome. Nos seus longos silêncios, parece, também, uma alma impenetrável, dura e decidida como a de seus antepassados bascos. Mas é preciso vê-lo através de suas criações. Só então se percebe que, por trás de sua postura hirta e de um olhar de sentinela, esconde-se um barril de emoções à espera de uma centelha que o faça explodir. É assim com seus textos, firmes de estrutura, encharcados de referências e elegantemente poéticos. É assim, também, com as músicas que compõe e executa ao piano nas toadas sempre inovadoras de seu grupo, Nhambuzim.

E porque só é possível vê-lo assim, de dentro para fora, nas ocasiões em que abre suas guardas e relaxa suas reservas, Xavi – como me permiti chamá-lo nos muitos anos em que trabalhamos juntos e porque, em grande parte deles, fui seu chefe – sempre me pareceu antecipadamente imortalizado como amplo verbete das enciclopédias impressas ou virtuais do futuro.

Um artista de muitos talentos, um pensador de boas ideias, um editor ético e cioso que valoriza qualquer obra.

Ronny Hein

JORNALISTA E ESCRITOR FOI DIRETOR DE REDAÇÃO DAS REVISTAS OS CAMINHOS DA TERRA, VIAGEM E TURISMO, PRÓXIMA VIAGEM, LONELY PLANET ENTRE OUTRAS.
Journalist and writer, he has worked as editorial director for the magazines Os Caminhos da Terra, Viagem e Turismo, Próxima Viagem and Lonely Planet among others.

A watchman's eye

Xavier Alzueta Bartaburu is as different as his name. During his long silences, an impenetrable spirit appears, as hard and determined as his Basque ancestry. But it's necessary to view him through his creations. Only then do you realize that, behind the stiff exterior and the gaze of a sentinel, hides a powder keg of emotions waiting for a spark to detonate. This is the case with his writings, firmly structured, drenched in references and elegantly poetic. It's similar, also, to the music he composes, sings and performs on the piano, always innovatively with his band, Nhambuzim.

And because it's only possible to see him this way, inside out, on those occasions when he lets down his guard and relaxes his nerves, Xavi – as I allowed myself to call him during the many years we worked together, and because, for most of them, I was his boss – has always seemed to me, prematurely immortalized, like a lengthy entry in a printed encyclopedia or a virtual one from the future. An artist of many talents, a thinker of rich ideas, an ethical and conscientious editor who places high value on all his work.



Xavier Bartaburu, 35 anos, é jornalista especializado em viagens na natureza, meio ambiente e cultura imaterial. Escreve para livros, revistas e sites de internet. **Brasil Natural** é seu sétimo livro publicado.

*Xavier Bartaburu, 35, is a journalist who specializes in eco-tourism, the environment and immaterial culture. He writes for books, magazines and websites. **Brasil Natural** is his seventh published work.*

Agradecimentos

Em maio de 1992 nascia a revista *Os Caminhos da Terra*, uma publicação que rapidamente se transformou em referência para toda uma geração de biólogos, fotógrafos, viajantes, professores e pessoas que, já naquela época, acreditavam na importância de preservar o meio ambiente.

A revista *Terra* existiu por 17 anos, e nesse período suas reportagens apresentaram lugares e povos até então desconhecidos para a maioria dos brasileiros. Num tempo em que não havia internet, ela foi a “bíblia” dos viajantes aventureiros que buscavam por lugares remotos e ainda desconhecidos.

Eu tive o privilégio de fazer parte da equipe de *Terra* por quase toda sua existência e este livro é fruto do trabalho que desenvolvi na revista. Dedico **Brasil Natural** a todos os jornalistas e fotógrafos, diretores de arte, designers e revisores que fizeram parte da equipe daquela publicação, em especial para os amigos Alessandra Bottini, Alessandro Meiguins, Araquém Alcântara, Carolina Tarrío, Claudia Giudice, Cristiano Mascaro, Dalton Flemming, Eli Sumida, Jorge Cotrin, Jorge de Souza, José Airton Milanez, Henrique Fruet, Henrique Skujis, Hiro Ishikawa, Kaike Nanne, Klester Cavalcanti, Luis Patriani, Otávio Rodrigues, Ronaldo Ribeiro, Ronny Hein, Saulo Ribas, Thiago Medaglia, Vinícius Romanini e Xavier Bartaburu. Afinal, este livro nada mais é do que a continuidade do sonho que tínhamos na *Terra*.

Valdemir Cunha
EDITOR

Thanks

In May of 1992, the magazine *Os Caminhos da Terra* [“*The Paths of the Earth*”] was born, a publication that quickly transformed itself into a point of reference for an entire generation of biologists, photographers, travelers, professors and people who, even at that time, believed in the importance or preserving the environment.

The magazine *Terra* ran for 17 years and, during this period, its articles introduced a variety of places and peoples that had been, up until then, unknown to most Brazilians. At a time when there was no internet, it was a “bible” for adventurous travelers seeking remote and yet-undiscovered places.

I had the privilege of being a part of the *Terra* team for nearly its entire existence and this book is the fruit of the work that I developed in the magazine. I dedicate **Brasil Natural** to all the journalists and photographers, art directors and designers who were part of the *Terra* team, especially my friends Alessandra Bottini, Alessandro Meiguins, Araquém Alcântara, Carolina Tarrío, Claudia Giudice, Cristiano Mascaro, Dalton Flemming, Eli Sumida, Jorge Cotrin, Jorge de Souza, José Airton Milanez, Henrique Fruet, Henrique Skujis, Hiro Ishikawa, Kaike Nanne, Klester Cavalcanti, Luis Patriani, Otávio Rodrigues, Ronaldo Ribeiro, Ronny Hein, Saulo Ribas, Thiago Medaglia, Vinícius Romanini e Xavier Bartaburu. After all, this book, is merely a continuation of the work we did at *Terra*.

Valdemir Cunha
EDITOR

Editor **VALDEMIR CUNHA**
Publisher

Concepção editorial e fotografias **VALDEMIR CUNHA**
Concept and photos

Texto **XAVIER BARTABURU**
Text

Editora Executiva **MÁRCIA BERTONCELLO**
Executive publisher

Direção de arte e mapa **ELI SUMIDA**
Art direction and map

Revisão de texto **JORGE COTRIN**
Copyediting and proofreading

Tradução **LINNGUAGEM E MATTHEW RINALDI**
English version

Tratamento de imagens **RICARDO TILKIAN**
Prepress

Impressão **PANCROM**
Printing

Copyright 2011. Fotografias/photos by Valdemir Cunha,
texto/text by Xavier Bartaburu

Os direitos desta edição pertencem à Editora Origem
The rights to this publication belong to Editora Origem
Av. Raimundo Pereira de Magalhães, 1720 - bl 22 - cj 32
CEP 05145-000 São Paulo-SP Brasil
Telefone/phone (55 11) 3645-0301
www.editoraorigem.com.br

